

DA MESMA AUTORA DE IMPERFEITO AMOR
J F B B A U E R

DOCE CORACÃO

Livro I
Amor Proibido





DOCE GERAÇÃO

Livro I
Amor Proibido

Copyright © 2016 JFB Bauer

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

1. Literatura brasileira. 2. Romance.

Todos os direitos reservados.

É proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento da autora. Esse livro é fruto da imaginação da autora e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

ÍNDICE

[Apresentação](#)

[Prólogo](#)

[Doce Rebeldia](#)

[Doce Amizade](#)

[Doce Romance](#)

[Doce Encanto](#)

[Doce Paixão](#)

[Doce Dúvida](#)

[Doce Sofrimento](#)

[Doce Desilusão](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Doce Coração: Verdadeiro Amor - Livro II](#)

[Biografia](#)

[Outras obras](#)

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

APRESENTAÇÃO



Olá, queridos leitores. Mais uma vez estamos juntos nesse caminho que é curtir um bom romance. Fico imensamente grata por ter vocês aqui, lendo as histórias que quero compartilhar.

Na série *Doce Coração* vamos passear pela vida de três personagens principais: Grace, Jason e Nico. As histórias deles se entrelaçam e vão te emocionar. Será uma longa jornada até “o felizes” para sempre.

Espero que tenham interesse e paciência para me acompanhar nessa experiência maravilhosa.

Todos os capítulos têm um título em referência ao nome do livro e abaixo de cada título o nome de uma música que me inspirou. Sou uma autora movida por músicas. Assim fica uma dica de quem gosta de ler um bom livro escutando músicas românticas.

Começamos nesse primeiro livro com o nascimento de um lindo amor entre Grace e Jason.

Espero que gostem.

Com amor.

JFB Bauer

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS



A casa está escura. Todos devem estar dormindo. Agradeço por isso, preciso evitar as pessoas dessa casa o máximo possível, para ser exato pelos próximos três meses até completar dezoito anos, quando irei embora.

Sinto meu corpo mais calmo depois de todo jorro de adrenalina que passei. Sei que coloquei minha vida em risco, mas e daí? Não consigo me importar menos. Não depois do que tem acontecido na minha vida nos últimos dias.

Entro devagar, preciso de um banho, estou pura poeira e suor. Quando acendo a luz do quarto fico em total choque.

Deitada em minha cama, parecendo uma ninfa da mitologia grega, está Grace, linda, maravilhosa, esplêndida e completamente nua.

Ela tem os olhos brilhantes. Estou vendo uma mulher, uma mulher que se preparou para seduzir seu escolhido.

— Sei que fiz você esperar demais, e por isso quase o perdi, mas agora estou aqui para ser sua, Jason. Faça o que quiser comigo.

Sua inocência me comove, sua sensualidade me fascina.

Tento pensar coerentemente, tento desviar meus olhos, mas apenas consigo arrastar meus olhos por todas as suaves curvas da menina que amo.

Contudo, o juízo rapidamente volta e me viro ficando de costas.

Então em minha cabeça que é errado, que ela é proibida para que possa quem sabe acalmar meu corpo e meu coração.

— Se vista, Grace — digo rouco, com a voz mais dura do que pretendia.

— Jason...

— Agora, porra! —falo alto.

Ouçoo o farfalhar de tecidos e quando noto que ela está vestida me volto para ela. Grace tem lágrimas nos olhos.

— Não faça mais isso, Grace.

— Jason, por favor, eu não sei o que fiz de errado ou por que você mudou tanto, mas... eu te amo.

Engulo em seco. Preciso machucá-la, mesmo que doa muito mais em mim.

— Uma pena pra você, porque eu não te amo.

Ela soluça.

— Você disse... disse que me amava...

— Me confundi, porra! Eu sou um adolescente! Tenho o direito de mudar de ideia.

Ao analisar o rosto dela, vejo que consegui. Grace acredita no que estou dizendo.

Ela passa por mim e olha dentro dos meus olhos. Sempre desconfiei que ela conseguia olhar dentro de mim e por isso uso minha máscara de babaca insensível.

— Você conseguiu, Jason, fez com que eu consiga novamente te odiar — ela diz e se afasta indo até a porta —, infelizmente, ainda não deixei de te amar, mas vou conseguir.

Ela então sai e leva meu coração junto.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS



My Love – Westlife

JASON

Correr está no meu sangue. Eu soube disso desde que vi uma motocicleta pela primeira vez. Pilotar sempre foi meu destino. Ou quem sabe, como dizem, esse é o meu dom. Piloto por prazer. Piloto por raiva. Tenho apenas dezesseis anos e já sei o que esses sentimentos significam.

Estes sentimentos vieram à tona depois que minha mãe partiu. Sem mais nem menos, desapareceu. Minha mãe, minha melhor amiga.

Não gosto de pensar nesse assunto, por isso, quando sinto falta dela, quando não consigo deixar de pensar, extravaso correndo em rachas clandestinos na cidade onde vivo com meu pai e meu irmão. A família que ela deixou para trás.

Antes eu era um bom garoto. Cumpria meus deveres como todo bom filho deve fazer. Mas mesmo assim ela se foi. O que adianta então eu ser um bom garoto?

Vou mais é aproveitar a vida. Correr, transar, fumar um baseado. Nada que todo adolescente não faça.

Estou jogado na cama. Cheguei em casa há pouco. Estive na casa do
ACHERON - NACIONAIS

vice-prefeito da cidade, ou melhor, estive no quarto da filha dele.

Sorrio ao me lembrar de como a menina havia sido safada. Sinto meu corpo relaxado depois da atividade em que estive participando com Dani. Transar era uma das coisas que eu usava como válvula de escape.

Agora estou jogando videogame, meu segundo vício, o primeiro, é claro, eram as garotas.

A porta se abre e Nicolas, meu irmão mais velho, entra com um sorriso no rosto.

— E aí, mano? Estava na casa da Dani?

Não falo nada, porém não consigo esconder meu sorriso.

— Seu sortudo! — Ele empurra meu ombro.

— Não exagera, Nico.

— Vai negar que ela é gostosa? — pergunta.

— Não, ela é sim, mas você me conhece, já estou enjoando. Pode ficar com ela se quiser.

— Não sou como você, mano. Prefiro esperar por alguém que valha a pena.

Tiro os olhos da tela de TV, observando meu irmão.

— Viado! — resmungo.

Nicolas não dá bola ao que falo. Vivemos nos provocando. Somos muito amigos, mas completamente diferentes, tanto fisicamente quanto na personalidade.

Nicolas, ou Nico, como o chamamos, é loiro e tem os olhos azuis. É totalmente diferente do resto de nossa família. Não é por menos, ele é adotado. Pelo que sei nossos pais o adotaram quando eu tinha um ano e meio. Minha mãe era assistente social e se encantou pelo garotinho de três anos que perdera os pais em um acidente.

Meu irmão mais velho é um romântico incurável e alvo de minhas brincadeiras por conta disso. No fundo, mesmo que eu não admita, eu acho aquele lance bacana.

O mais interessante é que Nico é muito mais parecido com nossos pais na personalidade do que eu. Ele é calmo, tranquilo, sereno, já eu...

Ouvimos o barulho de um carro se aproximando. É o carro do nosso pai. Meu estômago se retorce na hora.

Nico sorri para mim. Acho que no fundo está tão nervoso quanto eu, mas acredito que lida melhor com a situação, na verdade sempre lidou... desde que ela foi embora.

— Elas chegaram! — Nico informa.

Ele não precisa dizer, eu já entendi.

Poderia parecer o contrário, mas eu realmente estava me esforçando para entender esse novo relacionamento do meu pai. Afinal, já fazia quase três anos, mas era muito difícil. Parecia que aceitar ele refazendo sua vida com outra mulher era estar desistindo de vez de esperar pelo retorno de minha mãe.

Talvez esse relacionamento dele o deixasse ocupado e ele não poderia mais pegar no meu pé. Afinal, meu pai era totalmente contra a vida que eu vinha levando nos últimos meses.

Desde o dia em que meu pai, completamente desconfortável, nos contou sobre seu romance com Luiza Castro, eu tento, tento muito não ficar com raiva. Eu não tenho o direito de ficar com ódio. Não dele. Porém, às vezes, fico sim.

Tenho raiva e ódio dela também, no entanto por mais que às vezes a culpe, que a odeie, ela é a minha mãe. Logo a raiva acaba passando. Então eu procuro culpar outras pessoas...

Lídia Soares foi embora sem dar explicações há exatos dois anos e sete meses. Eu conto cada dia. Nunca entendi o porquê. Ela nunca ligou, não mandou carta, mensagem ou o diabo que fosse.

Simplesmente sumiu. Meu pai ficou abalado no início, procurou por ela,

mas com o tempo foi aceitando. Nico também. Eu não. Nunca aceitei e nem vou aceitar.

Minha mãe é minha melhor amiga. Eu à amava, aliás, a amo muito. Ela disse que nunca iria me deixar, então não consigo entender por que foi embora. E esse namoro do meu pai... não sei, sinto como se ele a estivesse traindo, por mais que esta não estivesse presente.

Então, o grande dia chegou. Hoje é quando iremos conhecer a namorada do meu pai e a filha dela. Eu estou superanimado... é ironia, é claro.

— Vamos lá, bundão! Vamos ter que passar por isso mesmo — Nico fala já saindo do meu quarto.

Ele sempre aceita tudo numa boa que chega a ser irritante.

Com desânimo, largo o videogame e saio do quarto arrastando os pés. Só imaginando o saco que será aquele jantar.

Logo que desço as escadas, encontro meu pai na entrada. Ao lado dele há uma mulher na sua faixa de idade. Uma mulher bem bonita, posso constatar. Não era tão bonita quanto minha mãe, mas não posso deixar de notar que o velho tem bom gosto.

— Jason!

Vestido com sua melhor camisa, Nestor Travelli, meu pai, me saúda efusivamente. Nem parece que brigamos feio horas atrás quando ele descobriu que eu fumei maconha na escola.

Meu pai está animado como há muito não o vejo.

— Essa é Luiza — diz gesticulando para a mulher ao seu lado. — Lu, esse é meu filho, Jason.

A mulher abre um belo sorriso. Tem um olhar carinhoso, afetuoso e bondoso. Um olhar de mãe. Na mesma hora sinto meu coração doer.

Isso não era hora para ser a porra de um sentimental!

— Olá, Jason, seu pai me falou muito sobre você.

— Oi... — Coço a cabeça, sem saber como me portar. — Senhora...

— Pode me chamar de Luiza — ela me acode. — Espero que possamos nos dar bem.

— Claro.

O que mais eu posso dizer?

Só então percebo que Nico não está próximo. Meu irmão está afastado, na sala, olhando algo fixamente.

Direciono meus olhos para o lugar onde meu irmão está, e para o que ele está olhando tão fixamente. É então que a vejo pela primeira vez.

“Nem ao menos é bonita.” É a frase que passa pela minha cabeça assim que vejo a garota.

Ela deve ter no máximo uns quinze anos e é... ajeitadinha. Tem um cabelo castanho ondulado na altura dos ombros. Olhos também castanhos, magrinha que voaria se um vento mais forte a surpreendesse. Parece frágil. Mas o que mais chama atenção é o nariz dela. Não é proporcional ao rosto. Não que a deixe feia, só é, talvez, um pouco grande demais para o rosto dela.

Continuo encarando a menina notando que ela usa um vestido com casaquinho em tons claros. Sei lá que raio de cor era aquilo, dizem que aquilo era bege. É uma cor pálida, com ausência de cor. A menina veste-se toda certinha como uma mocinha de família deve ser.

Eu não daria uma segunda olhada para ela se a encontrasse na rua ou na escola. Mas, agora, ali, ela me chama a atenção. Isso ocorre porque ela é a filha da minha futura madrasta.

É proibida.

— E aí? — falo para a garota que se encolhe ao me ouvir.

Eu sou quase o dobro do tamanho dela, talvez por isso a assusto.

— Essa é a Grace Kelly, Jason, filha da Luiza — meu pai fala.

“Quem mais poderia ser, pai?”, ironizo em pensamento. Não posso

ACHERON - NACIONAIS

deixar de ficar curioso. Que nome estranho tem essa garota!

— Grace Kelly? — repito.

— O nome da princesa de Mônaco — Nico responde, também fascinado, olhando para a menina.

Eu não faço ideia que há uma princesa com aquele nome.

— Pode me chamar apenas de Grace — ela diz com a voz bonita, melodiosa.

Surpreendo-me por pensar aquilo. Desde quando me importo com o som da voz de uma pessoa? De uma garota? A não ser os gemidos, esses sim eu gosto de ouvir.

A menina me olha demoradamente e aquilo começa a me deixar incomodado. Ela parece olhar fundo, como se visse dentro de mim. Sinto uma agitação estranha, como se existisse uma ligação entre nós, o que é ridículo.

Por mais que o título de “proibida” me atraia, ficarei longe dessa garota. Ela não faz meu tipo. É inocente demais. Doce demais.

Por sorte meu pai avisa que o jantar está servido e todos nós seguimos para lá, e assim posso escapar do olhar da garota sem graça.

Durante o jantar, que fora encomendado em um restaurante famoso da cidade, tenho que suportar meu pai babando pela nova namorada: a mulher que está no lugar da minha mãe. Pior é que eu nem posso direcionar minha raiva à Luiza, pois a mulher era extremamente cordial e simpática. Então me seguro tentando me concentrar na comida.

Percebo, então, que a tal menina, Grace, me encara cada vez que eu olho na direção dela. Obviamente, tenho que deixar claro de que ela não faz meu tipo.

Já estou acostumado a despertar atenção e paixões em meninas adolescentes, pelo jeito não será diferente com minha nova meia-irmã.

Minha mãe sempre dizia que eu seria um homem que chamaria a atenção. Éramos bem parecidos fisicamente. Tínhamos o tom de pele mais escuro,

ACHERON - NACIONAIS

quase como se estivéssemos bronzeados o ano inteiro, cabelos escuros e olhos negros. A família da minha mãe era da Colômbia e acho que puxamos muito as características daquele povo.

Por isso é comum os olhares de cobiça das mulheres sobre mim. Mesmo eu não tendo 17 anos, isso não impede que até mulheres mais velhas me avaliem. Isso sempre me deixou envaidecido. Mas não com o olhar dessa menina. Essa garota estava fora de cogitação.

Ao final do jantar, Nestor convida Luiza para conhecer o restante da casa. Com isso ficamos meu irmão, eu e Grace.

— Seu nome, Jason... é como o daquele filme, *Sexta-feira 13*? — pergunta.

Olho para ela. A irritação perpassa meu corpo.

— É sério isso? Acha que ninguém fez essa brincadeirinha de associar meu nome ao assassino do filme?

— Desculpe... — pede tímida. — Não queria ofender...

— É sim, meu nome se pronuncia como o do psicopata do filme. Algo mais? — pergunto rude.

Novamente, sinto o olhar quente e intenso da menina sobre mim.

— O que você tanto olha, garota? — pergunto a ela, mais irritado ainda.

Noto as bochechas da menina ficarem vermelhas.

— Nada — responde tão baixo que mal passa de um sussurro.

— Você não faz meu tipo, então pode parar de ficar me encarando!

— Não seja grosso, Jason! — Nico intervém. — Não liga pra ele não, Grace, está sempre de mau humor.

— Ok. Pra mim já deu desse teatro. Vou me mandar.

Levanto arrastando a cadeira para longe.

— Papai vai se chatear — Nico avisa.

— Foda-se! Não estou nem aí!

Olho de volta para Grace que agora tem a cabeça baixa, corada de vergonha. Por um breve momento me arrependo de tratar a menina daquela forma. Ela não tem culpa dos meus problemas.

— Vai sair de moto? — Nico questiona.

— Vou — respondo ainda olhando para Grace.

— Jason... o pai pediu pra você esperar até os dezoito.

— Se ele ou você pensam que vou deixar minha moto parada até completar dezoito anos estão muito enganados.

Antes de sair ainda escuto Grace perguntar:

— Por que ele é tão revoltado?

Saio de casa sem olhar para trás. Minha moto está guardada na garagem e é para lá que sigo. Assim que a olho sinto a adrenalina querer tomar conta de mim. A bela Kawasaki, que apelidei de suçuarana, que significa onça, está estacionada. Pronta. À minha espera.

É uma onça enjaulada pronta para dar o bote. Assim como eu sou uma fera que precisa extravasar sua fúria.



Quando começo a sentir o vento no rosto não resisto em acelerar pela estrada deserta naquele horário. Amo a sensação de liberdade que é pilotar. E principalmente a sensação que é conduzir aquela motocicleta. Minha suçuarana.

Ela fora de minha mãe. Estar nessa moto é como se pudesse ficar mais próximo dela. Ela havia me dado poucos dias antes de ir embora. Naquele dia fiquei muito contente e ela me fez prometer que eu a usaria apenas quando

tirasse a carta de motorista aos dezoito anos. Mas como posso deixar uma Kawasaki daquelas parada? Além disso, ela não está mais aqui para me ver descumprir a promessa, e no fim ela também descumprira a promessa de nunca me abandonar.

Herdei de minha mãe a paixão pelas motos. Por isso éramos tão ligados, éramos companheiros. Ela era diferente das outras mães, se comparando com as dos meus amigos.

Nunca entendi como meu pai e minha mãe se casaram, principalmente dada as diferenças entre eles. Já ouvi um ditado que diz: os opostos se atraem. Talvez fosse esse o caso. Mesmo assim nunca entendi. Agora ele está com a Luiza e ela sim parece ser o tipo dele.

Poucas quadras depois avisto o que procuro. Há várias motos estacionadas por todo lado. Rapazes fazem os motores rugirem expondo as máquinas potentes que possuem. Outros brincam de arrancar e parar.

O racha começa mesmo depois da meia-noite. É quando a maioria dos policiais vão para casa e apenas meia dúzia ficam de serviço. Essa é uma cidade pacata. Pelo menos até todos irem dormir. Aí é quando ela se transforma na cidade das motos. É quando nós os motociclistas amadores aproveitamos as ruas vazias para nos divertir.

Júlio, um amigo que curte velocidade tanto quanto eu, acaba olhando para onde estou. Ele sai de perto de um grupo de motoqueiros e vem até mim.

— E aí, cara? — me cumprimenta. — Achei que não fosse te ver por aqui.

— E por que eu não viria? — pergunto.

— Bem... er... — Júlio ficou sem graça.

Eu sei o porquê de seu jeito. É porque meu pai, Nestor Travelli, é um homem importante na cidade. Foi vice-prefeito e é um advogado influente. Imagina-se que os filhos de tão alta figura não participem de ações ilegais. Ledo engano.

— Meu pai não manda em mim, cara.

— Beleza, Jason! Vem aqui, que vou te apresentar um pessoal. Eles vieram de outra cidade para correr com a gente.

Juntamente com Júlio, me aproximo de um grupo de rapazes e logo sou inserido no bando.

— Você tem só dezesseis anos e tem essa máquina! — Um dos caras diz assim que observa minha suçarana.

Ele está impressionado. Fico orgulhoso.

— Sim. E em breve terei dezessete — digo presunçoso.

— Tanto faz — diz um rapaz ruivo chamado José. — Ainda é um pirralho.

O encaro, enfezado.

— Não adianta ter uma máquina dessas se não sabe usar. Tem que ver se ele sabe fazer essa beleza rugir — Caio, um dos rapazes do grupo, ironiza.

— É só pagar pra ver! — provoco.

— Beleza! Vem correr com a gente — convida o ruivo.

— Errado! — digo. — Vocês que são de fora. Vocês é que vem correr com a gente.

Júlio sorri gostando do meu jeito de marcar nosso território. Os forasteiros apenas sorriem e nada mais é dito. É hora de provar quem é o melhor.

Sinto a adrenalina subir por meu corpo jovem. É sempre assim quando piloto. Em todas as vezes que participei de rachas, eu sempre venci. Por isso estou tranquilo

— Pode se garantir, Jason? — Júlio indaga próximo a mim. — Você não está acostumado com esses caras, eles são marrentos.

— Pra tudo tem uma primeira vez, Júlio. Relaxa, cara. — Sorrio. — Vou vencer.

— Você é um pretensioso do caralho! — diz e ri. — Eu posso vencê-los também.

— Faça seu melhor — o instigo.

Júlio sorri e segue para sua motocicleta. Uma bela máquina. Tenho que admitir.

As motos são colocadas lado a lado. Estou entre a sexta e oitava moto. Os motores começaram a rugir alto. Meu corpo inteiro fica eletrificado, meu coração bate forte e uma sensação inebriante me domina. Contudo, antes de ouvir o sinal soar para partirmos ouvimos um grito:

— Polícia! Polícia! Ferrou!

Começa então uma correria. Todos querendo fugir. Fico parado por instantes sem saber como sair daquela enrascada. Dou-me conta de que preciso dar o fora dali rápido. O local está cheio de carros da polícia. Tento levar minha moto em direção a estrada principal, mas há muitas pessoas correndo em todas as direções e tenho que ir devagar para não atropelar ninguém. É quando um carro da polícia me fecha. Sinto o sangue gelar: estou literalmente ferrado.



Na sala da delegacia finjo estar alienado ao que o delegado diz ao meu pai, mas não é verdade. Eu estou ciente de todas as complicações de meus atos e ouço cada resmungo do meu pai, que não disfarça o quanto a situação o incomoda.

Olho para ele por um tempo. Somos tão diferentes. Eu sou um adolescente ainda, mas já tenho consciência disso.

Primeiro há as diferenças físicas. Meu pai é loiro de olhos azuis e meu irmão, mesmo adotado, é mais parecido com ele do que eu que sou seu filho legítimo.

ACHERON - NACIONAIS

Fora as diferenças físicas há também as de personalidades. Novamente Nestor e Nicolas tem o temperamento parecido: eram calmos, sérios e compenetrados. Ao contrário deles, eu e minha mãe éramos intempestivos, impulsivos quase a ponto de sermos considerados imponderados.

— Eu entendo que isso possa ser um transtorno para o senhor, mas sabemos que isso é o mais correto. Sua posição na cidade é de destaque, senhor Travelli, e por isso que deve ser o exemplo.

Escuto novamente o diálogo entre o delegado e meu pai.

— Concordo plenamente, delegado. Não está no meu caráter querer passar por cima da lei, mas deve entender que Jason é meu filho. E é apenas um adolescente.

— Sim, eu entendo isso. Mas ele não pode deixar de assumir as responsabilidades do que faz.

Encaro os olhos do delegado que estão em mim sem me rebaixar. Sei que o homem não gosta de mim por conta da filha dele. Eu e Ana havíamos sido surpreendidos pelo pai dela em uma situação bem comprometedor e desde então ele não simpatizava comigo.

Dane-se ele! Eu não tenho culpa se a filha dele gosta de usar a boca, e a menina tem uma boca espetacular.

— Acredito que os danos não foram tão terríveis. Poderia ter sido pior — o delegado fala e então olha para mim. — Poderia ter se machucado, filho, ou machucado outras pessoas. É melhor pensar antes de fazer esse tipo de coisa.

Concordo, a contragosto, o velho tinha razão.

— Ele vai pensar, delegado.

Meu pai responde deixando claro sua irritação e o aviso implícito nela.

— Não é bom que o filho de tão ilustre cidadão de nossa cidade seja visto participando de atividades ilegais.

Eu reviro os olhos. O delegado prezava pelos valores morais e bons
ACHERON - NACIONAIS

costumes. Babaquice!

— Isso não vai mais acontecer — garante Nestor.

— E a minha moto? — pronuncio.

— Ficaré sob minha jurisdição até que você complete dezoito anos — explica o delegado.

— O quê?! — Meu gênio forte logo começa a aparecer.

Eu não iria deixar a minha moto, a moto da minha mãe, nas mãos da polícia!

Temendo minha reação, meu pai se levanta apertando a mão do delegado.

— Obrigado, Diogo. Prometo que meu filho não se meterá em situações de ilegalidade novamente.

Sob protestos saio arrastado da delegacia em direção à rua, porém quando chegamos onde o carro está estacionado, não me seguro.

— Vai concordar com isso?! — explodo.

— Sim, eu vou — meu pai responde calmo, calmo demais.

— Eu não vou aceitar...

— Você não tem escolha, Jason. O delegado já foi bem indulgente deixando você sair sem nenhuma queixa.

— Essa é a moto da minha mãe! Não vou deixar ela aqui, porra! — grito.

O estrondo da porta do carro batendo me pega desprevenido. Meu pai não é um homem violento, muito pelo contrário, por isso me surpreendo ao ver a raiva em suas feições.

— Não sei mais como agir com você, Jason! — ele diz se aproximando de mim. — Há uma semana foi pego fumando maconha...

— Ah, pai, como se você nunca tivesse feito isso quando era jovem.

ACHERON - NACIONAIS

— Sim, eu fiz, mas não é a isso apenas que estou me referindo, Jason. É a tudo. Você era um bom garoto. Tirava boas notas, respeitava as pessoas... agora parece um... selvagem... se metendo em rachas, brigas. Quero que volte a ser aquele menino, filho.

— Sim, eu era um bom garoto, pai, e veja o que me trouxe de bom, minha mãe me abandonou — digo, magoado. — E você nem liga...

— Você me culpa por algo que não tenho culpa, filho.

Abaixo o olhar.

— Não sei por que sua mãe nos abandonou, mas sei que ela não gostaria de vê-lo desse jeito sempre tentando se meter em confusões, disposto a prejudicar seu futuro.

— Ela não se importa comigo. — Dou de ombros.

— Não fale assim. Tenho certeza de que ela se importa, de que ela te ama.

— Como pode defendê-la? Até uma namorada você já tem. Está pouco se importando também.

— O que você quer, Jason? Que eu fique sozinho à espera da sua mãe voltar? Isso se ela voltar. Eu não tenho raiva dela, mas preciso seguir em frente com a minha vida.

Começo a andar sem direção, eu não curto esse lance de conversar sobre minha mãe, e muito menos essa coisa sentimental entre mim e meu pai.

— Jason? — ele me chama, o que me faz parar. — Eu iria conversar com você hoje, em casa, com calma e tranquilidade, mas você sumiu... bem... Luiza e Grace vão se mudar para nossa casa.

Fico olhando para ele. O que ele espera que eu diga?

— Sei que pode ser difícil para você ver Luiza ao meu lado...

— No lugar que é da minha mãe — acrescento.

— Não é assim... Luiza será minha mulher, mas Lídia sempre terá o

ACHERON - NACIONAIS

lugar dela, que é de sua mãe. Sua e do seu irmão.

— Tá legal, pai. Chega desse papo.

— Certo, então espero que você as trate bem, ok? — alerta.

— Tanto faz.

— Jason...

— Está bem — respondo bufando.

— Se você se esforçar, eu vou conversar com o delegado para liberar sua motocicleta...

Eu não posso evitar que um sorriso apareça em meus lábios.

— Mas apenas se você se comprometer a ser um bom garoto.

“Bom garoto nem pensar”, pensei comigo. Isso não combina mais comigo.

— Eu vou... vou tentar ser legal — falo.

Voltamos para casa, era madrugada quando chegamos, e penso que meu pai foi até bacana em relação ao que houve nesta noite. É claro que durante o caminho ele me deu “aquele” sermão sobre responsabilidade e blá-blá-blá. Mas até que não foi de todo ruim.

Ao entrar no meu quarto encontro Nico à minha espera.

— E aí, mano? Como foi lá? Deu tudo certo?

Meu irmão pergunta visivelmente preocupado. Não é aquele tipo de pergunta para sacanear, tipo de irmão que gosta de ver o outro ferrado. Eu tenho sorte. Meu irmão é um cara legal.

— Tudo tranquilo, Nico. O pai resolveu tudo.

— Que bom. Fiquei meio bolado quando ele saiu furioso depois de receber a ligação do delegado.

— Imagino, mas foi tudo numa boa. Claro que vou ter que me comportar

e tal e minha moto ficou retida.

— Ah, saco!

— Pois é.

— O pai te falou que elas se mudam amanhã? — quis saber interessado na minha reação.

— Falou.

— Elas são legais, Jason.

— Mas ela não é a nossa mãe — resmungo.

— É, não é.

Ele parece triste.

— Você pensa nela, Nico?

Ele pensa na resposta.

— Não muito.

— Eu penso sempre — admito. — Sinto falta dela.

— Eu procuro não pensar. Não quero pensar que ela me adotou pra depois me abandonar... não quero ficar com raiva dela, por isso não penso.

Ele é sincero.

— Vou dormir.

Nico sai do meu quarto e fico pensando no que ele disse. Talvez para Nico fosse mais difícil do que para mim. Nunca tinha visto por esta perspectiva.

No dia seguinte, um sábado em que eu dormiria até mais tarde, acordo com barulhos pelos corredores e no jardim.

Falo palavrões tentando voltar a dormir, mas não consigo. Por fim resolvo levantar.

Saio do quarto como de costume, sem camisa e calça de moletom. Essas calças eram boas pra caralho! Não precisar usar cuecas e deixar tudo solto era bem confortável.

Entendo, então, por que acordei. Há um falatório que vinha do andar inferior. Pela voz parecia ser da minha nova madrasta.

Duas portas após a do meu quarto vejo Grace rodeada de caixas. Parece que ali será o quarto da minha nova meia-irmã.

Escoro o ombro contra o batente da porta e fico espiando-a. Ela parece perdida, não sabendo por onde começar.

— Quer ajuda?

Ela se assusta e se vira me olhando. Não passa despercebido que ela dá uma conferida no meu corpo antes de olhar para meu rosto.

— Não, não preciso da *sua* ajuda.

Ela enfatizou bem o “sua” para que eu soubesse que era comigo.

A garota tímida e que pareceu se encolher quando falei com ela no dia anterior, não parece mais existir. Agora é uma gatinha com as unhas afiadas. Aquilo me irrita e me deixa ligado, o que me deixa ainda mais irritado.

Entro no quarto sem ser convidado, com raiva, mas ela se desfaz quando noto novamente o olhar de cobiça de Grace. Um lento sorriso convencido aparece no meu rosto.

— Não devia ficar me secando, irmãzinha — provoco.

— Eu... eu não estou te secando, Jason, não seja convencido. E para deixar claro, não sou sua irmã — ela diz.

Ainda sorrindo, olho para ela dos pés à cabeça. Ela está, mais uma vez, vestida como uma mocinha certinha de classe média. Mesmo assim está bonita. Eu tenho que reconhecer. Já não a acho tão sem graça como na noite anterior.

— Não mesmo — falo malicioso.

Viro-me saindo do quarto dela, rindo. Meu bom humor não dura muito. Ao entrar na cozinha pego meu pai e Luiza se agarrando.

Por sorte não sou apenas eu que fico sem graça, os dois também parecem querer um buraco para se enfiar.

Luiza ajeita os cabelos e meu pai vai até o fogão pegando água quente para se servir de chá.

— Bom dia, Jason. Espero que esteja com fome, eu trouxe umas rosquinhas da padaria que estão deliciosas...

— Não como nada de manhã! — corto minha madrastra, rispidamente.

Na mesma hora, recebo um olhar de reprovação do meu pai.

— Ah, bem... eu não sabia — Luiza diz sem graça.

Minha reação faz com que me sinta mal. Luiza parece ser uma boa pessoa e querendo agradar. Ela não tem culpa se está no lugar que, para mim, pertence a minha mãe.

— Tudo bem... eu acho... que vou experimentar — me ouço falando.

Nem mesmo soube de onde aquilo surge. Eu não sou simpático. Não faço questão de ser, então por que eu quis amenizar o modo como falei com ela?

Um belo sorriso enfeita o rosto de Luiza e naquele momento achei mãe e filha bem parecidas.

Nas próximas semanas posso dizer que tudo corre... tranquilo. Nós estamos nos adaptando. Meu pai a ter uma nova esposa. Meu irmão, bom, meu irmão, sempre se adapta a tudo, eu brinco que ele é um conciliador nato. Ótima qualidade para um político. Comecei a acreditar quando Nico falava, ainda criança, que iria ser político.

E eu também estou tentando me adaptar a ter duas mulheres constantemente em casa, a ter uma madrastra e uma nova irmã. Não que eu passe muito tempo com elas, longe disso. Estou evitando contato mais que o necessário, mas afinal morávamos todos na mesma casa, é óbvio que eu

esbarraria com elas o tempo todo. E na medida do possível tento ser educado. Grace parece me evitar tanto quanto eu a ela, então quase não nos vemos.

Já na escola eu a vejo muito, e por isso mesmo a ignoro por completo. Lá, eu não tinha obrigação de paparicá-la. Essa função era de Nico, e ele a cumpre de bom grado. Pelo jeito, ela e meu irmão se tornaram bons amigos.

Eu geralmente estou com meus amigos populares ou com alguma garota gostosa. Grace não faz parte do nosso clube. Reconheço que fiquei abismado quando ela começou a andar com a garota mais *nerd* e esquisita do colégio. Jurava que ela, por ser toda certinha, se juntaria as patricinhas, mas não. Optou pela menina de cabelo azul e óculos grossos preso ao rosto. Por mim tanto faz. Não estou interessado no que aquela menina faz ou deixa de fazer e muito menos em suas amizades.

Em casa, naquela tarde, ouço barulho de risos vindos do quarto de Grace quando eu passo pela porta que não está fechada.

— Não, sério, toda mulher precisa assistir “Doce novembro”, é um clássico — ouço Grace argumentando.

— Decidido então, será “Doce novembro” que vamos assistir hoje — Nico completa.

Traidor! Foi por isso que ele sumiu após as aulas, para se enfiar no quarto de Grace. Será que ele está a fim dela? Será que estão sozinhos?

— Esse não é aquele filme que a menina morre no final? — Uma terceira voz desconhecida responde meu questionamento.

— Mônica! Você contou o final do filme! — Grace fala.

— Eca! — A outra voz feminina geme. — Filme muito melado.

— É romântico, Mônica — Grace resmunga —, eu adoro. Mamãe e eu vimos umas cinquenta vezes. E choramos todas as vezes.

— Eu também assisti — Nico diz. — Bem, eu estava namorando uma garota e achei que era um filme de casal, essas coisas...

— Ah, que doce, Nico! — Grace o elogia.

Viado!

Farto de ouvir aquela melação, resolvo entrar e tentar colocar um pouco de hormônio masculino naquele ambiente, pelo jeito Nico tinha mais estrogênio do que testosterona.

Assim que entro vejo meu irmão colocando o DVD no aparelho enquanto a menina do cabelo azul está deitada na cama de Grace, que está sentada na beirada.

E é ela que me encara quando entro.

— Parece que tem uma festinha aqui. Sinto-me excluído já que não fui convidado.

— E aí, mano? — Nico é o único a me cumprimentar. — Vamos assistir...

— Já sei, estava escutando a conversa de vocês.

— Se quiser assistir com a gente...

— Acho que... — Coloco meus olhos sobre minha nova meia-irmã — é a Grace que deve me convidar. Afinal, o quarto é dela.

Eu estou provocando, e ela sabe.

— Se você quiser ficar... — Ela dá de ombros.

Na primeira vez que a vi, ela me pareceu uma menina tímida que mal levantou os olhos para me encarar. Desde então ela não age mais assim, não interagimos, na verdade nos evitamos, mas quando nos encontramos ela me encara sempre, firme sem se rebaixar. Aquilo é... excitante.

— Não. Vou passar esse programinha infantil de vocês. Tenho coisa melhor para fazer.

É mentira. Eu não tenho nada de mais para fazer. Apenas vou ficar enfiado no meu quarto jogando videogame, vendo revista de motos ou de pornografia.

— Você adora ser desagradável — ela diz irritada.

ACHERON - NACIONAIS

— E você...

— Volto com as pipocas — Nico diz interrompendo o que eu falaria e me arrasta do quarto de Grace.

No corredor, meu irmão me olha atravessado.

— Por que gosta tanto de provocar? Custa ser gentil?

— Não enche, Nico.

— Gentileza e Jason são palavras que não combinam, Nico, você já deveria saber.

Viro-me para ver Grace na porta de seu quarto. Uma irritação sobe pelo meu corpo como lava quente. Nem sei por que fico tão puto. Talvez eu me encontre em constante estado de fúria desde que mamãe foi embora.

— Olha aqui, pirralha, esta é a minha casa, não venha querer...

Paro de falar quando ela se aproxima a passos rápidos parando bem à minha frente, sua cabeça mal passa do meu peito, mas ela levanta aquele nariz estranho e aponta o dedo no meu rosto.

— Escuta aqui você. Acha que só você tem problemas? Que é o único abandonado pela mamãe? Pois saiba que não é. Tem muita gente com problemas bem piores que os de um garoto mimado. Nico mesmo foi tirado da família quando bebê e não é esse babaca que você é.

— Não fala da minha mãe... — aviso tentando me controlar.

— Estou de saco cheio de ver você tratando todo mundo mal, seu pai, minha mãe que só quer te agradar e tudo porque você coloca a culpa de sua mãe ter ido embora em todos, menos nela mesma.

Ela passa dos limites.

— Cale a porra da sua boca, garota! Quem pensa que é pra falar da minha mãe? Se liga! Está aqui nessa casa há algumas semanas e já se acha a dona do pedaço. Acha que me conhece? Sinto lhe decepcionar, você não me conhece e saiba que esta casa é e sempre será da minha mãe!

— É mesmo? Sua preciosa mãe que se mandou deixando dois filhos para trás?

— Porra! — Olho para o meu irmão. — Eu posso com isso, Nico? Essa garota magrela falando sobre o que ela não sabe?

— Gente, vamos se acalmar! — ele interfere.

— Eu não queria brigar, Nico — Grace diz —, não gosto de discussão, mas seu irmão me irrita.

— Eu irrita. Eu te ignoro, garota.

Ela volta a me encarar com os olhos em chamas.

— Foi você que entrou no meu quarto sem ser convidado apenas para provocar.

Era verdade, e estou furioso.

— Porra! — falo alto. — Só o que me faltava ter que aguentar essa garota de nariz feio me enchendo o saco.

— Jason!

Ouçó a reprimenda de meu irmão, porém não dou atenção. À minha frente, Grace esconde parte do rosto com ambas as mãos e seus olhos enchem de lágrimas.

Porra de garota! Vinha provocar e agora chora. Ela corre para o seu quarto e bate a porta com força.

— Maravilha, Jason! Maravilha! Magoou a menina! — Nico fala, aborrecido.

— Grande merda! — resmungo.

— Ela é legal, Jason. É uma garota doce. E Luiza também é bacana. As duas só estão querendo fazer parte da nossa família, se aproximar, mas você colocou um escudo que não as deixa chegarem perto. Assim como fez comigo e com o pai desde que a mamãe se mandou. Não temos culpa, mano, ninguém tem. Apenas temos de seguir cada dia com a vida.

— Não viaje, Nico!

Fico abalado pelo que meu irmão fala. Não esperava essa reação dele.

Nico respira fundo.

— Você sempre foi um cara bacana, não sei por que tem agido assim, mas espero que mude e volte a seu o meu *brother*.

Viro as costas e o deixo falando sozinho. Bato a porta do meu quarto com força, do mesmo jeito que Grace fez há pouco e me jogo na cama.

A lição de moral do meu irmão mais velho não está descendo bem. Quero extravasar minha raiva. Quero sair. Quero tanto minha moto. Certamente sairia pelas estradas sentindo o vento no rosto e aquilo me acalmaria.

— Porra! — praguejo alto.

Por que estou sempre tratando Grace tão mal? E até mesmo Luiza? Qual a explicação? É verdade que eu havia sido uma pessoa melhor. Quem sabe a presença de minha mãe me fizesse melhor. Sinto que há duas partes dentro de mim. Como se uma parte fosse o bem e a outra o mal. Não sei explicar.

Eu só sei que, após minha mãe ter ido embora, eu mudei. Fiquei mais duro. Não quero mais ninguém quebrando a porra do meu coração.

Mas... pensando bem, acho que Nico está certo. Eu estou agindo muito mal. Lembro do rosto de Grace chorando...

— Que se dane!

Não vou pedir desculpa, não vou mesmo. Ninguém mandou ela se meter a falar o que não é da sua conta.

Pego os cadernos da escola. Num ponto reconheço que tenho que manejar, se não me cuidar levarei bomba esse ano. Eu já estou atrasado dois anos.

Quando tudo aconteceu não consegui ir às aulas, o assunto na cidade e na escola era a partida de Lídia Travelli. Por isso acabei perdendo um ano por falta.

Por coincidência, agora eu estou no mesmo ano que Grace, mas por sorte estamos em turmas diferentes.

Passo a tarde no meu quarto esperando pela reprimenda que levarei do meu pai por brigar com Grace. Com certeza, ela falaria para a mãe, que diria ao meu pai que então me daria uma grande bronca. Contudo, a tarde passou, a noite chegou e nada aconteceu. Na hora do jantar, estávamos todos a mesa como um dia qualquer. A única coisa diferente era que Grace estava ausente.

Em nenhum momento, meu pai ou Luiza pareciam chateados. Entendi que eles não sabiam da minha discussão com Grace. Ela não falou nada. Isso me surpreendeu.

Estou louco para saber sobre ela, mas prefiro que meu pau caia a perguntar algo. Por sorte meu pai pergunta e Luiza responde nervosa que Grace não estava se sentindo bem.

— Não deve ser nada, querida — meu pai a tranquiliza.

Na mesma hora meu olhar foi para Nico, que faz uma careta. Ele está chateado comigo.

Então a culpa vem.

Sinto-me culpado. Muito mesmo. Eu não gosto da menina, mas falar do nariz dela foi golpe baixo e, na verdade, nem é tão feio assim. Eu quis ser mal e consegui.

Meu pai, Luiza e Nico conversam na sala quando subo para ir para o quarto. Ao passar na frente da porta de Grace, paro.

— Merda! — rosno. — Não vou, não vou pedir desculpa — falo comigo mesmo.

Sigo para meu quarto, mas a porra da minha consciência diz que eu devo pedir desculpa a menina.

— Porra!

Volto decidido a acabar com essa babaquice de consciência pesada e bato na porta antes de desistir. A voz suave de Grace atravessa a grossa porta

ACHERON - NACIONAIS

de madeira.

— Quem é?

Respiro fundo antes de falar:

— Sou, eu Grace, Jason.

Fica um silêncio de uns quinze segundos.

— O que você quer? — ela pergunta.

— Posso entrar? Quero falar com você.

— Não quero falar com você.

Eu sabia que não seria tão fácil.

— Se não percebeu já estamos falando um com o outro — não resisto em dizer.

— E você já está sendo o imbecil de sempre — ela retruca.

Suspiro.

— Grace? Eu... quero me desculpar...

O silêncio dessa vez deve ter sido de uns trinta segundos. Eu estou quase desistindo e mandando a garota se ferrar quando ouço o clique da porta.

Empurro a porta devagar encontrando Grace de costas para mim, próxima à cama.

— O que você quer falar, Jason?

— Eu...

Eu não tenho um pedido de desculpas ensaiado. Nunca havia feito um. Não sei o que dizer.

— Por que não falou nada para a sua mãe? Ou para o meu pai?

— O que isso importa? — Suspira. — Eu não quero causar confusão.

Não entendo as razões dela, porém isso não importa agora.

— Grace... eu... por que está de costas pra mim?

— Evitando que você veja a garota de nariz feio.

Porra! Eu tinha mesmo magoado a menina.

— Desculpe, eu não queria ter dito aquilo... eu... é que você falou sobre minha mãe... esse assunto... Grace? — Me aproximo mais pegando uma das mãos dela. — Vire-se, não precisa se esconder.

Ela se vira para mim, de cabeça baixa, o cabelo escondendo parcialmente o rosto. Coloco meus dedos em seu rosto fazendo-a me olhar.

Pela primeira vez quero me chutar por deixar alguém tão triste. Seus olhos estão tão apagados.

— Eu sei que ele é feio — ela começa a dizer —, desproporcional para meu rosto. Sei disso. Eu até pensei em cirurgia plástica, mas... bem, não importa.

— Grace... eu... me desculpe... desculpe mesmo. Não há nada de errado com seu nariz. Eu só quis te machucar. Você... você é linda.

Os olhos dela se abrem mais.

— Acha que eu sou linda? — pergunta.

Percebo que estou próximo dela, próximo demais. Retiro a mão do rosto dela e me afasto.

— Sim — pigarreio. — Sim... quer dizer, bonita como toda garota... normal.

Ela parece desapontada, novamente baixa os olhos.

— Grace?

— Sim?

— Vai me desculpar?

— Está tudo bem. Eu desculpo você, Jason. E eu não queria ter falado daquela forma sobre sua mãe.

— Tudo bem. Estamos quites.

Ela esboça um sorriso e eu me viro para sair.

— Jason? Vai voltar a me ignorar? — pergunta quando eu já estou na porta, pronto para sair.

— É, vou sim — respondo.

É melhor assim. É perigoso ficar próximo dessa menina.

— Tudo bem — diz com a voz fraca. — Boa noite, Jason.

— Boa noite, Grace.



Duas semanas se passam e eu continuo vivendo minha vida como antes. Não tive mais contato com Grace, mas não posso dizer que estava ignorando-a como prometi.

Na escola, quando nos encontramos eu sempre levanto meus lábios, não chega a ser um sorriso, mas próximo disso. Grace faz o mesmo.

Aquele dia, um dia especial, Grace não foi para a escola, parece que ela e a mãe tinham ido ao médico. Não fazia ideia do porquê, mas também não iria perguntar.

Nico veio ao meu encontro, com a mochila pendurada no ombro.

— Qual a sensação de ter dezessete anos? — pergunta colocando o braço sobre meus ombros, caminhando ao meu lado.

Ah, sim, hoje é meu aniversário.

— Por enquanto a mesma de ter dezesseis.

— Vamos ter uma festa na casa do Vinicius para comemorar seu aniversário. Muitas garotas gostosas e um pouco de álcool. Bem-vindo a quase maior idade.

Sorrio da sua tentativa de ser transgressor. Ele não lava jeito para isso.

Meu aniversário era uma data que eu sempre tinha esperança. Esperança que minha mãe pudesse aparecer ou dar notícia, mas nada acontecia. Por isso eu não gosto muito de comemorar.

Quando chego da escola, um cheiro maravilhoso está por toda casa. É divino. Com cem por cento de certeza que é bolo de chocolate. Meu favorito.

Sigo sorrindo para a cozinha e paraliso ao ver Grace despejando calda de chocolate sobre um enorme bolo também de chocolate. Jurei que seria Luiza que estaria cozinhando.

— Oi — falo, não sei o porquê, totalmente sem graça.

— Oi. — Ela sorri.

Meus olhos não se afastam daquele bolo. Minha boca chega a salivar.

— Belo bolo — elogio.

— Gostou?

— Sim — respondo.

— Que bom! Porque eu fiz para você.

Ainda bem que eu não estou mais salivando ou teria uma poça de baba no chão, pois agora minha boca está aberta em surpresa.

— Você fez um bolo pra mim? — pergunto abismado.

— Sim, eu fiz.

Ela faltou à aula para fazer um bolo para mim. Um bolo de chocolate. Para mim.

— É, seu aniversário, não é? Então, sim, eu fiz um bolo para você.

Olho para Grace como se a visse pela primeira vez. Porra! E foi aí que tudo começou a mudar.



One Call Away – Charlie Puth

GRACE

Fico olhando para ele enquanto devora o pedaço de bolo de chocolate que eu fiz. Ele havia gostado do bolo. Ele havia ficado feliz que eu fiz aquilo para ele.

Ele olha para mim e sorri com os dentes sujos de chocolate. E meu coração pulsa como sempre acontece. Tento despistar, esconder meu rosto de garota totalmente apaixonada.

Totalmente apaixonada pelo garoto que está ridículo com os dentes sujos neste momento, mas isso não importa para mim.

— Isso está delicioso, Grace — Jason diz enchendo a boca mais uma vez.

— É, estou percebendo — brinco.

Eu penso muitas vezes comigo: *como fui cair de amores por ele?*

Ele que, na maioria das vezes, é um babaca total. Um idiota.

Talvez fosse apenas uma paixonite adolescente. É claro que é apenas isso. Ele é o primeiro garoto pelo qual eu me interesso de verdade.

ACHERON - NACIONAIS

Infelizmente, ele é o filho do meu padrasto. O filho *bad boy* do meu padrasto. Isso significa que nunca aconteceria nada entre mim e ele. Nunca.

Eu estou bem com isso. Eu acho que estou bem com isso, afinal ele nem me nota mesmo. E eu não sou o tipo de garota que tenta chamar a atenção de um garoto. Nem se eu quisesse. Eu não sou bonita. Eu estou bem com isso também. Eu acho que estou bem com isso, pelo menos eu estava até querer que Jason me ache bonita.

Pego os pratos, meu e de Jason, e vou para a pia para lavá-los.

— Grace?

— Sim?

Viro-me para responder e o encontro bem pertinho de mim. Meu estômago se revira. Sinto algo diferente de tudo que já vivi. Não sei explicar. Apenas posso definir isso como: paixonite adolescente! Paixonite adolescente! Entoo como um mantra.

— Grace... o bolo... eu... ninguém nunca fez isso por mim...

Ele parece constrangido. Tímido. Tão lindo!

— Foi legal o que fez. Obrigado. — Esboça um sorriso.

Ele é ainda mais bonito sorrindo.

— Tudo bem — digo.

O que eu queria dizer é: você mereceu! Mas ele não iria entender, e se eu tivesse que explicar iria me achar uma perseguidora.

— Eu vou... para o meu quarto...

— Tá.

Quando ele já está na porta, eu o chamo:

— Jason?

Ele se vira.

— Feliz aniversário! — eu digo, e tenho um prazer maravilhoso de poder ver o sorriso mais lindo que eu tinha visto até hoje.

Paixonite adolescente, Grace! Apenas isso.



Como posso colocar em palavras os meus quinze anos de vida?

Até poucos anos atrás eram papai, mamãe e eu. Lembro algumas coisas daquela época. Não muitas...

Mamãe ficava comigo em casa. Foi naquela época que comecei a pintar. Amo pintar. Eu sou uma boa pintora. Talvez tenha talento e me transforme em uma pintora famosa. Mas, na verdade, vou seguir uma carreira mais sólida. Advocacia. Talvez engenharia. Assim como meu pai.

Meu pai era um pouco quieto, estranho, mas me olhava como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo. Senti muito quando ele morreu. Nem pude me despedir, já que morreu em um desastre aéreo. Não havia corpo a reclamar.

Não fiquei magoada quando minha mãe me contou que estava namorando novamente. Ela estava há anos sozinha, e era muito solitária. Apenas não esperava que fosse ele: Nestor Travelli.

O namorado de minha mãe sempre me tratou muito bem. Quase como se fosse meu pai. Eu pude notar também que os dois eram muito apaixonados. Minha mãe amava o namorado. Tinha uma relação fantástica com ele, muito mais se fosse comparar com a relação que tinha com meu pai.

Nunca julgo minha mãe por este motivo. Eu a amo e quero a felicidade dela. Ela é a minha melhor amiga. Eu faço tudo para vê-la feliz, assim como ela a mim. Minha mãe sempre diz:

“Você pode encontrar na sua vida uma ou mais pessoas e chamar de grande amigo ou amiga, mas nunca esqueça, eu, sua mãe, sempre serei a

pessoa que mais vai te amar no mundo, sempre serei sua melhor amiga, Grace. Não importa o que houver. Daria minha vida por você.”

E sempre foi verdade. Com o problema de saúde que eu tinha... Eu fui e sou uma menina tímida, nunca tive muitos amigos. Então, minha mãe foi sempre minha melhor amiga.

A definição de melhor amiga é aquela pessoa que você pode confiar sem reservas, sem medo de que a pessoa te julgue. Sempre foi assim entre mim e mamãe até irmos morar na casa do namorado dela. Até eu conhecer Jason.

Não é vergonha de contar a minha mãe que estou gostando do menino que devo pensar apenas como meio-irmão, afinal já me interessei por outros meninos na escola em que eu estudava e sempre compartilhei tudo com minha melhor amiga e mãe.

Só que, dessa vez, não sei explicar. Tem algo que me impede de falar a ela que me sinto diferente desde que vi Jason pela primeira vez.

E aqui minha pergunta retorna: como posso ter me interessado por Jason?

Desde que cheguei à casa dos Travelli percebi que ele era um babaca total, indiferente às tentativas de minha mãe de se aproximar. Poxa! Quem poderia ser imune a forma carinhosa que minha mãe se dirige a todos? Que se dirige a ele? Não era porque era minha mãe, mas ela é incrível. E ele a ignora. E eu tinha raiva dele por isso. Apesar da boa relação com o irmão, Jason se mantém afastado de seu pai e de Nico também.

E por fim, comigo ele mal fala. Isso porque sei que não gosta de mim.

Na escola, ele é um dos populares. A cada semana com uma menina diferente agarrada a ele. E, é claro, ele me ignora.

Eu não estou nem aí. Ele é um babaca mesmo, não fará falta no meu círculo de amizades. Bem, meu círculo de amizades se resumia a Mônica e Nico, mas está tudo bem para mim.

Comprovei que Jason era um imbecil ao ouvir uma de suas conversas com os amigos.

— Todo homem que se preze é ligado em peitos, cara. Peitos grandes, mais conhecido como peitões.

Os rapazes que estavam com ele riram e eu olho para meu busto. Nem com um sutiã com muito enchimento eu teria peitões. Havia puxado os genes de minha mãe e não tínhamos muita sobra em matéria de comissão de frente.

Droga! E por que eu estava analisando meus seios? Apenas porque o babaca do Jason Travelli acha que peitões era algo importante? Dane-se ele! Não estou nem aí para o que ele acha atraente.

Mesmo depois de escutar essa pérola, eu ainda continuei ligada nele. Como? Como, meu Deus?! Eu me pergunto.

Todos diziam que ele sempre foi um bom garoto, que depois que sua mãe partiu é que ficou daquele jeito. Era difícil de acreditar. Então, eu e ele discutimos. Ele tocou no meu ponto fraco. Disse aquilo que eu já sabia há muito tempo, que meu nariz era feio.

A família do meu pai era de origem árabe com mistura de origens colombianas e outros povos latinos, e por isso acreditava ter herdado o nariz com características árabes que meu pai tinha.

Fiquei magoada por Jason dizer aquilo, contudo ele se desculpou. Ele realmente pareceu arrependido.

Aos poucos fui notando pequenas coisas que me fez perceber que Jason não era aquele idiota insensível. Ele se camuflava de garoto babaca.

O que me fez ter certeza de que eu estava certa foi quando, um dia antes de seu aniversário, o vi ajudar uma senhora que caíra no chão carregada de compras em frente à escola. Então, pude vislumbrar um garoto diferente. Um menino bom que ele fazia questão de esconder com sua máscara de garoto problema.

Por isso fiz aquele bolo de chocolate em seu aniversário. Porque ele merecia. Merecia por ter ajudado aquela velhinha com tanto carinho e educação.

Nos dias após seu aniversário começo notar mudanças em Jason. Não

ACHERON - NACIONAIS

apenas eu, mas as outras pessoas também notaram.

Na sala de aula, eu e Mônica esperávamos a professora de literatura quando minha amiga me inquiriu debochando:

— Cadê nosso mais novo colega de classe?

— Eu não sei.

Ela se referia a Jason. Para nosso espanto ele começara a frequentar nossa turma há uma semana.

Lembro-me bem de como fiquei embasbacada quando o vi entrar na sala naquela segunda-feira. Entrou com seu habitual gingado malandro. A camiseta branca deixando à mostra seus músculos e fazendo o contraste com sua pele morena.

Além de mim, todas as garotas prenderam a respiração ao vê-lo caminhar pela sala.

Para fazer meu coração desabar ainda mais, ele abriu seu mais lindo sorriso e sentou perto de mim. De mim.

— O que está fazendo aqui? — pergunto ainda pasma.

— Pedi para trocar de turma. Agora serei seu colega de aula.

Disse aquilo como se fosse a coisa mais simples do mundo. Não era. Aprendi que quando algo se tratava de Jason Travelli nada era simples.

— Por quê? — consigo perguntar.

— Por que... — ele hesita. — porque eu quis.

Ele parece querer dizer mais, porém não disse mais nada.

Foi difícil me concentrar na aula. Primeiro, havia Jason ao meu lado, bem perto. Eu quase podia sentir o calor do seu corpo. Depois, tinha as meninas da minha classe, que a toda hora soltavam risinhos na direção dele tentando obter sua atenção. E por último, Mônica que ficava encarando ora a mim ora a Jason. Ela estava pasma assim como eu, mas havia mais.

— Eu o vi perto da cantina mais cedo se pegando com a Jéssica —
Mônica sussurra afastando meu pensamento da semana anterior, e me fazendo soltar um suspiro.

Não pude deixar de pensar que ele tivesse mudado de turma para ficar perto de mim. Como sou estúpida! Um garoto como Jason não faria isso por menina nenhuma. Muito menos pela filha da sua madrasta sem atrativos.

— Sei que pensou que ele mudou de classe por sua causa, mas ele não é esse tipo de rapaz, você sabe.

— Não pensei nada disso — nego veemente.

— Grace? Não tente mentir — Mônica me olha com atenção. — É só ver o jeito que você olha para ele quando ele chega...

E foi nesse momento que Jason resolve surgir na entrada da sala. Meus olhos automaticamente vão para ele, mas desvio rapidamente. Não quero dar razão para a Mônica e estou chateada por Jason ter estado com outra menina. Como se eu tivesse direito de ter ciúmes.

Olho para frente, mas pela visão periférica vejo que Jason se dirige para seu lugar. Ao meu lado. Nesse momento as anotações no meu caderno são as coisas mais interessantes do mundo.

Sinto que ele está me olhando, mas me mantenho firme.

— Olá, Jason — Mônica o cumprimenta.

— Oi, Mônica.

Jason responde, e eu fico firme em meu propósito de não olhar para ele. Se Mônica havia notado meu interesse com certeza Jason também notaria. Eu não deixaria que isso acontecesse, não seria ridicularizada por ele quando risse na minha cara. Porque era óbvio que era isso que iria acontecer se ele descobrisse.

— Grace? — ele me chama.

— Hum?

Resisto bravamente e não o olho.

— Está chateada?

Como ele sabia que eu estou chateada?

— Hum... não.

— Por que não olha pra mim? — insiste.

— Eu estou estudando, Jason, é por isso.

A desculpa mais esfarrapada da história. Mas ele acredita já que fica em silêncio.

Acredito também e espio de canto de olho. Lá estão seus olhos escuros me observando com um sorrisinho nos lábios. Fico com raiva de imediato. Ele está de onda com a minha cara? Era o mesmo idiota de sempre.

Ergo o tronco decidida a ignorá-lo. Sou totalmente surpreendida quando uma flor aparece em cima do meu caderno. Era tipo uma margarida vermelha.

Olho para Jason que agora sorri de verdade.

— Me disseram que se chama Gerbera¹ e que ela gosta muito de luz. Isso me lembra de você, Grace.

— A flor faz você lembrar-se de mim? — nem sei como encontro minha voz para perguntar.

— Sim. Ela gosta de luz, e quando sorri você é como a própria luz.

Como responder aquilo? Fico sem ação. Percebo que alguns garotos deboçam por Jason trazer uma flor para uma garota. Noto também que ele os faz se calarem. Reparo em Mônica me encarando.

Mas tudo isso acontece em segundo plano, naquele momento minha atenção está somente naquela linda flor. Eu nunca havia recebido uma flor. A pego com delicadeza, olho em seguida para Jason, que me encara sorrindo. Sorrio de volta.

Ah, droga! Eu estava começando a me apaixonar de verdade por aquele

garoto.



Nico é o rapaz mais afetuoso que eu já conheci. Educado, simpático. Não foi à toa que me apeguei a ele tão logo me mudei para a residência dos Travelli. Na época em que Jason era um idiota comigo, era com ele que eu contava para dar muitas risadas. Amava a suavidade dos seus olhos azuis. Ele é lindo por dentro e por fora. É também o cara perfeito para ser meu namorado. É claro que nunca pensei em nós dois dessa forma. Nico é quatro anos mais velho que eu, não iria querer nada com uma pirralha como eu. Mas não é por isso que jamais acontecerá nada entre nós, não acontecerá nada porque ele é o meu verdadeiro amigo.

Por isso agora, às vésperas dele ir embora de casa, para a capital do estado para estudar na faculdade, eu estou um pouco triste. Com quem eu irei rir e conversar sobre as besteiras que passam pela minha cabeça? É claro que há minha mãe e Mônica, mas é diferente. Eu não tenho nenhum amigo homem e gosto de ter Nico por perto.

Não é justo, é óbvio. Eu devo estar feliz por ele. Ele será um grande advogado, eu tenho certeza.

Então, naquela semana aproveito todo o tempo que tenho para gastar com meu amigo. Fomos ao shopping. Eu, ele e Mônica. Assistimos filmes no meu quarto, um hábito nosso.

Algumas lágrimas escapam quando me despeço dele e não fico com vergonha de demonstrar meu afeto, mesmo que tivéssemos nos conhecido há poucos meses.

— Se cuida, princesa, e me ligue sempre que precisar. Serei um bom ouvinte como sempre — ele brinca.

— Você tem que estudar e se divertir também, não posso ficar te

enchendo com minhas tolices.

— É sério, Grace. Me ligue.

— Tudo bem — concordo —, e você veja se arruma uma namorada, você vai ficar menos chato quando arrumar alguém — falo divertida.

Nico ri e me abraça afetosamente. Percebo naquele momento que Jason nos observa atentamente.

Quando Nico está próximo do irmão, já de saída, ouço meu amigo dizer:

— Cuide dela.

E a resposta de Jason me surpreende:

— Pode deixar.

Naquela noite que Nico partiu, sem conseguir dormir levanto para ir tomar água. Está mais frio que os últimos dias e por isso estou com meu pijama de inverno.

Saio pelo corredor e não dou muitos passos quando a porta do quarto de Jason se abre. Ele me olha e levanta uma sobrancelha.

— Sem conseguir dormir?

Balanço a cabeça afirmativamente. Estava chateada, não adiantava negar.

— Sente falta dele?

— Sim, muita... ele é meu melhor amigo.

Foi a vez dele concordar.

— Ele é meu melhor amigo também — diz pensativo. — Vem aqui — indica seu quarto —, quero te mostrar uma coisa.

Estreito os olhos, desconfiada. Jason sorri.

— Não tenha medo.

Não tenho medo, quer dizer, eu tenho, não dele, mas do que ele me faz

ACHERON - NACIONAIS

sentir.

Fico um pouco envergonhada quando percebo meu simplório pijama. Mas acabo me aproximando de Jason. Minha mãe havia me falado várias vezes que eu deveria ser autêntica e não querer ser outra pessoa. E no fim eu sou apenas uma menina de quinze anos, não adianta querer aparentar outra coisa.

Eu nunca tinha entrado no quarto dele. Nunca tinha entrado em um quarto de um garoto. Então era nítida a minha curiosidade.

Havia entrado no quarto de Nico, mas o dele não vale, já que o via quase como um irmão. Estar no quarto de Jason é diferente.

À primeira vista, parece um quarto comum, mas é o quarto dele e apenas isso já me faz querer suspirar como uma bobona.

Discretamente começo a avaliar o ambiente. O que mais chama a atenção são os diversos cartazes de corridas de moto. Havia muitos deles.

— Quem é esse que aparece em todas essas motos? — pergunto, curiosa.

A imagem do homem na moto se repete em vários pôsteres.

— Valentino Rossi, conhece?

— Não. — Sorrio.

— Ele é um multicampeão da motovelocidade. Quero conhecê-lo um dia ou quem sabe...

— Quer ser piloto?

— É apenas um sonho, Grace.

— Acredito que os sonhos existam para nos impulsionar a ir em busca deles.

— Talvez, mas eu tenho que fazer algo primeiro.

— Algo? Tipo o quê?!

ACHERON - NACIONAIS

Ele não responde e vai até a janela. Ele a abre e me olha.

— Vem!

— O quê?! — pergunto sem entender. — Quer que eu saia pela janela?

Ele sorri, e eu balanço a cabeça negando.

— Nem pensar.

— Venha, Grace... não vou deixar você se machucar. O telhado é forte.

Me aproximo e vejo que sairemos pelo telhado da varanda, não parece muito perigoso, porém mesmo assim não estou confiante.

— Não vou sair por aí, Jason.

Ele pega minha mão e olha nos meus olhos.

— Eu não deixaria nada de mal acontecer com você. Venha comigo, confie em mim.

Aqueles olhos castanhos tão expressivos me convencem.

— Tudo bem, mas me segura. Não me deixe cair, Jason.

— Não vou.

E assim, segurando minha mão, saímos para a noite fria. Alguns passos inseguros depois eu vejo no telhado uma manta e almofadas. Era quase uma cama.

— O que é isso?

Ele me ajuda a sentar sobre a manta e logo se junta a mim.

— Eu e minha mãe vínhamos aqui olhar as estrelas. Sempre que estávamos com insônia fazíamos isso.

— Isso é bacana.

Ele se deita e eu faço o mesmo. Acima de nós as estrelas pareciam formar um manto brilhante.

— Nossa! Isso é lindo — digo abismada com tamanha beleza.

— É sim. Em alguns dias tem lua também, fica ainda mais bonito.

Viro o rosto e olho para ele. A luz fraca da noite deixa a pele dele ainda mais morena. Ele está incrivelmente bonito.

— Por que me trouxe aqui?

Ele dá de ombros.

— Eu queria dividir esse lugar com alguém e pensei que poderia ser com você.

Eu sorrio.

— Então somos amigos agora? — pergunto.

— Se você quiser, sim.

— Eu quero — confesso.

Eu quero mais, mas terei que me contentar com a amizade de Jason. Fico tocada pelo gesto dele, com certeza ele sabe que estou triste pela partida de Nico, e quis me oferecer sua amizade.

— Então sua mãe lhe trazia aqui?

— Sim — ele diz apenas.

Eu sei que o assunto sobre a mãe dele não é algo que ele queira abordar, então me arrependo de tocar naquele tema.

— Ela era diferente, sabe? Diferente das outras mães... não sei explicar. Era uma mulher incrível...

— Eu acredito que sim. — Não consigo segurar minhas próximas palavras: — Sabe por que ela foi embora?

— Deve ser porque não suportava mais viver conosco.

A dor é nítida em sua voz.

— Não deve ser isso, Jason. Tenho certeza de que ela o ama.

— Tanto faz, eu... não ligo mais.

É mentira. É óbvio que ele sente a falta dela, mas eu não insisto mais. Não quero estragar esse momento.

— O que irá fazer... digo, na faculdade? — pergunto, mudando de assunto. E no fim, estou curiosa, jamais falamos sobre aquilo. Bem, nós pouco falamos um com o outro até este momento.

— Eu... ainda não sei...

Fico em silêncio, não sei o que mais falar para puxar conversa, eu não sou muito boa nisso.

— E você? — Jason pergunta.

— Eu?

— O que irá estudar na faculdade?

— Ah, bem, mamãe e eu pensamos que seria bom que eu fizesse Direito.

Jason estreita os olhos.

— Achei que faria a faculdade de artes plásticas. Não sei, mas acho que ouvi Nico dizer que você pintava ou algo assim.

Eu abro meu maior sorriso.

— Sim, eu pinto. Amo pintar.

— Então por que não estudar algo nessa área?

— Mamãe acha que preciso de algo mais sólido como carreira profissional.

— E você vai fazer o que ela quer?

— Não é o que ela quer, Jason, eu também quero... isso.

Ele me avalia por um tempo.

— Não acredito. Acho que se dependesse apenas de você não escolheria estudar Direito.

ACHERON - NACIONAIS

Eu fico quieta. Bem lá no fundo acho que ele tem razão.

— Não precisa fazer isso para agradar sua mãe.

— Que mal há em eu querer agradar minha mãe? Eu a amo, ela fez tudo por mim...

Ele bufa e volta a olhar para o céu.

— Eu é que não deixaria ninguém decidir o que devo ou não fazer.

— As pessoas são diferentes, Jason, e ela é minha mãe, só quer o meu bem.

Ele não entende. Ninguém entende o que já passamos. Somente eu e minha mãe sabemos como foi nossa vida. Em como ainda pode ser difícil...

— Eu vi sua relação com sua mãe — Jason fala depois de um tempo em silêncio. — Ela é... legal.

— Ela é minha melhor amiga — afirmo.

— Mesmo assim acho que você deveria fazer aquilo que tem vontade. Mas isso sou eu — ele diz olhando para o céu estrelado. — Você faz o que achar melhor para a sua vida.



Depois daquela noite, se torna um hábito entre nós. Quase todas as noites, eu e Jason nos encontramos e deitamos sob as estrelas na manta que ele coloca no telhado.

Conversamos sobre nossos dias, sobre nossos desejos. Evitamos assuntos mais complexos ou que possam nos magoar como a morte do meu pai e a partida da mãe dele. A cada dia, ou melhor, a cada noite ficamos cada vez mais próximos e nossa amizade se fortalece.

Na escola, apesar de sentarmos lado a lado, não temos tempo para conversar. Os professores estão pegando pesado para nos preparar para o vestibular no ano seguinte. No intervalo, Jason dá atenção aos seus amigos e a algumas garotas com quem ele costuma trocar alguns fluídos corporais entre as aulas, ou ao final delas. Eu não gosto disso. Eu odeio na verdade. Por isso anseio que a noite chegue, pois então ele será apenas meu. Mesmo que seja apenas como amigo.

— Queria tanto que meu pai me devolvesse minha moto.

Jason comenta depois de um tempo em que estamos deitados na manta apreciando a lua cheia que nos dera a graça de sua aparição aquela noite.

— Ele prometeu que se eu fosse um bom garoto, ele a recuperaria para mim.

— Por que não pede a ele... com jeito, Jason? Não com a cara de emburrado que você faz quando está perto do seu pai — eu falo.

Ele me encara, fechando o semblante.

— Eu não faço cara de emburrado — defende-se.

— Faz sim, na verdade está fazendo agora mesmo — falo, não segurando o riso.

Ele bufa, mas depois sorri.

Dias depois quando estamos jantando, Jason recebe sua tão sonhada recompensa por ser um “bom garoto”.

— Fala para ele — mamãe diz para seu marido. Ela está misteriosa.

Eu e Jason nos entreolhamos sem entender nada.

— Jason... filho... bem, você tem se mostrado... diferente nas últimas semanas, quer dizer, mais parecido com o filho que conheço, e bem... — Nestor hesita. — espero não me arrepender disso, mas eu lhe fiz uma promessa e sua moto está na garagem...

Os olhos de Jason brilham.

— Está falando sério?

— Filho, espero que não use até tirar sua carta de motorista, mas como prometi... ela está de volta.

— Porra, pai! Obrigado.

Mamãe fica vermelha pela escolha de palavras de Jason, mas acaba sorrindo.

Ele se levanta, inquieto.

— Vou olhar minha moto.

— Não terminou seu jantar ainda, querido — mamãe tenta argumentar.

— Está tudo bem, Luiza, não estou mais com fome — ele responde e então me olha. — Quer conhecer minha moto?

— Claro — respondo feliz por ele me convidar.

Quando saímos da mesma pude vislumbrar minha mãe e o pai de Jason sorrindo. Eles gostam que estamos nos dando bem. Com certeza imaginam que exista uma camaradagem entre mim e Jason, assim como foi comigo e Nico. O que eles não sabem é que meus sentimentos são bem mais profundos do que imaginam.

— Porra! Aí está você, suçuarana! — Jason exclama.

Eu gargalho.

— Suçu... o quê?!

— Suçuarana! Significa onça. Quando eu a piloto, minha moto parece uma fera, uma onça brava que precisa ser domada

— Ah.

Não entendo nada de onças e muito menos de motos.

Jason se detém seu olhar em cada detalhe de sua moto a avaliando para ver se ela está totalmente inteira.

— Acho que está perfeita. Só vou saber mesmo quando puder andar...

— E você vai? — pergunto curiosa em saber se irá desobedecer seu pai.

— Eu quero... quero muito mesmo, mas acho que vou esperar. O velho me trouxe ela como prometeu, não custa nada eu pegar leve.

Fico orgulhosa dele.

— Acho que você está certo.

Naquela noite, olhando as estrelas do telhado, ele me conta que havia conseguido um emprego de meio turno na oficina de motos de um amigo do seu pai. Seu maior desejo é entender tudo de motocicletas, sua grande paixão.

Nestor havia ficado feliz pelo filho estar criando responsabilidades, e eu estou feliz apenas porque Jason está feliz.



O dicionário diz sobre ódio: Aversão inveterada e absoluta; raiva; rancor; antipatia.

Eu nunca havia pensado muito sobre a palavra, mas agora no chão em frente à escola com todos os alunos olhando para mim após ser propositalmente derrubada por Sofia Perez, a garota mais insuportável da escola, eu tenho certeza de que tenho esse sentimento por ela. Ódio. A odeio.

Tento juntar meu material espalhado pelo chão. Logo Mônica vem em meu socorro me ajudando a catar minhas coisas.

— O que você fez para a loira siliconada te derrubar desse jeito? — minha amiga pergunta em voz baixa.

— Não sei...

Eu estou mentindo, eu sei muito bem porque Sofia esbarrou em mim de

propósito.

Ela e Jason estão ficando juntos há mais ou menos um mês, e na escola cada vez que estão juntos e eu apareço, Jason a deixa para vir falar comigo.

Às vezes é alguma besteira que apenas me faz sorrir, mas parece que isso não deixa feliz a “miss simpatia” da escola. Bem, eu também não fico feliz quando Jason não me convida para ir vermos as estrelas por duas noites seguidas porque saíra para encontrá-la, então se eu posso ficar sem Jason no tempo em que ele era meu, ela também pode ficar sem ele por alguns segundos.

Mas agora é diferente. Não é só a cara feia dela que eu tenho que aturar. Agora ela está partindo para a agressão física. Por mais tímida que eu seja, e também uma pessoa que não gosta de confrontos tanto verbais quanto físicos, isso não pode ficar assim.

— Sua mão está sangrando — Mônica comenta.

Percebo um arranhão pequeno, com certeza ocorreu na minha tentativa de não cair de cara no chão após ser empurrada por Sofia.

— Tudo bem, Mônica, não está doendo.

A oportunidade de tirar aquela história a limpo acontece na hora do intervalo entre as aulas. Na mesa mais popular da escola, Sofia está sentada no colo de Jason como costuma fazer desde que começara a ser a “garota da vez”.

Eu estou focada neles há uns cinco minutos. O ódio novamente me entorpece. Não entendo o que Jason viu naquela loira peituda. Tudo bem, eu sei que ele era chegado nas mulheres de seios grandes, mas... Sofia era uma garota totalmente artificial tanto no físico como no caráter...

Eu não consigo entender.

Eu a odeio.

A odeio porque ela é bonita. Tão bonita quanto eu nunca ousarei pensar em ser.

A odeio porque ela é má. Não apenas comigo, mas também com as outras pessoas.

Mas eu a odeio, principalmente porque é ela que está nos braços de Jason.

Descubro então que o ciúme e o ódio andam de mãos dadas.

— O que você vai fazer? — Mônica pergunta quando me levanto.

— Vou confrontá-la — tento ser firme, mas estou nervosa.

— Agora? Na frente do Jason?

Eu confirmo e minha amiga abre um largo sorriso.

— Isso é algo que não posso perder. — Ela se levanta se colocando ao meu lado. — Vou te dar apoio moral.

Se eu não estivesse tão nervosa eu teria sorrido. Eu não gostava e não gosto de conflitos. Discussões nunca foram meu forte. Sempre esqueço o que dizer e saio perdendo. Mas, dessa vez, eu não irei me acovardar.

Enchendo-me de coragem começo a caminhar em direção à mesa de Jason e de seus amigos. Mônica está firme ao meu lado, o que me passa um pouco de segurança. Minha amiga de cabelos azuis jamais deixará que algo de ruim aconteça comigo.

Assim que paramos em frente à mesa, toda a conversa e risos some. Todos ficam me olhando. Jason sorri, olhando para mim, enquanto Sofia faz uma cara de enfado.

— Olha só, é a irmãzinha do Jason — um dos rapazes que se chama Renato, que faz parte do bando de Jason, fala me olhando de um jeito que não gosto.

— Cale a boca, Renato! — Jason diz áspero e o tal Renato apenas ri. — Oi, Grace.

— Oi, Jason.

— Está precisando de algo? — ele pergunta gentil.

— Não... não estou precisando de nada, quer dizer, eu quero falar com a Sofia.

— Comigo? — Ela se faz de desentendida.

— Sim, com você. Quero saber por que me empurrou na entrada da escola hoje?

A cara da loira é impagável, mas eu ainda estou nervosa para me aproveitar da situação.

— Como é? Você deve estar sonhando, meu bem, eu não fiz isso.

— Fez sim — afirmo. — Passou por mim como um furacão e me empurrou e eu... eu caí...

Não quero parecer patética, mas sinto vontade de chorar. Não entendo por que as pessoas são grossas umas com as outras. O mundo seria tão mais fácil se todos fossem mais educados, mais gentis. Eu procuro sempre ser gentil, por isso não consigo entender quem não é.

Jason encara Sofia à espera de uma explicação. Dá para notar como ela está desconfortável com todos à espera do que dirá.

— Olha, meu bem, se eu fiz isso foi sem querer e não te vi.

— Viu sim — sou firme novamente e fico orgulhosa de mim mesma. — Você olhou para trás e viu que era eu, e mesmo que se não fosse quando se esbarra em alguém o mínimo a se fazer é pedir desculpa.

Ela salta do colo de Jason e vem para cima de mim. Juro que minha vontade é de dar um passo para trás. Porém, me mantenho firme.

— Isso é mentira! — grita.

Na mesma hora Mônica dá um passo à frente e como é maior que eu, consegue encarar Sofia com altivez. Fica cara a cara com a loira peituda.

— Você fez isso, sim. Eu vi. E Grace poderia ter se machucado, por sorte só teve um arranhão. Vou te dar um aviso: fique longe de Grace. Se não tem confiança no seu taco para segurar o Jason, não fique machucando a

menina que não tem nada a ver com isso.

Mônica solta tudo aquilo, agarra minha mão e me puxa para longe dali. Quando estamos sozinhas, ela me pergunta se eu estou bem.

— Sim, tudo bem. Jason não falou nada — murmuro.

Mônica me olha com piedade.

— Esperava que ele te defendesse, não é?

Não sei se é isso que esperava, mas alguma reação dele eu esperava sim. Não revelo esses pensamentos a Mônica, mas ela me conhece e já está ciente dos meus sentimentos pelo meu irmão posticho.

— Eu vou para a biblioteca — informo.

— Mas temos aula de química agora — Mônica me avisa.

— Eu sei, mas não estou a fim de ver fórmulas agora. Vou para a biblioteca ver se encontro um livro.

— Grace Kelly cabulando aula, isso é algo a se anotar.

— Não estou cabulando aula, sua chata. — Eu rio, Mônica tem esse efeito de sempre me fazer rir. — Te vejo na aula de inglês.

Já na biblioteca encontro meu livro favorito: Orgulho e Preconceito¹. Começo então a reviver a história de amor entre Mr. Darcy e Miss Bennett. Eu amo demais esse livro e ele será o parâmetro para leituras futuras.

Estou concentrada na leitura e por isso pulo assustada quando alguém se senta ao meu lado. É Jason.

— O que está fazendo aqui? — sussurro.

— Você não estava na aula. Mônica disse que estava aqui.

Ele não responde a minha pergunta, mas não importa porque ele está aqui comigo.

— Eu não estava no espírito para estudar química... — falo tímida olhando para o arranhão na minha mão.

ACHERON - NACIONAIS

Jason olha para o mesmo local. Ele pega gentilmente minha mão e um arrepio passa pelo meu corpo todo. Já estivemos perto um do outro várias vezes, mas não tão perto quanto agora. Ele já me tocou outras vezes, mas não do jeito que está tocando agora.

— Você se machucou... — ele murmura.

— Não... não é nada...

Ele acaricia o local que está ardendo um pouco. Então, como em um sonho, em câmera lenta, ele leva minha mão até seus lábios e a beija. Bem no local do machucado.

O gesto é doce e, ao mesmo tempo, sedutor. Minha respiração acelera. Posso jurar que no silêncio da biblioteca se pode ouvir minha respiração ofegante juntamente com meu coração disparado.

— Aquela vadia nunca mais irá machucar você.

As palavras dele me libertam do transe em que me encontro.

— Sofia tem ciúmes de você... comigo.

— É, eu sei. — Ele respira fundo. — Desculpe àquela hora não ter dito nada... é que fiquei sem reação. Não esperava que Sofia pudesse fazer isso.

— Ela não é uma boa pessoa, Jason.

— Sim, eu descobri isso.

— Você merece mais do que essas garotas.

— Mereço? — ele pergunta com seus lindos olhos castanhos grudados em mim.

— Sim, merece.

Merece alguém como eu, penso em dizer, mas fico calada.

Não sei o que há comigo hoje, mas sinto vontade de falar tudo o que eu não tinha coragem.

— Que tipo de garota eu mereço, Grace? — ele instiga.

— Você... merece... alguém... — Desvio o olhar tímida. — Você merece alguém que goste de você por suas verdadeiras qualidades — Com coragem volto a olhar para ele. — Uma garota que goste de passar tempo com você, que ri de suas piadas idiotas, que se alegra por você estar feliz, que enxerga quem você é realmente, Jason.

Os olhos dele estavam brilhantes, e no tempo em que estive praticamente me declarando, sem perceber, nos aproximamos ainda mais. Eu posso sentir sua respiração no meu rosto, eu posso sentir o tão sonhado beijo se aproximando, então fecho os olhos à espera.

Estremeço quando a mão dele acaricia meu rosto.

— Grace...

A voz rouca de Jason me diz que sim, ele quer e vai me beijar, mas então tudo se desfaz como num passe de mágica.

A bibliotecária se aproxima de nós para colocar um livro no lugar. Em segundos, Jason já não está mais próximo de mim. Ele não está mais em qualquer parte da biblioteca.

Fico me perguntando se tudo o que aconteceu ali fora apenas fruto da minha imaginação aguçada pela leitura de *Orgulho e Preconceito*, ou se realmente ocorreu de verdade. Não tenho as respostas.



Tee Shirt – Birdy

JASON

Juan Lorenzo é descendente de espanhóis. O cara tem a maior loja e oficina de motos da cidade. Entende tudo do lance de motocicletas e está me ensinando tudo o que sabe. Eu sou um sortudo do caralho!

— Jason, o que você tem que entender é que a corrente perde a lubrificação mais rápido em períodos de chuva, ou quando se trafega em regiões com muita terra. Sempre que andar de moto sob chuva intensa tem que lubrificar a corrente com óleo SAE80-90 antes da próxima saída. — Ele explica e me mostra como fazer. — Isso é simples, qualquer um pode fazer em casa mesmo, mas este cliente não quer sujar as mãos de óleo e traz aqui para eu fazer, então eu faço.

— É claro.

— Bom, acho que hoje já está bom. Não quero seu pai me aporrinhando porque estou te mantendo tempo demais na oficina e te impedindo de estudar.

— Tranquilo, Juan. Meu pai sabe como gosto de ficar aqui.

Há algumas semanas eu estou trabalhando na oficina e estou cada vez mais apaixonado pelas motos. Se é que isso é possível.

ACHERON - NACIONAIS

Ficar ali envolvido pelas coisas que tenho que fazer e que aprendo todos os dias me faz espairecer. Tira minha atenção de uma coisa que eu não paro de pensar. Uma coisa não. Uma pessoa. Grace.

Desde aquele dia na biblioteca, eu a evito. Não havíamos mais nos encontrado no meu local secreto, o telhado de onde aprendi a apreciar as estrelas com minha mãe.

Sim, eu estou fugindo de Grace.

Porra!

Ela é para ser a porra da minha irmã de criação, e não a garota que estou a fim. Mas é isso. Eu estou a fim dela. Muito mais do que podia esperar. Muito mais do que fiquei a fim de outras garotas.

No começo, eu quis realmente ser apenas amigo dela. Confesso que sentia certa atração, mas nada em demasia. Porém, com o tempo fui conhecendo melhor aquela menina, que aos poucos deixou de ser apenas uma menina aos meus olhos e passou a ser uma mulher.

Ela é doce, divertida e sem fazer nenhum esforço, linda. Ela tem algo que me atrai, algo inerente a ela que eu não consigo definir.

Na biblioteca, quase não resisto e a beijo. E cada vez essa vontade fica mais forte. Eu preciso resistir. Eu não sou muito mais velho, mas sou mais experiente. Grace é inocente demais, eu não quero ser aquele a tirar isso dela. Na verdade, eu quero sim, mas não devo.

Será que é assim quando um cara está gamado numa garota? Apaixonado? Sei lá! Nunca soube como é isso e não quero saber. Eu não quero estar apaixonado. Não quero uma namorada. Quero ser livre. Livre para partir assim que eu fizer dezoito anos, ou na melhor das hipóteses quando eu me formar na escola. Assim posso partir sem ter que dar satisfação, ou deixar alguém para trás.

Ninguém sabe sobre meus planos. Eu decidi que assim que possível vou atrás de minha mãe. Atrás de pistas. De algo. Não importa que eu não faça ideia de onde e como procurar. Já tomei a decisão.

Então me apegar a uma garota não está em meus planos.

Chego em casa e a primeira pessoa que encontro é meu pai.

— Elas estão impossíveis hoje — ele resmunga.

Eu sorrio. Ele não costumava reclamar da presença das mulheres em casa, parece que enfim ele se irrita com algo.

— O que houve? — pergunto seguindo-o para a cozinha.

— Estão discutindo desde que Grace chegou da escola.

Essa é nova, penso comigo. Mãe e filha tem uma relação maravilhosa. Mas quando se trata de mulheres eu não tenho muito conhecimento para dizer se o comportamento é o usual.

— Sabe por que estão brigando? — pergunto por curiosidade.

— Grace foi convidada por um garoto da escola para ir ao baile da primavera na próxima semana e Luiza não está concordando em deixá-la ir.

Um sentimento novo, parecido com irritação ou raiva, toma conta do meu corpo. Quem é a porra desse garoto que teve a coragem de convidar Grace para sair?

— Luiza não vai deixar — falo convicto.

— Não vejo mal algum, afinal ela é uma menina ajuizada e merece a oportunidade de se divertir — meu pai fala sem perceber minha irritação.

— Luiza não quer que Grace namore antes dos dezesseis anos, então esse... garoto vai ter que esperar.

Nestor me observa.

— Está parecendo esses irmãos mais velhos querendo proteger a irmã. Gosto disso, filho.

Não há nada de irmão nos meus sentimentos por Grace, mas não falo nada. Meu pai não precisa saber sobre isso.

Mais tarde, durante o jantar, percebo que o clima ainda está tenso entre
ACHERON - NACIONAIS

Luiza e Grace.

— Você podia falar com a mamãe, Nestor. Não há nada de mal em eu sair com Arthur.

— Arthur? Do segundo ano? Está de brincadeira! — Não resisto em me intrometer. — Aquele babaca é o maior galinha da escola, Grace.

— O maior galinha da escola se não estou enganada é você, Jason — ela diz num tom mordaz.

Percebo que Grace está chateada comigo. Não é por menos, eu voltei a ser um babaca com ela.

— Já falei que não, você não irá sair com esse rapaz, Grace.

— Luiza tem meu apoio — falo sem me conter.

— Isso não é da sua conta, Jason.

A raiva que Grace estava sentindo a deixa um pouco vermelha. Fico fascinado com o olhar de raiva dela, aquilo era sexy para caralho.

— Mamãe — ela volta a falar com Luiza —, todas as minhas colegas vão ao baile até mesmo a Mônica. É um baile de máscaras. Vai ser bem legal. É por isso que quero ir. E não por causa de namorar ou por rapazes. Sabe que não vou namorar até completar dezesseis. Combinamos isso. Eu prometi e vou cumprir.

Ela é doce e firme ao explicar a Luiza o porquê quer ir. Eu vejo a armadura da esposa do meu pai ruir.

— Eu tenho que ir com um par, essa é a regra do baile. Se não fosse por isso, eu não aceitaria ir com Arthur.

— Eu levo você — me vejo dizendo.

Porra! Nunca mesmo vou a essa merda de baile. Não gosto daquilo. Acho uma babaquice. E agora vou apenas porque não suporto ver a tristeza de Grace porque quer ir.

Se ela quer tanto ir, então será comigo, e não com o babaca do Arthur

ACHERON - NACIONAIS

que tentará entrar na calcinha dela. Só em pensar eu vejo vermelho.

— Ótima ideia! Seu irmão a leva — Luiza diz animada.

— Ele não é meu irmão, mãe! — Grace quase grita.

— É claro. Foi um lapso. Vocês se dão tão bem que até parecem irmãos — ela se explica.

É a minha vez de bufar. Se Luiza souber o que se passa em meus pensamentos em relação à filha dela, não dirá uma coisa dessas.

— Eu não vou com Jason — Grace diz emburrada.

Fico indeciso se ela fica mais adorável brava ou emburrada. Ah céus! Desde quando eu penso que uma garota é adorável? Tem que haver algo de errado comigo.

— Estou falando sério, Grace, eu levo você ao baile.

— Ah, é? Para quê? Para me deixar de lado assim que uma das suas vadias aparecer?

— Grace! Olha o palavreado à mesa! — Luiza repreende a filha.

— Prometo ficar a noite toda ao seu lado, se assim desejar — respondo sincero.

Grace fica indecisa.

— Não sei. Vou pensar.

— Acho bom aceitar, querida, será somente assim que sua mãe irá deixar você ir a este baile — meu pai completa.

Naquela noite eu não quero mais fugir. Após meu pai e Luiza estarem dormindo há algum tempo sigo lentamente pelo corredor até o quarto de Grace.

Bato levemente e aguardo, ela não demora a abrir a porta.

— O que você quer, Jason?

O rostinho emburrado dela me faz sorrir.

— Trégua? — peço com jeitinho, e logo posso vislumbrar um meio sorriso no rosto dela. — Vim convidar você para ver as estrelas.

— Achei que não me quisesse por perto, não me convidou mais.

— Sempre quero você por perto, Grace — falo sincero, mais sincero do que esperava.

Ao meu lado, deitada na manta sobre o telhado da varanda, Grace olha para as estrelas, concentrada.

— O que está pensando? — eu quero saber, curioso.

Ela suspira antes de responder:

— Estou tentando entender você. — Vira seu rosto para mim. — Por que voltou a me ignorar, a ser um babaca? Achei que fôssemos... amigos...

A voz dela parece magoada.

— Somos amigos. Eu... Grace, eu... a culpa não é sua. Sou eu que...

Sou eu que não posso sentir algo por você, não posso gostar de uma garota maravilhosa como você porque irei embora.

— Me desculpe, eu estou com algumas coisas na cabeça. Não queria magoar você.

Grace volta a olhar o céu.

— Vai mesmo me levar ao baile?

— Eu disse que iria.

— Vai dançar comigo?

Sorrio. Ela é tão encantadora.

— Se você quiser.

— Eu quero — diz e olha para mim, sorrindo. Um sorriso lindo, puro, que vem do fundo da alma.

ACHERON - NACIONAIS

Porra! Não tem mais volta. Eu estou me apaixonando por ela.



Minha vontade é resmungar até não poder mais. Ter que usar smoking para um simples baile escolar é a pior babaquice a qual fui exposto até hoje. Mas é isso que eu estou usando hoje. A porra de um smoking.

Olho no espelho com a certeza de que se Nico pudesse me ver iria rir, mas rir muito. Minha vontade é arrancar essa roupa e desistir da ideia maluca desse baile, ou pelo menos ir com meu jeans e camiseta, mas não posso. Prometi a Grace.

Para ajudar, a maldita gravata está torta. Já tentei arrumar umas cem vezes, mas a porcaria continua torta.

Uma batida na porta me chama a atenção.

— Entra — respondo.

Meio sem jeito, Luiza aparece à porta. Ela nunca estivera no meu quarto antes.

— Posso entrar?

Não faço ideia do que ela quer.

— Claro.

— Nossa! Você está lindo, querido.

Sinto algo quente em minhas bochechas, acho que se chama vergonha. É, eu estou encabulado pelo elogio da esposa do meu pai.

— Não gosto muito desse tipo de roupa. Não é confortável, além disso, a gravata não se ajeita.

— Posso ajudar? — ela pede.

Concordo ainda sem saber o que ela quer. Ela então parou à minha frente desfazendo todo o trabalho que tive, recomeçando tudo outra vez.

— Eu fazia muito esses nós quando meu pai ia às festas da empresa que trabalhava. Ele sempre a deixava como você fez, torta para o lado direito.

Ela termina o trabalho e olho no espelho, está muito bom, muito melhor do a que eu havia feito.

— Obrigado — agradeço.

— Por nada, querido. Jason... eu...

Ela hesita.

— Eu queria pedir que cuidasse de Grace para mim. Ela já é uma moça, eu sei, mas no fundo é tão inocente. Tenho medo do que possa vir a acontecer... esses rapazes...

— Não precisa se preocupar. Não deixarei nenhum se aproximar dela.

— Cuide dela como sua irmã, Jason.

Eu não gosto do jeito como ela fala. Aquela não é o tipo de conversa que eu gostaria de ter com a mãe de Grace. Porém, o que mais posso dizer? Falo o que ela espera ouvir de mim.

— Vou cuidar de Grace como se fosse minha irmã.

Luiza sorri agradecida.

Termino de me arrumar e fico esperando na sala. Não sei se foi a ocasião, mas meu pai libera para que eu e Grace vá no seu carro. É por insistência de Luiza que ele aceita essa contravenção. Contudo, a escola estando a poucas quadras de nossa casa também ajuda.

É claro que teve todo aquele sermão de não beber, não ultrapassar o limite de velocidade e todo o resto. Mesmo assim estou animado. Dirigir aquele carro importado sempre me dá prazer.

Minha animação começa a virar irritação quando Grace começa a demorar. Qual é o problema das garotas quando se arrumam para sair? Por que

ACHERON - NACIONAIS

todas demoram tanto? Nas poucas vezes que tive encontros sempre acontece de eu mofar esperando.

Parece que com Grace não será diferente. Não que isso seja um encontro. Nem perto disso. Eu apenas a levarei ao baile para que ela possa se divertir já que quer tanto ir.

Ouçó o barulho na escada e suspiro aliviado, me levantando.

— Até que enfim...

As palavras morrem antes de eu completar o pensamento. Toda minha irritação está sendo substituída por admiração. Grace está fabulosa. Linda demais.

O vestido na cor cinza abraça suas curvas suaves com delicadeza, deixando à mostra as pernas longas e os ombros delicados. Está sexy sem ser vulgar.

Fiz bem em me oferecer para levá-la. Nunca a deixaria, linda do jeito que está, perto de Arthur, o babaca.

— Você está linda! — consigo dizer.

Tímida, ela sorri e fica ainda mais bonita. Como é possível?

— Você também está incrível, Jason.

Fico vaidoso, pois percebo nos olhos dela que realmente me aprecia.

— Vocês estão ótimos — Luiza diz sorridente. — Agora vão, para não se atrasarem. E Grace...

— Já sei, mamãe. Nada de beber ou ficar sozinha em lugares desertos.

— De preferência fique perto do seu... fique perto do Jason — a mulher do meu pai fala com um semblante preocupado.

— Não se preocupe, Luiza, ficarei perto de Grace o tempo todo — falo aquilo olhando para Grace e percebo os olhos dela brilharem. É como se ela quisesse justamente aquilo.

Não demora muito para que estacionemos em frente à escola. Há vários carros parados e vejo vários de meus colegas saindo dos automóveis. A maioria em traje formal assim como eu e Grace.

— Isso é mesmo necessário? — pergunto segurando a máscara preta em minhas mãos.

— É um baile de máscaras, Jason, acredito que precise usar.

Grace diz divertida enquanto coloca a máscara que irá usar. Enquanto a minha é discreta e preta, Grace usará uma rendada da mesma cor do vestido.

Assim que coloca sobre o rosto, ela fica com um ar de mistério. Gosto mais do que me permito admitir.

Entramos e o ambiente está muito bem elaborado com alguns tecidos formando uma espécie de tenda, e também muitas flores e algumas colunas. Parece que estamos na época medieval.

As músicas mais tocadas pelos DJs fazem o ambiente estremecer. E muitos jovens já dançam.

Grace encontra sua amiga Mônica e as duas riem e falam essas coisas que garotas fazem. Eu não entendo porra nenhuma.

Naquele momento, Katie, uma das minhas ex-ficantes, passa por mim. Veste um vestido vermelho colado ao corpo e uma máscara igual a de Grace só que na cor preta.

— Oi, Jason — fala com a voz que eu conheço muito bem. Era quando ela queria mais do que apenas me cumprimentar.

— Oi, Katie.

Ela se afasta e quando me viro Grace está à minha frente com o rosto emburrado.

— Você não precisa ficar atrás de mim a noite toda. Pode ir se divertir — Grace fala como se eu quisesse uma desculpa para ir atrás de Katie.

— Eu prometi a sua mãe que ficaria com você a noite toda.

— Não precisa, Jason. Você não é minha babá.

Agora ela está irritada e eu confuso.

— Vou ficar, Grace.

— Quero que queira ficar perto de mim e não porque minha mãe te obrigou.

— Sua mãe não me...

Não termino de falar porque Arthur, o babaca, se aproxima.

— Oi, Grace. Nossa! Você está linda!

Agora eu também estou irritado. Muito irritado.

— Obrigada, Arthur. — Grace diz derretida.

— Eu vim com a Nati, minha prima — o babaca explica.

— Eu vi com o Jason.

— Seu irmão.

— Não somos irmãos — me intrometo.

O babaca parece sem graça ao me ver perto, mas ele é audacioso o suficiente.

— Vamos dançar, Grace?

— Ela não pode já que é minha acompanhante — respondo.

— Não seja ridículo, Jason. É claro que eu posso dançar.

Sem que eu espere, Grace pega a mão de Arthur e me deixa sozinho com cara de imbecil. Eu! Eu que na maior boa vontade a trouxe nessa porra de festa idiota. Agora eu não estou só irritado, estou puto!

Minha vontade é de ir embora e deixá-la com o babava do Arthur. Mas não farei isso. Primeiro porque não confio no cara. E segundo, eu havia prometido que ficaria por perto. Mesmo que ela não queira.

Fico perto do bar por um tempo vendo Grace dançar com Arthur, depois com as meninas que eram suas colegas. Nesse meio tempo várias garotas tentam me chamar para dançar ou para ir a algum lugar com elas. Não vai rolar. Eu não estou a fim. Preciso ficar de olho em Grace. Arthur está sempre a rondando.

— Quando vai parar de ser idiota?

A voz feminina me faz olhar para o lado e vejo a menina de cabelos azuis me encarando: Mônica.

— Como é?

— Isso mesmo que ouviu.

Não entendo qual era a da garota. Não somos amigos, mas nos respeitamos por conta de Grace. Agora ela vem me ofender?

— Olha, garota...

— Escuta! — ela me interrompe. — Quando vai tomar uma atitude, Jason? Não percebe o quanto a Grace gosta de você?

— Não se mete no que não é da sua conta, Mônica.

Ela bufa, me dá um olhar irritado e volta a falar:

— Não era nem para estar te contando, mas você não se liga. Às vezes parece que gosta dela, mas sei lá. E se bobear, o babaca do Arthur vai tirá-la de você e não quero minha melhor amiga nas mãos do Arthur... ele não vale nada.

— Grace gosta de mim? — estou perguntando a mim mesmo.

— Sim, gênio.

— Gosta... tipo apaixonada? — novamente pergunto sem esperar resposta.

Dessa vez, Mônica não diz nada. Não é necessário. É óbvio. Eu imaginava que ela sentisse algo, aquele dia na biblioteca não saía da minha cabeça. Mas uma coisa é suspeitar e outra é ter certeza.

ACHERON - NACIONAIS

Olho para a pista e a vejo novamente nos braços de Arthur. Ver aquilo gera uma energia desconhecida dentro de mim. Algo quente, potente. Ciúmes.

Sigo decidido em direção aos dois parando ao lado deles.

— Posso ter uma dança com a Grace, Arthur?

Eu não estou pedindo e ele nota. Não gosta muito, mas não retruca. Talvez tenha visto no olhar de Grace o mesmo que eu: ela está satisfeita que eu estou ali.

Assim que fico sozinho com ela, pego sua mão contra a minha e me aproximo enlaçando sua cintura. A música *Tee shirt*, que sei ser a preferida dela, começa naquele instante, com certeza é a canção perfeita para o momento.

De manhã, quando acordo

Gosto de acreditar que está pensando em mim

E quando o sol aparece em sua janela

Gosto de acreditar que estava sonhando comigo

Sonhando

Eu sei, porque passei

Metade da manhã

Pensando na camiseta que usa para dormir

Eu sei, porque passei

Quase o dia todo

Ouvindo sua mensagem

Vou gravá-la e nunca deletá-la

Quando te vi, todos souberam

Que gostei do efeito que causou em meus olhos

Mas ninguém ouviu o peso de suas palavras

Ou senti os efeitos que elas causaram em minha mente

Me apaixonando

Tenho certeza de que sinto Grace estremecer quando começamos a nos mover ao ritmo da música. Posso jurar que ouço o coração dela bater alucinado, porém não posso ter certeza se é o meu ou o dela.

Apesar das máscaras que usamos, nos fitamos nos olhos um do outro. Os de Grace estão brilhantes. E os meus também. Eu estou fascinado por ela. Tudo nessa menina me atrai. Desde o começo. Eu só não quis perceber.

— Você não precisava dançar comigo...

— Grace...

— Jason, sei que isso tudo é um saco para você.

Olho-a firme antes de dizer:

— Nunca estar com você seria um saco.

Suas bochechas se aquecem, corando. Um toque ainda mais especial dela.

— Lembra quando disse que eu merecia uma garota melhor do que Sofia?

Ela balança a cabeça assentindo.

— Eu descobri o tipo de garota que eu quero.

— E qual é? — pergunta tão baixinho que mal posso escutar por conta da música.

— Como você mesma disse... tem que ser uma garota que me veja. Que

ACHERON - NACIONAIS

veja mais que o garoto bonito e gostoso que sei que sou.

Ela dá um leve sorriso.

— E modéstia é seu sobrenome.

Gosto que ela tente deixar o clima leve. Eu estou nervoso com tudo que vou dizer a ela.

— Pra que negar? Eu sei que sou bonito.

— Eu nunca afirmei isso. — Ela ri ainda mais.

— Sei que me acha bonito — provoco-a.

Grace desvia os olhos, tímida, mas não nega.

— Então... eu preciso de uma garota que seja minha amiga, que ria das minhas babaquices. Alguém em quem eu confie...

Eu hesito e Grace fica à espera.

— Alguém como você — digo finalmente.

— Você... você quer dizer uma menina parecida comigo, com meu jeito?

— Não. Eu disse que é você.

— Jason...

Paro de dançar e agarro a mão dela.

— Vem comigo?

— Para onde?

Nem eu mesmo sei para onde, apenas sei que preciso ficar sozinho com ela. Não era na frente dos nossos colegas de escola que eu direi a ela como me sinto.

Contornamos o prédio da escola, estamos nos fundos. Está um pouco escuro e totalmente deserto. Mas nada que impeça de ver o lindo rosto da menina por quem estou apaixonado.

Fico de frente para Grace segurando sua mão.

— Jason... o que...

— Grace... eu quero ficar com você.

— Comigo? Você me quer?

Ela parece tão surpresa, que sorrio.

— Sim, eu quero você, princesa.

— Mas... mas por quê? Você nunca deu bola para mim, nunca demonstrou interesse, e eu nem sou bonita...

— Pare com isso! — falo firme. — Você é linda. E eu estava me escondendo, fugindo das coisas que comecei a sentir... Ainda não sei o que é isso, Grace, mas quero tanto descobrir. Quero muito que me ajude a descobrir.

Sou totalmente sincero com ela e fico esperando uma reação. Esta não veio. Grace apenas me olha.

— Você quer ficar comigo, Grace?

— Somente por hoje? Quer ficar comigo somente por hoje?

— Não. Quero ficar com você... sempre.

Ela pisca algumas vezes, depois lentamente sorri e olha para baixo. É tão tímida, inocente.

Aproximo-me mais, seguro suas mãos, acaricio seus braços subindo em direção aos ombros até ter minhas mãos em seu rosto.

— Quero muito beijar você, mas não com você usando essa máscara. Está linda com ela, mas quero ver seu rosto por inteiro.

Retiro a máscara dela e depois a minha. A ansiedade está escrita no olhar e na tensão do corpo de Grace.

Novamente, seguro seu rosto entre minhas mãos aproximando meu rosto do seu. Posso sentir a respiração dela, o perfume delicado que exala.

— Não tenha medo, nunca iria te machucar — asseguro.

— Eu sei... — sussurra.

Fecho os olhos e sinto o ardor ao colocar meus lábios nos dela, como se fosse eletrocutado. Bom e ruim. Uma sensação estranha. A sensação de que este seria o melhor e o pior beijo da minha vida.

O melhor porque Grace é tudo que eu posso querer na vida. Mesmo com minha pouca idade, você sabe de cara quando encontra alguém especial. E o pior porque Grace ser tudo que eu quero na vida me dá a sensação de estar traindo minha mãe. Complicado isso, não?

Apaixonado por Grace eu não cumprirei meu objetivo de ir atrás de saber o que havia acontecido com minha mãe. Ter Grace, eu tenho certeza, suprirá todo o vazio que eu sinto em meu coração. Isso me assusta. E no fundo eu sei que não posso ter as duas coisas: Grace e minha mãe.

Eu tenho que escolher.



A partir daquela noite tudo mudou. Grace e eu começamos levemente a explorar o que sentimos um pelo outro. Estamos vivendo um romance. Um romance secreto.

Não foi por escolha minha e sim dela. Grace não quer desagradar à mãe que deseja que ela namore apenas aos dezesseis anos. Então teremos que esperar cinco meses para revelarmos nossa relação.

Em casa, somos muito cuidadosos sobre o que acontece entre nós. Nossos pais não desconfiam. Quando eles não estão é que nos permitimos relaxar um pouco.

Continuamos com nossa rotina de nos encontrarmos no telhado para apreciar as estrelas. Só que agora temos beijos e afagos para completar todo o

ritual.

Na escola somos discretos também. Apenas Mônica sabe sobre nosso relacionamento secreto. Ficamos perto um do outro como antes. Só que agora há os olhares, os toques propositais, tudo está cada dia mais intenso entre nós.

Naquela manhã, no final do intervalo entre as aulas, me escondo no armário do zelador. Já havia levado algumas garotas para lá e sabia que quase ninguém entrava ali, nem o próprio zelador, que naquele horário estava ocupado com a manutenção do pátio da escola.

Fico cuidando do corredor. É quando Grace surge, sozinha, carregada de livros seguindo para a biblioteca como é um hábito seu.

Não resisto em sorrir ao vê-la. Como é certinha e CDF. Somos opostos. O *bad boy* e a *nerd*.

Fico observando-a se aproximar, com aquele jeitinho que é só dela, tão doce. A saia plissada que ela usa a torna cada vez mais atraente para mim. Pergunto-me como não havia notado isso antes.

É nítido que depois que ficamos juntos pela primeira vez meu interesse por ela cresceu muito. Cada dia mais.

No momento que ela passa em frente à porta que estou, eu pego o seu braço a trazendo contra mim e fecho a porta em seguida.

Ela dá um gritinho, mas coloco minha mão sobre sua boca a impedindo de fazer barulho.

— Shhh! Sou eu, princesa — cochicho no ouvido dela.

— Jason... — Ela procura meu rosto. Está um pouco escuro, mas conseguimos nos ver. — Você quase me matou de susto.

— Desculpa — peço nada arrependido, pois a adrenalina e a ansiedade correm por todo meu corpo.

— O que estamos fazendo aqui?

Tão inocente, tão pura. Às vezes me pergunto em que século Grace vive.

As meninas da idade dela geralmente são bem mais ousadas e sabidas das coisas de sexo. Grace não. Não é tipo. Ela realmente não sabe sobre essas coisas. Talvez a superproteção que Luiza tem sobre ela pode explicar sua inocência.

Quando a beijei na noite do baile de máscaras tive quase certeza de que fui o primeiro homem a beijá-la. Ela não confirmou isso. Mas o modo tímido que ela demonstrou durante o beijo, a respiração acelerada com algo novo, ou seja, o medo de algo desconhecido.

Saber que ela é tão inocente assim e que serei eu o primeiro homem a tocá-la e a beijá-la pela primeira vez me deixa muito ligado. Muito mais do que havia imaginado.

Eu sou apenas um garoto de dezessete anos, mas como transo desde os quatorze, isso me faz parecer até um homem experiente perante ela. Eu mal posso esperar para poder ensinar tudo a ela. Mas sei que terei que ser calmo, ser paciente. Como ela merece.

— Eu queria muito beijar você. Achei que aqui estaríamos seguros — falo a verdade.

— No armário do zelador? — pergunta marota.

— É.

— Então... acho... que é melhor não perdermos tempo.

Mesmo com a timidez em sua voz e seu jeito, pela primeira vez é ela que toma a iniciativa e eu gosto demais disso.

Ela coloca seus braços em volta de meu pescoço aproximando-se do meu corpo oferecendo a boca.

Não perco tempo e a beijo como quero. Para minha surpresa, mais uma vez, é Grace que aprofunda o beijo me dando sua língua doce.

A aperto mais contra mim. Deslizo minha mão em sua carne macia tocando sua bunda pela primeira vez. Ela não se afasta, mas respira mais pesado.

Sinto-me autorizado a avançar. Devagar desço a mão acariciando a pele firme da coxa dela subindo por dentro da saia. Eu me vejo excitado. Faz tempo que não toco em uma garota desta forma e com a abstinência forçada, com o pouco estímulo, eu já estou no ponto.

Estou quase chegado ao meu propósito quando Grace suspira e se afasta um pouco, ainda presa em meus braços.

— Jason... — diz arfante.

— O que foi, princesa?

Resolvo abrandar um pouco o meu ímpeto. Não tinha sido minha intenção atacá-la desta forma, pelo menos não no armário do zelador. Contudo, quando estamos envolvidos e somos adolescentes, nem sempre as coisas saem do jeito que esperamos.

— Eu não sei... — Ela está confusa. — Eu... sinto umas coisas quando estou com você.

Tão doce. Grace tem um doce coração.

— Me explique, princesa. Não precisa se envergonhar.

— Eu não sei explicar... — Ela me olha nos olhos, suas bochechas estão coradas pela timidez, mas também pela excitação que ela não tem ciência. — Quando me toca... eu sinto um calor...

— Eu também sinto, baby. Isso se chama tesão. Você sabe o que é, não sabe?

Ela baixa o rosto, ainda mais vermelha.

— Sim — sussurra.

— Não precisa ficar assim, isso é normal. Quando um homem e uma mulher se desejam, entende?

Ela assente.

— Eu sou muito idiota, não sou? Você acostumado com as meninas experientes que...

— Ei! — chamo sua atenção. — Não importa, tudo bem? Eu quero você. E quanto a isso... a gente vai descobrindo aos poucos.

— Você vai ter paciência comigo? — pergunta aflita.

— É claro que sim.

— Você vai enjoar de mim se eu não...

— Grace? Escute. Eu quero ficar com você e ninguém mais, então não se preocupe.

— Tudo bem.

Eu a beijo de novo, mas com mais calma ou irei passar o dia com dor.



Nosso relacionamento é novo tanto para mim como para ela. Há momentos que não sei como proceder. Eu sabia como agir com as meninas que eu ficava no passado, não com Grace. Ela é importante para mim. Sem saber eu tenho medo de colocar tudo a perder.

E quando ela sorri do jeito que faz agora, eu tenho certeza de que há algo especial surgindo aqui. Entre meros adolescentes deitados sobre um telhado sob as estrelas.

— Por que está me olhando desse jeito? — Grace pergunta.

— Nada... venha aqui — convido-a para que se deite sobre meu peito. Está mais frio que os outros dias e por isso levamos uma manta a mais para nos cobrir.

A sensação de tê-la perto de mim abranda meu coração. Há muito tempo não me sinto assim: calmo e sereno.

— Você se sente feliz quando estamos assim? — Grace parece ler meus

pensamentos.

— Sim, eu me sinto feliz — respondo. — E você?

— Estou muito feliz, Jason — ela responde com um suspiro. — Às vezes me pergunto se é sonho ou realidade...

Eu a deito sobre a manta e me coloco sobre ela. Acaricio seu rosto e depois beijo-a com intensidade.

— Isso parece real o bastante para você? — pergunto em tom brincalhão.

Ela assente, e me puxa para mais um beijo. É para ser apenas um beijo, mas nunca me senti tão envolvido com alguém, e eu quero mais. Grace também quer, só ainda não sabe ou se sente insegura para admitir.

Quando tento tocar seus seios sobre o sutiã, ela me para segurando minha mão.

— Jason...

Eu recuo, não frustrado com ela, mas comigo mesmo. Já não havia dito que iria ser paciente? Isso era o oposto de ser paciente.

— Desculpe, princesa. Eu me empolgo quando estou com você.

Saio de cima dela, deitando ao seu lado e olho para o céu azul escuro com pontinhos brilhantes.

— Eu gosto que você se empolgue... é que...

— Eu sei, Grace.

Respiro fundo.

— Está bravo comigo?

Posso notar o temor na voz dela. Quando olho para ela, Grace tem os olhos brilhando.

— É claro que não!

Pego sua mão e a trago para mim novamente. Sua cabeça encosta-se em meu peito.

— Sei que é bobagem, mas eu não deveria nem estar namorando ainda e já estou, então fazer... fazer isso...

Ela tem vergonha de dizer a palavra.

— Sexo?

— É. Eu não acho certo. Ainda não me sinto preparada.

Para um garoto como eu, com todos os hormônios em ebulição, é difícil entender esse tempo que as garotas precisam. É sexo. É simples. Na minha concepção, pelo menos.

É claro que quando acontecer será mais especial por ser com Grace, mas a mecânica não deixa de ser algo simples. Acho que para todos os homens funciona assim. Para as mulheres não.

Eu estou ciente disso porque havia escutado a conversa da professora de Biologia com as meninas da escola na semana de educação sexual e os professores se dividiram para falar com os meninos e com as meninas.

Eu tinha ido ao banheiro e na volta havia parado perto da sala de aula. A professora falava sobre a dor que podia acontecer na relação sexual para as meninas. Falou sobre dor emocional, caso elas fizessem algo que não quisessem.

Uma das meninas falou que o namorado a forçou, contou que a machucou, ela chorou. Eu fiquei em choque.

Aquilo serviu para mim. Nunca forcei a barra com uma menina. Se ela dissesse não, era não e pronto.

Alguns colegas da escola — não diria amigos, pois amigo eu só tinha o Nico — achavam que forçar a barra com uma garota não era errado. Que se insistissem um pouco, elas cederiam e eles se dariam bem. Eu não concordo. Se a garota estiver a fim, tudo bem, se não eu a respeitaria.

Grace não precisa se preocupar, eu esperarei.

— Eu entendo, princesa. — Aperto-a em meus braços.

— Você é incrível, Jason.

Gosto do elogio. Eu não me acho nada incrível.

— Por que você me chama de princesa? —ela pergunta mudando de assunto.

— Não gosta?

— Gosto, sim. É que é o Nico que me chama dessa forma.

— Sim, eu perguntei por que ele fazia isso.

Ela ri.

— Princesa Grace Kelly — eu a provoco.

— Não tenho culpa se minha mãe colocou um nome de princesa em mim.

— Parece mesmo uma princesa — digo olhando-a e vendo-a ficar vermelha.

— Pare com isso.

— É sério. Você é doce, é boa, tem um doce coração.

Ela baixa os olhos rindo do que eu disse.

— Falei algo engraçado?

— Não é isso... é a escolha de palavras... doce coração. Mamãe me chama assim.

Franzo as sobrancelhas à espera da explicação.

— Deixa isso pra lá — ela diz. — Você também tem um bom coração, Jason.

— Eu sou um garoto *bad boy* a caminho da redenção — brinco.

Costumamos passar algumas horas juntos naquele que se tornou nosso lugar. Depois seguimos para nossos respectivos quartos tendo o máximo de

cuidado para não acordar nossos pais.

Está perfeito do jeito que está e pode ficar ainda mais.

— Eu e Luiza vamos passar dois dias na capital no próximo final de semana. Algum problema se vocês dois ficarem sozinhos em casa?

Meu pai solta aquela pergunta durante o café da manhã naquela segunda-feira.

Eu e Grace nos olhamos. Tantas possibilidades passam por minha cabeça, mas, claro, eu disfarço.

— Claro. Nenhum problema — respondo com ar desinteressado.

— Quer ir junto com a gente, Grace? Você sempre gostou de ir para a capital — Luiza pergunta a filha.

Olho para Grace pedindo com os olhos que ela recuse.

— Na verdade, mamãe, é que Mônica queria vir dormir aqui. Fazer aquele lance de festinha de meninas. Apenas eu e ela, é claro. Se a senhora não se importar, eu gostaria de ficar.

— Claro que não! Gosto da Mônica. Convide-a, assim você não fica sozinha.

— Eu vou estar em casa, você sabe — resmungo e minha madrastra ri.

— É claro, querido, eu me referi a uma presença feminina.

E assim ficou acertado. Os dois adultos viajariam para uma cidade a trezentos quilômetros de distância sem imaginar que deixavam em casa dois adolescentes que estavam namorando escondido.

O que eu preciso saber agora é se aquele papo de Mônica vir dormir aqui é mesmo verdade.

Assim que meu pai e Luiza deixam a mesa pergunto a Grace o que eu quero saber:

— Esse papo da Mônica vir dormir aqui foi apenas uma desculpa para

você ficar, não foi?

Eu havia prometido não pressioná-la, mas não de criar oportunidades para que Grace mude de ideia. E com Mônica aqui isso não será nem meramente possível.

— Não, é verdade. Mônica realmente quer vir dormir aqui.

Minha cara de decepção não é nada discreta.

— Mas eu não vou convidá-la.

Grace tem o rosto maroto, de quem acaba de me enganar. Eu sorrio para ela, que sorri de volta.

— Mal posso esperar para ter você só para mim.

Grace abre um sorriso e, mais uma vez, fica vermelha de vergonha. Luiza volta para pegar a bolsa que havia esquecido e nós disfarçamos. Estamos ficando bons nisso: disfarçar nossos sentimentos.



Wings – Birdy

GRACE

Mônica me olha sem disfarçar. Essa é a minha amiga, ela não disfarça nada do que sente.

— Quer parar de me olhar desse jeito?

— O quê?! Nem estou fazendo nada de mais — diz terminando de colocar o filme no DVD.

Então vem para meu lado na minha cama.

— Você trancou a porta? — pergunto nervosa.

— Tranquei. Olha... o filme é do meu irmão. Peguei escondida no quarto dele, então não faço ideia do que tem aí.

— Você nunca assistiu...

— Já sim. No verão passado na casa da minha prima, no litoral. Mas era um filme que ela mesma escolheu. Eu confio mais no gosto dela do que no do meu irmão. Então...

Mônica não termina de falar e o filme começa, quer dizer filme não, a

ACHERON - NACIONAIS

ação.

Não teve nada de romântico, nem eu esperava, mas acho que pensei que fosse mais... suave.

— Como é que ela faz isso? — Mônica faz a pergunta em voz alta, pois eu a fazia em pensamento ao ver a atriz engolir todo o pênis do ator.

— Não faço ideia.

— Isso não pode ser normal.

Eu e Mônica viramos a cabeça para o lado tentando ver de um ângulo melhor.

— Talvez... exista mulheres que tenham a anatomia certa para fazer isso — comento.

Após mais alguns minutos de posições e gemidos bizarros, Mônica se levanta desligando a TV.

— Isso é babaquice! Nenhuma mulher precisa fazer essas coisas. Já decidi: se tiver que fazer essas coisas serei celibatária.

Eu rio do jeito indignado dela.

— Talvez se você estiver muito apaixonada... — sugiro.

Logo depois eu e Mônica rimos muito lembrando as maluquices daquele vídeo.

— Nunca vou permitir que enfiem aquele troço na minha bunda — Mônica diz, ainda rindo.

Mais uma rodada de risos se segue.

— Acho que foi uma péssima ideia assistir a esse filme — concluo.

— Bom... serviu para você ter uma ideia de como funciona.

— Eu não sou tão obtusa assim, Mônica. Eu já sabia como funciona... só queria ter mais experiência.

— Com Jason você não vai precisar disso, ele vai saber te ensinar.

— Eu sei.

— Você vai dar para ele nesse final de semana? — pergunta curiosa.

— Ai, que jeito de falar, Mônica!

Minha amiga e sua sutileza.

— O quê? É assim mesmo, Grace. Não seja tão puritana. Então? Vai ou não dar para ele?

— Eu não sei... acho que ainda é muito recente. Estamos há pouco tempo juntos.

— Isso não tem nada a ver.

— Eu sei, mas também tem esse lance de ele ser mais experiente. As garotas com quem ele ficava faziam...

— Pode parar! Não pode fazer isso também só porque se sente pressionada. Tem que ser porque você quer.

— Jason, não me pressiona, eu é que fico pensando nisso, pensando nas outras garotas...

— Amiga, se você ficar pensando em toda menina que deu para o Jason está ferrada.

Não gosto de pensar nisso. Afinal, foi antes de estarmos juntos, mas eu sinto um ciúme insano. A insegurança de que ele se canse de me esperar e volte à vida antiga em que tinha todas as garotas a seus pés, me persegue. O que eu estou dizendo, ele ainda tem as garotas à sua disposição, só que agora ele recusa todas elas.

Ele é tão maravilhoso. Eu sinto que só tem olhos para mim. Mesmo assim existe essa pequena insegurança...

O dia que eu mais anseio e temo chegou: o dia que mamãe e Nestor vão para a capital passar dois dias. Eu terei quarenta e oito horas para ficar sozinha com Jason. Sozinha. Apenas eu e ele.

ACHERON - NACIONAIS

Mamãe me faz várias recomendações ao sair. Contudo, ela não pode imaginar que sua querida filha ficará em casa sozinha com o garoto por quem é apaixonada.

Meu coração está o tempo todo acelerado. Assim que o carro some na estrada, Jason e eu entramos em casa. Nos olhamos, sorrimos, eu corro, ele ri, eu dou um passo em sua direção, ele dá dois na minha, e enfim...

— Enfim sós! — falamos juntos.

Sinto a boca dele sobre a minha, segundos depois. Beija-me com paixão, me tira a razão, me deixa sem conseguir pensar. Precisamos parar ou não sei o que pode acontecer.

— Jason... — falo descolando minha boca da dele, sem conseguir respirar.

Ele se afasta um pouco.

— Desculpe... eu...

— Tudo bem — tento ser racional.

— Vem cá, princesa. Deixa eu abraçar você.

É tão bom abraçá-lo. Sentir seu corpo grande e quente em volta do meu. Sinto-me tão segura, querida, amada.

Não sei se ele sente essas coisas, mas se sentir eu serei a mulher mais feliz do mundo. Eu não estou errada. Por trás daquela máscara de *bad boy*, Jason é um homem incrível.

— Eu estava pensando... — ele diz contra meu cabelo.

— Em quê? — pergunto curiosa.

— Será que você pode fazer aquele bolo de chocolate? Aquele que fez no meu aniversário.

Afasto-me dele, sorrindo.

— É isso o que você quer?

— Quero outras coisas também — diz malicioso —, mas posso esperar.

Dou um tapa de brincadeira nele.

— Eu faço, mas você vai ter que me ajudar.

— Tudo bem. Eu ajudo.

Vamos para a cozinha e juntos fazemos a maior bagunça. É farinha, açúcar, achocolatado por todo lado. Na mesa, no chão, na minha camiseta, na de Jason. Até no meu cabelo tem um pouco de farinha.

Rimos muito e passamos um bom tempo como namorados normais. Enquanto fazemos a receita, trocamos beijos, pequenos carinhos. Eu rio com as piadas quase sem graça dele, mas eu rio mesmo assim porque estou feliz.

O cheiro do bolo impregna a casa. Depois de pronto comemos juntos e está delicioso.

— Você faz o melhor bolo de chocolate do mundo.

Sorrio envaidecida.

— Obrigada, mas não exagere.

— Estou falando sério. Achei que o da minha mãe fosse o melhor...

De repente, ele fica pensativo, triste. Sempre que o assunto sobre sua mãe surge, ele disfarça, mas fica triste. É nítido o quanto sente falta dela. Eu tenho vontade de falar com ele sobre isso, porém preciso que ele me dê abertura para isso.

Resolvo mudar de assunto.

— Preciso tomar um banho, estou imunda.

— Quer ajuda? — pergunta malicioso, recuperando o bom humor.

Decido brincar com ele.

— Quero sim.. — Os olhos de Jason se abrem mais. Eu começo a rir.
— Quero ajuda para limpar essa bagunça, com o banho eu posso me virar sozinha.

— Espertinha — ele fala, rindo.

E é o que fazemos. Limpamos toda a bagunça. Depois Jason me convida para assistir a um filme no seu quarto. Fico um pouco receosa. Nós dois sozinhos, em sua cama, em seu quarto. Mas ele diz que era algo que os namorados fazem. Então eu aceito.

Neste momento, eu seco meu cabelo. Já estou vestida com uma camiseta soltinha que amo usar em casa e uma simples calça de moletom. Nada sexy para ficar junto ao meu namorado, mas não estou procurando ser sexy.

Chego à porta do quarto dele e bato de leve. Escuto a voz de Jason me pedindo para entrar. Ele está abaixado escolhendo um dos muitos DVDs que enfeitam sua parede.

Tem o cabelo molhado devido ao banho recente. E usa quase a mesma roupa que eu: camiseta e calça de moletom.

— Oi — falo.

— Oi, princesa. Vem aqui.

Sigo até ele, que se levanta me abraçando.

— Estava escolhendo um filme para nós. Que tal esse?

Mostra-me um filme que eu não conheço. Parece ser algo de ação ou suspense. Não importa qual o tipo de filme, o importante é estar com ele.

— Pode ser.

— Então, será esse. É um bom filme, pelo que me falaram. Não assisti ainda.

Deito em sua cama e ele me abraça enquanto começam a aparecer os créditos do filme.

— Quer que eu faça pipoca? — indago.

Filme e pipoca são a combinação perfeita para mim.

— Não. Ainda estou cheio com o bolo de chocolate.

Não falamos mais por alguns minutos assistindo ao filme. Eu assisto mais as reações de Jason que parece animado com o filme. Quanto a mim fui me sentindo sonolenta...

— *Grace?! —*

Ouçó meu nome ser chamado. Tudo está numa penumbra, como se houvesse uma neblina me impedindo de enxergar.

— *Grace...*

De novo a voz... parece a voz do meu pai?

— *Pai?! —* chamo.

— *Se afaste, meu bem, se afaste dele, deles...* — Sua voz é de agonia.

— *De quem?* — pergunto sem entender.

— *Se afaste dele, filha! Se afaste!*



Pulo assustada na cama. Sinto uma mão me segurando.

— Grace? Está tudo bem?

Jason olha para mim. No quarto dele está escuro e a televisão está desligada.

— O que... o que houve?

— Nós dormimos. Você primeiro e depois eu. Estava sonhando, princesa?

— Sim, um sonho tão estranho. Com meu pai. Eu nunca sonho com ele.

— Os sonhos são assim mesmo, não tem explicação.

Jason me puxa contra ele e novamente estamos deitados um contra o outro.

— Desculpe por eu dormir.

Aquele sonho estranho ainda não sai da minha cabeça.

— Adorei vê-la dormindo. Ainda mais na minha cama.

Eu sorrio um pouco tímida. Nos olhamos e aquela intensidade está lá novamente.

Ele vem para mim devagar. Seu corpo quente pressionando o meu. Sua boca desliza contra a minha me fazendo me abrir e me entregar.

Os beijos de Jason têm o poder de me deixar fora do eixo. Sinto os lábios dele desceram por meu pescoço. Ele beija, dá leves mordidas para depois chupar minha pele.

Aquele calor que eu já comecei a me acostumar está novamente presente. Sinto um arrepio que esquenta lugares específicos. É tão bom, mas sinto que preciso de mais e, ao mesmo tempo, me sinto insegura. Tenho medo de me precipitar.

A mão de Jason se infiltra por dentro da minha blusa acariciando minha barriga. A palma da mão dele em contato com a minha pele me fez suspirar.

— Posso tocar em você, Grace? — Jason pede.

— Eu... Sim...

Autorizo e a mão dele avança mais um pouco tocando meu seio por cima do sutiã. Ele aperta de leve e juro ouvir um gemido vindo dele. Ou talvez seja meu.

— Adoro poder tocar em você— ele fala olhando nos meus olhos. Depois volta a me beijar.

Fecho os olhos e me deixo levar. Ele me ajuda a retirar minha camiseta assim como retira a sua. Exploro seu tronco com minhas mãos como sempre quis. Jason continua me beijando quase sem parar. Sua mão se atreve por

dentro do meu sutiã e eu me permito ofegar quando ele toca meu seio diretamente. Aquelas sensações são novas para mim.

A boca dele substitui suas mãos e aquilo me assusta.

— Jason...

— Calma, princesa. Deixe-me beijar, vai ser bom.

Eu o deixo. E aquilo é... o céu e o inferno. É bom e ruim, pois eu quero ainda mais. Muito mais.

— Estou louco por você.

Quando a mão de Jason se insinua sob minha calça, eu salto segurando sua mão, o impedindo.

— Não.

Ele sorri.

— Tudo bem. Devagar... — diz me beijando nos lábios.

Colocamos nossas camisetas e voltamos a namorar, mas agora com menos ímpeto. Depois de um tempo em silêncio começo a me perguntar se Jason não ficará aborrecido comigo. Mesmo tensa me atrevo a perguntar:

— Não ficou chateado?

— Chateado? Pelo quê?

Ele parece surpreso.

— Você sabe... Porque eu parei...

Meu rosto deve estar muito vermelho. Eu sou a porra de uma garota muito tímida.

Jason puxa meu rosto para que o olhe.

— Deixa de bobagem. Jamais ficaria chateado com você — diz e eu suspiro aliviada —, agora com bolas azuis isso, sim, eu estou — acrescenta rindo.

Eu me escondo em seu peito, envergonhada.

— Tenho uma surpresa para você — ele fala de repente.

— O que é? — pergunto curiosa.

— Amanhã eu te conto. É um passeio.

Fico animada imaginando onde será que ele me levará.

— Vai mesmo fazer suspense?

— Vou sim, linda. Agora vamos dormir.

Penso que será impossível dormir nos braços de Jason. Não porque fosse ruim, ao contrário, é bom demais, e deixa meu corpo cheio de novas sensações. No entanto, naquela noite dormimos juntos. Foi apenas dormir mesmo. E foi mais que perfeito.



A sensação é tão boa. Algo macio, quente, toca minha bochecha de leve, meus olhos e meus lábios. Depois de algum tempo percebo que é Jason me beijando.

— Acorda, dorminhoca.

— Hum...

Ainda de olhos fechados, espreguiço-me. A cama está tão gostosa, que ainda estou com vontade de ficar nela.

— Ainda está cedo — resmungo de olhos fechados.

Ouçoo o riso rouco de Jason e abro os olhos. Ele é cada dia mais lindo! Como sou sortuda!

Tento não ter pensamentos de baixa autoestima e sim aceitar que Jason

me quer entre tantas meninas loucas por ele. Ele quer a mim.

— Grace? — Jason me chama fazendo com que eu pare de pensar bobagens.

— Hum?

— Levanta, linda. Temos que sair cedo para nosso passeio.

Aquilo sim me acorda. Estou curiosíssima desde o dia anterior para saber aonde vamos.

— Vai me dizer aonde nós vamos?

— Vou sim, sua curiosa — ele brinca beijando meu nariz. — Vamos fazer um piquenique na praia. O dia vai estar quente hoje, acho que vai ser maneiro.

Eu me levanto e o abraço com ímpeto. Estou muito animada. Não é sempre que podemos ir à praia, já que nossa cidade fica na serra. Apesar de não ser longe não é comum seguirmos para o litoral, contudo a ideia de passar aquele dia, com Jason, à beira-mar será a epítome do dia perfeito.

Corro para meu quarto tomando um banho rápido. Visto um vestido leve de malha e um casaco. Depois corro para a cozinha e preparo sanduíches para nosso piquenique. Pego bolachas recheadas, um vício de Jason, corto pequenos pedaços do bolo de chocolate do dia anterior e também levo sucos de caixinha para bebermos. Com tudo pronto sigo para encontrar Jason em frente à casa com sua belíssima motocicleta. Então sinto um frio na barriga: jamais andei de moto.

— O que foi, princesa? — ele pergunta pegando a pequena cesta com nosso lanche de minhas mãos.

— Eu... eu nunca andei de moto antes.

Meu namorado sorri para mim.

— Não precisa ter medo. Eu vou devagar e, bom... apenas se segura em mim e deixe o resto comigo. Suçuarana irá se comportar.

Sorrio devido ao nome que ele colocou em sua moto. Quero perguntar se não há perigo de sermos pegos pela polícia já que Jason não tem idade e muito menos habilitação para conduzir a motocicleta. No fim desisto de tocar neste assunto. Não quero estragar o clima que está tão bom entre nós. E não vai arrancar pedaço que eu seja irresponsável pelo menos uma vez na vida, afinal eu sou adolescente. Todos sabem que adolescentes cometem erros.

Com o capacete, que se fixou perfeitamente na minha cabeça, Jason espera para que eu sente na garupa da moto. Faço como ele me instrui e o abraço apertado. Muito apertado. Sinto meu corpo todo tremer. É medo, ansiedade e excitação por algo novo.

— Não se preocupe, e relaxe, princesa. Tenho certeza de que vai adorar.

E ele acerta. Após o medo inicial nas primeiras curvas, eu vou me acostumando e adorando a sensação de voar pelas ruas naquela máquina de duas rodas.

Estar abraçada a Jason com certeza ajuda muito e quarenta minutos depois chegamos em frente aquela imensidão azul.

O dia ensolarado, quente e com o mar calmo parece uma pintura em um cartão postal.

Deixamos a moto num lugar visível e seguimos para a areia. É delicioso sentir a areia morna em meus pés.

Colocamos nossas coisas no chão e olhamos para aquele belo lugar.

— Você já pode ficar de biquíni — Jason diz, inesperadamente.

Fico vermelha na mesma hora. Que burra! Como é que eu venho à praia e não trago um biquíni? E ainda por cima com meu namorado gato que naquele momento tira a camiseta revelando os músculos bem torneados?

— Eu... eu esqueci — revelo sem graça.

— Você pode ficar de calcinha e sutiã, eu não me importo.

Meu rosto pega fogo. A risada de Jason piora minha situação. Em seguida, ele me abraça.

— Estou brincando, Grace. É claro que eu adoraria ver você em um biquíni, mas não encana, viemos aqui para passear, passarmos um tempo juntos. Não quero que fique envergonhada, quero que se sinta à vontade comigo.

Depois daquilo eu me sinto melhor. Caminhamos de mãos dadas como um casal comum pela beira do mar e a água que toca nossos pés estava bem gelada. Apesar do dia estar mais quente, ainda estamos na primavera e não faz calor suficiente para que a água fique na temperatura ideal.

— Adoro o mar — Jason declara.

— Eu também gosto, nunca tive muito contato, mas gosto, é tão lindo.

— Gosto de estar aqui, de olhá-lo. Esse barulho me acalma. — Seu rosto olha o mar, ele está perdido em pensamentos. — Sempre foi assim, desde que eu vinha aqui com minha mãe.

Novamente lá está a voz com o tom triste.

— Me fale sobre ela — arrisco.

Jason respira fundo. Entendo que é o sinal de que não quer falar sobre aquele assunto.

— Desculpa — me antecipo —, não precisa falar...

— Não. Tudo bem, é só estranho falar dela... não sei se falo dela no presente ou no passado. Ela não está mais aqui e não sei o que aconteceu...

Pela primeira vez penso como deve ser difícil para uma pessoa ter um parente desaparecido. Eu havia perdido meu pai. Era triste e difícil, mas eu sabia o que havia acontecido. Não tivemos o corpo dele para nos despedir, porém fizemos o ritual fúnebre e sabíamos o que tinha acontecido com ele. No caso da mãe de Jason, não. Não se sabia por que ela partira e nem se estava viva ou morta.

— Devo falar dela como se tivesse morta? — ele pergunta mais a si mesmo do que a mim. — Ou quem sabe ela realmente esteja?

Paramos de caminhar e eu aperto a mão dele. Quero dizer que estou ao

ACHERON - NACIONAIS

seu lado, mas fico calada.

— É tão... confuso... às vezes me sinto tão sozinho.

— Você não está! — afirmo. — Tem seu pai, Nico e... e eu — falo em um sussurro.

Ele acaricia meu rosto com a outra mão.

— Eu sei... agora eu sei.

Voltamos a caminhar.

— Nunca falo dela porque é difícil, mas quero que você a conheça... como ela era incrível.

Dessa vez, ele não parece triste porque aparenta estar lembrando com carinho da mãe.

— Me fale.

— Minha mãe não era uma pessoa comum. Tinha algo nela que... Um mistério... Bem, enquanto todas as mães que conhecíamos, pelo menos as dos meus amigos se preocupavam com as coisas da casa, ela levava eu e o Nico para a praça e jogava futebol, voleibol e basquete com a gente e também andávamos de bicicleta. Meu pai estava sempre ocupado com o escritório, então ela é que nos acompanhava nessas coisas. Não estou dizendo que ele não era um bom pai, ele era, quer dizer, ele é. Ele apenas era ocupado.

Entendo bem o que ele diz, meu pai também não fora muito participativo na minha vida

— Quando ela comprou a moto, eu enlouqueci.

Eu sorrio com o jeito animado dele.

— Eu era louco por motos desde pequeno, e ela sabia. Meu pai ficou louco quando trouxe a moto para casa, ele disse: *Você ficou louca, Lídia? Como o garoto vai poder usar essa motocicleta, ele tem apenas doze anos?* Aí minha mãe nos surpreendeu ao dizer que ela sabia pilotar. Foi com ela que aprendi a comandar uma motocicleta. Ela me apoiava para que eu comesse a

disputar corridas e a ser um piloto de verdade, profissional. Eu ia começar logo, mas...

Ele não precisou terminar o que iria dizer.

— Por que acha que ela foi embora? — pergunto.

— Eu não sei. Já pensei muito nisso e não cheguei a nenhuma conclusão. Apenas que ela é diferente, não somente do jeito que falei... Ela não parecia pertencer a esse lugar. Quando ela... bem, meu pai não agiu normal, sabe? Ele ficou chateado, mas não como eu acho que um homem ficaria quando sua esposa desaparece. Ele chamou a polícia, mas, sei lá, posso estar sendo injusto, mas ele não se empenhou muito em procurar por ela.

— Eles se davam bem?

— Parecia que sim, mas você sabe, eu era uma criança e nunca prestei muita atenção. Porém, não era como é quando ele está com sua mãe.

— Sabe que tive a mesma impressão em relação a minha mãe e meu pai? — revelo. — Eu não lembro tão bem quanto você, mas eles não eram assim do jeito que... Nestor e minha mãe são. Não que isso seja uma coisa ruim. Gosto de saber que ela encontrou o seu pai. Eles se amam.

— Sim, parece que sim — ele concorda. — Nunca consegui perdoar meu pai por não procurar de verdade por minha mãe. Por isso que eu... fazia as coisas que fazia.

— Ficou revoltado.

— Sim, eu fiquei. Meu pai e Nico parece que não se importam por ela ter sumido.

— Acho que está sendo injusto com o Nico, Jason. Ele sente sim muito a falta da mãe.

— Ele falou algo a você?

— Nós somos amigos, conversarmos algumas vezes sobre o assunto.

— Ele nunca falou nada. Sempre que tentei falar algo ele não quis

conversa.

— Eu acho que por ele ser adotado, não sei, ele já perdeu a mãe uma vez, aí teve a sorte de seus pais o adotarem... pense em como ele deve se sentir.

Jason fica em silêncio enquanto caminhamos mais um pouco.

— Eu tinha um plano.

Não entendo ao que ele está se referindo.

— Plano?

— Meu plano era que quando eu completasse dezoito anos eu iria embora. Iria tentar encontrar minha mãe.

— Isso é loucura! Você nem faz ideia para onde ela foi.

Sinto-me desesperada com a possibilidade dele partir.

— Tem razão, mas mesmo assim eu iria, já estava decidido.

— Iria? Não vai mais?

Ele me olha por um longo tempo.

— Não, Grace, eu mudei de ideia. Não poderia partir depois de conhecer você.

Meu coração acelera ao escutar tal declaração. Fico com medo de assustá-lo com o que tenho vontade de dizer a ele, então apenas o abraço.

Quando volto a olhar para seu rosto, ele me olha de uma maneira doce.

— Gosto de você, Grace. Muito.

— Também gosto de você.

É muito mais do que gostar, eu tenho certeza, mas reservo essa informação apenas para mim.

O belo rosto de Jason se aproxima de mim. Olho para a pele morena, os olhos castanho-escuros, com um olhar que parece querer desvendar minha

ACHERON - NACIONAIS

alma.

Os lábios dele vêm para os meus e fecho meus olhos para apreciar a sensação maravilhosa que é tê-lo me beijando.

— Grace...

Jason me chama ainda com a boca tocando a minha.

— Sim? — respondo beijando seus lábios de leve.

— Quero que todos saibam que é minha namorada.

Recuo.

— Jason... minha mãe... falta pouco tempo.

Ele fica sério, dá para perceber que não gosta da situação.

— Sei que é bobagem, mas não quero faltar com a minha palavra, eu prometi, além disso, gosto de fazer o que prometo. Gosto de fazer as pessoas que amo feliz.

Ele não entende. Entenderá se eu falar tudo o que eu e mamãe passamos. Mas não quero correr o risco dele sentir pena de mim.

— Você me faria feliz se contássemos aos nossos pais que estamos juntos.

— Tenha um pouco de paciência, falta pouco tempo para meu aniversário. Por favor, Jason.

Ele respira fundo, me olha e depois sorri. Talvez não goste, mas aceita. É mais uma prova do garoto incrível que é.

— Tudo bem. Vem vamos voltar para onde a comida está, estou faminto.

O lanche está delicioso, pelo menos Jason devora tudo que eu preparei. Estamos tendo um bom momento juntos, apreciando o sol em nossa pele, o clima agradável. Eu estou contente.

Colocamos uma toalha na areia e deitamos abraçados. Aqui estamos livres, não precisamos nos esconder.

ACHERON - NACIONAIS

Muito depois, Jason se levanta e começa a desabotoar a calça jeans. Assim que o vejo apenas de cueca tenho certeza de que meu rosto está completamente vermelho.

— Jason...

— Vamos nadar! — declara.

— O quê?! Nem pensar! A água está gelada.

— Não está tão gelada assim — tenta me convencer. — Além disso, eu te esquento depois.

Seu olhar é malicioso.

— Eu nem trouxe roupa de banho.

— Eu sei, mas pode ficar com sua roupa íntima.

Começo a balançar a cabeça negativamente.

— Não vou fazer isso... tenho vergonha — confesso.

Descarado, ele ri.

— Princesa, não precisa ter, é como se estivesse de biquíni. Prometo me comportar.

Não tem como resistir quando ele faz aquela cara com aquele olhar. Recuo-me para olhar o corpo sarado de Jason, mas ele me pega algumas vezes o analisando.

— Vamos lá, Grace!

— Tudo bem. Mas... quero que se vire.

— Grace...

— É assim ou não vou para a água com você.

Ele dá mais um sorriso antes de se virar de costas. Trapaceira, aproveito a situação para olhar suas costas musculosas, suas coxas e aquela bunda. Senhor! Me dá mais calor. No fim das contas será bom tomar um banho

com a água gelada do mar.

Enquanto tiro meu vestido penso na maluquice que estou fazendo. Só Jason consegue que eu faça essas coisas... e eu adoro que ele seja assim.

— Tudo bem, já estou...

Não tenho tempo de terminar minha fala porque sou suspendida como um saco de batatas por meu namorado “ogro”. Ele me leva como um homem das cavernas por cima de seu ombro.

— Jason! Me coloca no chão!

Grito, esperneio para que ele me largue. Não surte o mínimo efeito, ele continua caminhando a passos firmes em direção ao oceano.

Só de pensar que minha bunda está para o ar, à vista de todos, me deixa doente de vergonha. Tudo bem que não há ninguém na praia, mas mesmo assim isso não dá o direito dele de fazer aquilo comigo.

— Me solta, Jason!

Eu estou puta! Meu namorado é um homem incrível, mas eu não posso esquecer que ele é apenas um garoto, apenas um adolescente assim como eu. E adolescentes fazem essas coisas babacas.

— Fique quieta, Grace — Jason diz e dá um tapa na minha bunda.

Eu não posso acreditar que ele faz isso!

Ele entra no mar e a água gelada respinga em minha pele me dando calafrios.

— Para, Jason, eu não quero mais, está muito fria.

— Um — ele conta.

— Não, por favor — imploro.

— Dois...

— Jason, se você...

— Três! — grita.

E lá fomos nós dois tragados por uma onda. O choque do meu corpo quente com a água gelada me faz pular. Tento me equilibrar e cuspo um pouco de água salgada.

Quando focalizo Jason, ele está rindo passando a mãos pelos cabelos molhados.

— Seu... cretino! — grito, furiosa.

— Não fique tão bravinha, princesa.

Um arrepio de frio me faz tremer e eu começo a andar em direção à areia.

— Idiota! Babaca! Crianção! É isso que você é!

Eu sigo destilando todos os insultos que conheço e Jason me segue, rindo. Que raiva! E que frio!

Louca para chegar onde nossas coisas estão e me enrolar em uma toalha quentinha começo a correr, mas antes que chegue a meu propósito Jason segura meu braço e me puxa de encontro a seu corpo.

— Não fique brava, princesa.

— Não ficar? — falo alto, ainda irada. — Como? Você age como um babaca, idiota e não quer que eu fique brava? Se pensa que isso vai ficar...

Não termino de falar, pois a boca dele toma a minha. Um beijo duro, forte. Tento resistir, tento mesmo, pois estou irritada com ele, mas sentir sua boca junto a minha, sua língua me invadindo, acaba com minha estrutura.

Eu sou inexperiente na vida, mas nada deve ser igual a ser beijada por Jason. Nem o melhor sorvete de chocolate, que eu amo, chega próximo ao que é a sensação de prazer de quando ele me beija.

Depois daquele beijo devastador, ele se afasta. Está sem fôlego, e eu também.

Os olhos de Jason passam por todo meu corpo como se estivesse me

ACHERON - NACIONAIS

acariciando e depois voltam para os meus. Seus olhos estão muito mais escuros que o normal.

— Sua roupa íntima está transparente — ele diz.

O leve instinto de me proteger passa por minha cabeça, mas não faço, porque estou presa sob o feitiço do olhar do meu namorado.

Nossas bocas se encontram novamente, vorazes. Nem sei como acontece, contudo, quando percebo estamos deitados na toalha, eu por baixo, ele por cima de mim. Nossas peles molhadas, nuas, se tocam, fazendo com que sensações inebriantes tomem conta do meu corpo.

Não é a primeira vez que sinto o desejo de Jason por mim. Já notara quando ele ficara excitado outras vezes, porém, dessa vez, a escassez de roupas me faz sentir todos os contornos de seu corpo.

Beijamo-nos, nossas mãos acariciam a pele um do outro, aonde conseguimos tocar. Nunca me senti tão quente, o frio que sentira há poucos minutos foi totalmente superado.

Meu quadril busca pelo de Jason, que em resposta pressiona sua pélvis em mim, naquele ponto dolorido e quente que anseia por algo que eu nem mesmo sei o que é.

Minha consciência flutua na névoa de desejo em que estou presa, e só consigo ter um raciocínio lógico quando Jason me toca. Ele me toca lá. Naquele lugar onde ninguém jamais ousara chegar perto. Onde eu mesma tocara pouquíssimas vezes. Porém, Jason é um especialista no assunto, pois o que está fazendo com os dedos parece mágica.

Acho que minha alma sai do corpo, pois uma série de tremores e espasmos me levam para um lugar desconhecido. Um lugar apenas de prazer.

Quando consigo voltar a respirar novamente entendo que tudo aquilo é novo e delicioso para mim. E mesmo que eu queira seguir mais adiante não vou conseguir, o medo é mais forte. Acabo travando e segurando a mão de Jason que está retirando minha calcinha naquele exato momento.

— Jason...

— Grace... eu... eu quero muito você — diz.

— Desculpe, não acho certo... não consigo, não ainda.

— Tudo bem.

Sorri forçadamente e me beija. Sei que está desapontado.

— Mas quero tocar em você — falo —, te dar prazer, assim como fez comigo.

— Grace... não sei se posso ser tão forte. Se você me tocar...

— Por favor? Ensine-me — peço.

E, pela primeira vez, faço algo que me deixa com o rosto mais que vermelho, só de lembrar. No entanto, não me arrependo, pois o sorriso no rosto calmo de Jason me deixa extremamente orgulhosa de mim mesma.

Ele aprecia meu desempenho. Eu sou uma novata no assunto e, com certeza, com o tempo e prática, eu ficarei ainda melhor no quesito agradar o meu namorado com a boca.



Na volta para casa aproveito muito mais a viagem de moto. Eu realmente gosto. Jason volta devagar para aproveitarmos a vista linda das montanhas e do mar. Agarro-me a ele com força. Adoro sentir o calor do seu corpo, o cheiro característico da sua pele, além disso, uma nostalgia está me dominando, afinal ao voltar para a nossa casa teremos que voltar a agir apenas como amigos.

Todavia, será por pouco tempo. Meu aniversário está se aproximando e então conversarei com minha mãe e tudo ficará ainda mais perfeito.

Assim que entramos na nossa rua vimos um homem parado em frente à nossa casa.

— Quem será? — Jason pergunta alto, acima do som do motor da motocicleta.

Não queríamos encontrar com ninguém conhecido, principalmente porque estar naquela motocicleta é um delito. Assim que a moto para ao lado da garagem, eu tiro o capacete e vejo quem é o visitante.

— Nico! — grito feliz.

Praticamente salto da moto e corro para os braços do meu amigo, que me abraça apertado.

— Quem bom te ver, princesa — diz.

Olho para seu rosto bonito e sorridente. Estou feliz por vê-lo.

— Por que não avisou que vinha? Eu esperaria por você.

— Eu quis fazer uma surpresa.

— Quanto tempo ficou aqui esperando? — pergunto, preocupada que ele tenha ficado por muito tempo esperando.

— Umás duas horas. Não se preocupe, Grace, ninguém mandou eu ser um burro e não ligar, e ainda esquecer a chave.

— Desculpe... eu e Jason... nós saímos para passear.

Observo quando Jason se aproxima cumprimentando o irmão.

— E aí, mano!

— Vem dar um abraço aqui, cara.

Nico abraça Jason, que faz uma cara de nojo. É engraçado, mas eu sei que é apenas tipo. Jason gosta e admira o irmão mais velho. E a recíproca por parte de Nico é a mesma. É bonita a relação deles, mesmo não sendo irmãos de sangue ambos têm um grande amor um pelo outro.

— Parece que cresceu, irmãozinho? — Nico provoca.

— Somente o suficiente para ficar ainda mais alto que você.

Eu rio das brincadeiras deles e pego a chave abrindo a porta para entrarmos.

Depois que todos nós nos limpamos — Jason e eu por conta da areia e água do mar, e Nico pela viagem que fizera —, fomos para a cozinha e preparamos um lanche.

A tarde se arrastou e ficamos na sala assistindo TV. Nico nos conta sobre a faculdade e como sua vida está mais agitada desde que se mudara.

— Estou namorando — ele revela.

Eu sorrio feliz. Nico é um rapaz incrível, além de muito bonito tem um coração maravilhoso, como poucas pessoas no mundo.

— Isso sim é uma boa notícia! — Jason exclama. — Por que não a trouxe?

— É recente ainda, mas estou feliz.

Enquanto Nico e Jason falam sobre Malu, a mulher que conquistara o coração do meu amigo, eu luto contra a vontade que tenho de revelar sobre meu relacionamento com Jason. Tenho certeza de que Nico não falará nada, mas não sei por que algo me diz que não devo falar nada.

Talvez seja pelo fato de pensar que mamãe e Nestor deverão ser os primeiros a saberem. Não sei, apenas sei que não falarei nada a Nico sobre meu relacionamento. Deixarei tudo para depois do meu aniversário.



Satellite – Nickelback

JASON

Eu olho para Nico que me observa de volta. Estamos em meu quarto. Grace está na companhia da mãe. Nossos pais retornam de viagem logo que anoitece.

— Não sabia que estava pegando a moto — Nico comenta.

— Não fala nada para o pai... Só fomos dar uma volta na praia. Eu fui com calma. Não colocaria Grace em perigo.

— Não vou falar nada, devia saber que não sou de fofoca — ele garante.

— Você está diferente — digo. — Parece mais homem. — Rio, provocando.

Ele joga uma almofada na minha direção.

— Babaca!

— Não, falando sério, você parece mais maduro.

— Tenho quer ser, Jason. Morar numa metrópole, estar por conta própria faz com que você cresça. Além disso, tem a faculdade, não é fácil.

ACHERON - NACIONAIS

— Mas está gostando da sua vida? — pergunto.

— Estou sim. E devo tudo que estou conseguindo a vocês — diz.

— Como assim?

— Bem, se não fosse por vocês, sua família me acolher quando eu era criança nada disso estaria acontecendo. Vai saber no que eu me tornaria.

— Pare com isso, Nico! Detesto quando você fala assim como se tivéssemos feito um favor. Porra! Você é meu irmão, é da família. Não tem que ficar falando essas coisas.

— Mas é a verdade. Vocês me deram uma chance na vida. Me deram uma família.

— É, grande merda. Uma família em que a mãe se mandou — falo amargo.

— Não fale assim — ele pede —, não desabone a atitude que ela teve ao me adotar.

— Não estou fazendo isso, só que... podia ter sido diferente, não podia? Poderíamos ter ela aqui com a gente.

— Sim, poderíamos.

Vejo a tristeza no olhar dele, coisa que Nico quase nunca deixa transparecer.

— Nico — falo, e ele olha para mim. — Se mamãe não o tivesse adotado, tenho certeza de que você seria o mesmo homem. Está no seu caráter, mano. Nada poderia mudá-lo.

— Obrigado, Jason — Nico fala, emocionado. — Você é meu irmão favorito.

— Sou seu único irmão, idiota.

Dessa vez, sou eu que jogo a almofada nele. Nós rimos.

— Você também está mudado, Jason, muito mesmo. Para melhor.

— Como você mesmo disse, com o tempo temos que crescer.

— Que bom. Fico feliz. Parece menos revoltado.

— Se pensa que me conformo com o sumiço dela... não, não me conformo, mas, às vezes, temos que admitir quando merdas acontecem.

— É. Você está com alguém? — Nico pergunta me pegando desprevenido.

— O quê?!

— É que estou aqui o dia todo e você não falou de suas conquistas ou que iria sair para pegar alguém. Não é seu estilo, além disso, está mais centrado, geralmente quando estamos namorando ficamos mais calmos. Pelo menos foi comigo. Então, está com alguém?

Está na ponta da minha língua para dizer que sim e dizer quem é a pessoa em questão.

— Que ideia! Eu namorando? Estou sozinho.

Nico é meu melhor amigo, e amigo de Grace. Podemos confiar nele, contudo não consigo dizer nada.

— Mas você sim está com alguém, e parece que está feliz — desvio do assunto, o que dá certo.

— Sim, eu estou feliz. Ela é maravilhosa.

— Eu... — não sei se devia dizer aquilo, mas preciso saber. — eu achei que você podia gostar da Grace.

— Eu? Gostar da Grace? Que papo é esse?

Ele parece confuso, e eu aliviado.

— É que você gosta muito dela, então pensei...

— É claro que gosto. Como uma irmã.

Maravilha! Penso comigo e luto para esconder o quanto aquilo é importante.

ACHERON - NACIONAIS

— Esquece isso — falo. — Foi apenas uma dúvida.

— Vocês parecem estar se dando bem — ele comenta.

— Sim, ela é legal.

É maravilhosa, linda, incrível, mas não verbalizo meus pensamentos.

Meu irmão fica apenas mais um dia e logo retorna para seus compromissos. Eu gosto da visita, mas com ele em casa é impossível ficar a sós com Grace. Já não é fácil quando apenas nossos pais estão, com Nico nos fazendo companhia durante o dia é praticamente impossível.

Na escola, eu espero por uma oportunidade de falar com Grace. Quero combinar de nos encontrarmos em algum lugar. É quando Luana, uma das minhas ex-ficantes, aparece e me encurrala contra a parede colando seu corpo ao meu.

— Jason...

— O que você quer, Luana?

Ela morde o lábio inferior numa tentativa de ser sensual.

— Faz tanto tempo que a gente não sai. Poderíamos sair hoje à noite.

— Eu não posso.

— Está saindo com alguém?

— Não, mas...

— Então... éramos bons juntos lembra-se? — Ela passa sua mão no meu peito. Tento segurar as mãos dela, mas a menina parece um polvo. — Eu adorava agradar você, lembra? — diz passando a língua nos lábios.

— Luana... eu não estou a fim...

Estou tentando não ser um cretino com a garota, mas está ficando difícil. Ela está colada a mim e por mais que tente empurrá-la, ela está conseguindo ficar grudada em mim. Terei que ser mais claro para que me deixe em paz.

Estamos no corredor da escola, em hora de aula, se um dos professores

ACHERON - NACIONAIS

nos pega ali, daquele jeito, estamos ferrados.

— Eu sou louca por você, Jason, sempre fui.

Não tenho tempo de reagir quando ela me beija empurrando sua língua na minha boca.

Como a lei de Murphy diz: “Se alguma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível”.

Digo isso porque de um lado do corredor surge Grace e do outro o diretor.

— Senhor Travelli e senhorita Esteves! Os dois para a diretoria agora mesmo!

Ouçõ Luana reclamando com o diretor, mas nem mesmo entendo o que dizem, meus olhos estão apenas naquela garota que tem meu coração e que me olha naquele momento com o olhar mais triste e magoado que eu já vira.

— Grace... — sussurro.

Ela não me dá chance de explicar, se vira e volta pelo mesmo caminho.

— Diretor, eu preciso falar com a Grace...

— Depois o senhor fala com sua irmã, senhor Travelli.

“Ela não é minha irmã, é minha namorada!”, quero gritar. Ou, pelo menos, era até poucos minutos atrás.

— Agora, por favor, os dois para a diretoria.

Eu e Luana ficamos sentados um ao lado do outro na sala da direção. Esperamos por vários minutos. Eu já estou agoniado para ver Grace.

— Jason...

Luana tenta puxar papo.

— Não fale comigo, garota.

— Desculpe por isso, mas ainda quero sair com você.

— Não sacou que não quero nada com você.

— Como não, se me beijou?

— O quê?! Está maluca? Foi você que me beijou, mas não importa. Só quero que entenda que não quero nada com você. O que desejo é que fique o mais longe de mim que puder. Entendeu agora?

— Não precisa ser tão rude. — Ela faz um bico.

— Você não viu quanto eu sou rude, então não me provoque.

Enfim, ela cala a boca.

Depois de tentar me explicar com o diretor, que se demorou em um sermão sobre responsabilidades e outras baboseiras, praticamente corro para casa. Provavelmente Grace está em casa devido ao horário e para minha total falta de sorte meu pai e a mãe dela também.

Estão todos na sala. Meu pai está olhando o jornal. Grace e Luiza estão à mesa arrumando alguns papéis que estão espalhados sobre a mesa.

Olho para minha menina, que não me olha. Finge que não estou aqui.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto me aproximando para que Grace me olhe e eu possa fazer um sinal de que quero conversar com ela.

— Estamos arrumando os álbuns de família. Algo que sempre deixamos para trás. Hoje Grace se dispôs a me ajudar — Luiza explica.

— Bacana!

Grace sequer olha uma vez na minha direção.

— Filho? — meu pai fala. — Grace nos disse que esteve na sala da direção? Foi pego com uma garota no corredor da escola? Isso é verdade?

Naquele momento olho para Grace que, dessa vez, me encara.

— Não foi assim, eu não estava com ela, foi ela quem me agarrou.

Ouço o riso de Luiza e Nestor, dando a entender que não acreditam em mim.

— Mãe, eu vou para o meu quarto. — Grace se levanta.

Essa é a minha chance. Estou pronto para seguir atrás dela quando meu pai começa a fazer perguntas:

— E ficou tudo bem, filho? Não levou nenhuma suspensão? Preciso falar com o diretor?

— Não, ficou tudo bem. Pai, eu preciso perguntar a Grace sobre a aula que perdi.

— Certo. E vê se não se mete em confusões — meu pai aconselha.

Quando subo as escadas, ouço os dois adultos rindo. Os ignoro e corro até a porta do quarto de Grace. Tenho quase certeza de que trancara a porta, mas não.

Entro sem bater no impulso e a pego sem blusa apenas com um sutiã branco. Tudo o que planejo dizer desaparece por um instante ao ver a pele branca e que sei ser macia.

Ela pega a blusa se cobrindo.

— O que faz aqui? Saia já!

— Grace...

— Sai daqui, Jason! Vá atrás da Luana e me deixe em paz!

— Você não ouviu o que eu falei? Eu não tive culpa.

— Eu não vi você repelindo-a!

— Não viu porque não deu tempo, ela me beijou de repente. Grace...

— Vai embora, Jason. — A voz dela é pura tristeza.

— Princesa... eu não fiz nada, juro. Quero apenas você.

Ela senta-se na cama e parece não acreditar em mim.

— Não consigo acreditar.

— Por favor... eu não preciso de mais ninguém, apenas você.

— Você e ela eram... ficavam antes.

Eu ajoelho-me à sua frente.

— Sim, nós ficamos algumas vezes, no passado, mas não pense assim.

— Eu quero acreditar em você, Jason, mas o que eu vi... me magoou.

Ficamos em silêncio. Sei que se eu não fizer algo tudo estará perdido entre nós.

— Eu amo você.

Ela levanta o rosto rápido e me encara.

— O... o quê?

Não esperava dizer isso a ela, mas estou feliz, pois é o que eu sinto. Nem sei como isso surgiu em meu coração, mas estou realmente apaixonado por ela.

— Eu não pensei que diria isso a alguém algum dia, mas é o que sinto por você, Grace.

— Eu também te amo, Jason.

Eu sorrio para ela.

— Então, baby, não pense em bobagens. Eu quero e amo apenas você.

Minha mão encontra sua nuca, enrola-se em seus cabelos e trago seu rosto para o meu. A beijo com força e a deito sobre a cama comigo por cima dela.

Ela corresponde às minhas carícias, mas, de repente, me empurra.

— Jason... nossos pais...

— Eu sei — falo, mas volto a beijá-la com força. — Quero tanto você.

— Eu também te quero.

— Quero fazer amor com você — digo e faço uma careta. — Nossa! Isso soou careta!

Ela ri.

— Não, isso foi lindo, eu também quero.

— Você quer? — pergunto aturdido.

Olhando para ela compreendo porque estou apaixonado, ela é tão linda, mais que linda, é magnífica.

— Sim, eu... eu quero, mas...

— Eu sei, precisa de tempo. Sem pressa. Teremos todo o tempo do mundo, sabe por quê?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Porque ficaremos juntos para sempre, e por isso não precisamos nos apressar. Sou louco por você e, provavelmente, terei que tomar muitos banhos gelados, mas estar com você é muito mais importante. E no fim o que são alguns meses quando teremos todo o tempo do mundo. Estaremos juntos, isso é o que importa.

— Promete? Promete que ficaremos juntos para sempre?

— No que depender de mim sim, Grace, ficaremos juntos para sempre.

Algumas semanas depois eu estou no meu quarto estudando para as provas finais quando uma garota maluquinha entra correndo e se joga sobre mim. Eu ficaria irritado se não fosse a minha garota maluquinha, a minha Grace. Não perdemos tempo e começamos nos beijar.

— Eles saíram? — pergunto entre beijos.

— Sim — ela responde mordendo meu queixo. Ela não sabe como brinca com fogo quando faz aquilo.

— Então vamos aproveitar.

A viro sobre a cama e me coloco por cima dela.

— Sim — ela diz com um gemido.

— Ah, Grace, não me mate.

Ela sorri.

— O que eu fiz?

— Esses gemidos... me deixam maluco.

— Vou parar então.

— Não, eu sou masoquista.

Ela ri com vontade. Adoro vê-la assim, feliz.

— O que você tem que está serelepe? — pergunto.

— Quero te mostrar algo no meu quarto.

— Hum... que coisa. Uma moça recatada convidando um cara para ir ao seu quarto — brinco com ela.

— Seu bobo! — Ela me dá um tapa na cabeça.

— Vamos ver o que é isso de tão misterioso no seu quarto.

De mãos dadas, seguimos até o quarto dela. Antes de abrir a porta, Grace faz um ar de mistério, me olha e ri.

Ao entrar no quarto sorrio ao ver por que ela está tão feliz.

— Então é isso?

Ela passa por mim. Há um cavalete e uma tela em branco. Ao lado várias tintas e pincéis.

— São meus materiais de pintura. Estavam na nossa antiga casa. Mamãe trouxe hoje.

— Agora vai poder pintar, princesa.

— Sim, eu vou. E... eu quero pintar você... Posso?

— A mim?

— Sim.

Como negar algo quando ela tem esse olhar.

— Nu?

— Perverso! — Ri. — Não é esse tipo de quadro que eu faço.

— Mas bem que você gostaria de ter um nu meu, confesse.

— Para que eu vou querer uma pintura se eu já tenho você, o original, que é muito melhor.

Insinuante, ela me beija sedutoramente. Cada vez mais, Grace se solta na arte da sedução. Ainda que não tivéssemos passado de amassos e algumas brincadeiras, eu sei que a cada dia ela se sente mais segura e que está mais próximo do dia que ela será totalmente minha.

— Meu aniversário está chegando.

— Eu sei... isso é bom, vamos poder falar para todos que estamos juntos.

— Não apenas por isso, mas também...

Ela faz um suspense. Minha garota está muito misteriosa hoje.

— Pedi a mamãe uma viagem ao litoral no dia do meu aniversário. Disse a ela que eu e a Mônica vamos ficar em um hotel SPA, que desejo aproveitar minha primeira noite com dezesseis neste resort com minha melhor amiga — ela hesita. — Mas não é verdade. Mônica não vai... Não sei como vai fazer, que desculpa irá dar, mas será você que vai ficar lá comigo. Vamos passar a noite juntos.

Sinto meu corpo vibrar e meu coração se encher ainda mais de amor por essa garota linda. A ergo abraçando com carinho.

— Será a primeira noite do resto de nossas vidas.

Ela me dá um sorriso lindo.

Depois disso passamos a tarde nos divertindo com seus pincéis e telas.

Ela me mostra alguns de seus quadros e fico fascinado em como ela pinta de um jeito bacana. Eu não entendo nada de arte, mas tenho certeza de que ela é talentosa.



— Acha que eles irão aceitar nosso namoro? — Grace pergunta.

— E por que não aceitariam?

— Não sei, talvez porque estamos morando aqui juntos como se fôssemos irmãos.

— Besteira! Não somos irmãos. — A aperto mais contra mim. — Talvez fiquem chateados por não termos contado desde o início.

— Eu sei que mamãe ficará triste porque a desobedeci.

— Ela ama você, vai te perdoar.

— Eu sei.

Aproveito um segundo de distração de Grace e infiltro minha mão em sua blusa. Estou muito a fim dela hoje.

— Jason...

— O que, princesa?

Ela ofega, fecha os olhos aproveitando quando acaricio o mamilo por dentro do sutiã.

— Isso... é tão bom...

— Tem coisas ainda melhores, baby.

De olhos fechados, ela sorri.

— Eu sei que tem, e sei que você vai me mostrar todas elas.

— Pode ter certeza de que sim.

Levo minha boca até a dela e a beijo com paixão. Grace corresponde como eu esperava. Aprofundo o beijo e logo estou duro e louco para saciar o desejo que sinto por esta garota.

Arrasto minha boca pelo pescoço dela, desço cada vez mais e já tenho meu rosto tocando o vale entre os seus seios...

— Jason... eles vão chegar logo — ela me alerta, se contorcendo.

— Eu sei... não paro de pensar no seu aniversário. Estou contando mentalmente cada maldito dia.

Ela fica calada.

— Acha idiota isso... isso que estou fazendo? De esperar até meu aniversário para a gente... pra...

— Pra gente transar?

Mesmo corada, ela balança a cabeça.

— Grace... me escute. Se você me perguntar se eu quero esperar, eu direi que não, porque eu te quero, quero muito mesmo e transaria com você em qualquer lugar. Agora mesmo. Pareço até um tarado devido ao tempo que fico pensando nisso, em mim e você... juntos. Mas antes de tudo isso vem você. Eu te amo, e se isso é importante para você eu espero numa boa.

Ela sorri e puxa meu rosto para junto do seu.

— Te amo, Jason.

Afundo meu rosto em seu pescoço sentindo o cheiro dela. É o cheiro que eu mais amo no mundo.

Para agradar meu pai, eu e ele jogamos uma partida de xadrez. Era um hábito nosso, no passado, quando nossa família estava completa. Depois

acabei me afastando e recusando os insistentes convites dele para jogarmos.

Agora, apaixonado por Grace, já não quero mais me afastar. Quero ser feliz e fazê-la feliz. E quando vejo Grace sorrir para mim discretamente por eu aceitar jogar com meu pai, percebo que estou deixando não só a ele feliz, mas a ela também, e no fundo eu próprio.

Estamos tendo um bom tempo em família.

— Filha, pensei mais um pouco sobre as boas faculdades de Direito das cidades próximas. Há uma diversidade delas.

Presto atenção. Luiza fala empolgada, e Grace sorri, mas eu a conheço, ela não está animada. Tenta disfarçar.

— Interessante, mãe. Poderemos ver isso com mais calma quando chegar a hora. Ainda temos tempo.

— O tempo passa rápido, querida. Você precisa decidir logo e focar naquilo que quer.

— Deixe a menina, Luiza. Ela ainda tem tempo — meu pai diz desviando os olhos do jogo.

— Achei que Grace iria para a escola de artes plásticas — falo.

Tanto Luiza quanto Grace olham para mim.

— Como assim, Jason? — Luiza pergunta. Parece confusa.

— Bem... Grace pinta muito bem, gosta de pintar, poderia seguir sua vocação.

Séria, Grace faz sinal para que eu deixe o assunto de lado.

— É apenas um hobby dela — Luiza explica.

— Tem certeza? Perguntou isso a ela?

— Jason... — Grace me alerta.

— Fala o que você pensa, Grace — insisto.

Todos nós olhamos para ela à espera do que dirá.

— Pintar não é uma carreira, Direito sim — Luiza enfatiza.

— Grace? — insisto.

— Filha? — Luiza pressiona.

Minha menina parece perdida, indecisa.

— Eu amo pintar...

— Eu sei disso, filha. Já conversamos sobre isso, mas não acha que a carreira de Direito é o mais correto para você? Já falamos tanto sobre isso.

— Eu sei, mãe. Vamos deixar as coisas como havíamos combinado. Farei Direito e pintarei como hobby.

Não falo nada, mas não aceito. Grace tem o hábito de querer agradar as pessoas e não pensar no que ela quer para si. É louvável, porém não o correto. Se eu pudesse fazer vê-la isso...

Mais tarde, em meu quarto, Grace surge com o semblante fechado.

— Não gostei do que fez hoje na sala — fala.

Fico sem reação por alguns segundos.

— Não gostou de eu tentar ajudá-la a fazer o que realmente quer e não o que sua mãe decidiu? — questiono.

— Não é assim e você sabe.

— Não, não sei, Grace. O que sei é que você quer pintar, que ama isso... Não entendo como pode pensar em cursar Direito...

— Porque eu gosto de agradar as pessoas! — ela explode. — Entendeu? Não gosto de brigas, discussões e de magoar outras pessoas. E no que diz respeito a minha mãe, ela sempre sonhou que eu fosse advogada, então sim eu farei isso para agradar a ela — explica. — É assim que eu sou, Jason... tente entender.

Eu cruzo o espaço que há entre nós e a abraço.

ACHERON - NACIONAIS

— Eu entendo, amor, apenas não consigo aceitar. Acho que você vai sofrer muito por ser assim.

— Talvez tenha razão, mas...

— Esquece — a interrompo. — Você é assim e eu te amo por ser assim... tão doce... meu doce coração. Eu vou sempre estar ao seu lado, princesa, sempre.

Ela me abraça apertado.

— Obrigada por existir, Jason.

Luiza e meu pai vão passar novamente o dia fora. Vão a uma reunião com amigos em uma cidade a duzentos quilômetros de distância, então eu e Grace aproveitamos para descer a serra em direção à praia, a nossa praia.

Ela está mais segura em ir comigo em minha motocicleta. Parece apreciar cada curva, cada movimento, cada vez que acelero.

Olho para trás seguidamente vendo um belo sorriso em seu rosto. Alcanço sua mão que está sobre meu abdômen e aperto de leve.

Gosto de estar assim com ela. Nessas ocasiões não existe nada, não existe problemas ou dúvidas. Existe apenas eu e Grace e o amor que sentimos um pelo outro.

Em breve, em poucas semanas, poderemos ficar assim, juntos na frente de todos. Grace completará dezesseis anos e estará liberada para namorar.

Não paro de pensar nisso. No tempo que falta para que ela seja inteiramente minha.

Como da outra vez que estivemos aqui estaciono a moto perto da areia. Pegamos nossas coisas e a cesta com a comida e partimos para mais perto da água.

— Hoje eu vim prevenida — Grace anuncia.

Quando a olho, ela está retirando a blusa e a saia. Ela usa um biquíni. Um minúsculo biquíni que me deixa completamente seduzido.

— Gostou? — pergunta virando de um lado para o outro para que eu possa ver de todos os ângulos.

Sorrio maliciosamente para ela, me aproximo, dou a volta em torno dela, a vejo ficar corada.

Isso me excita mais do que qualquer coisa.

Decido provocá-la ainda mais e digo:

— Gostosa!

As bochechas dela se tingem ainda mais de vermelho.

— Está realmente querendo esperar seu aniversário? Porque com esse biquíni... não sei se posso resistir em comer você.

— Jason... — ela resmunga baixinho.

Ela se afasta andando para longe mim, pegando a toalha na mochila que trouxemos.

— Não vou ficar envergonhada pelas bobearas que diz. Viemos passar um tempo juntos e é o que vamos fazer — diz estendendo a toalha na areia. — Vou pegar um sol, estou muito branca.

Para mim ela está perfeita.

— Precisa que eu passe protetor solar em você? — pergunto.

— Não, espertinho, eu passei em casa — responde, sorrindo.

— Mas eu não passei, preciso que minha namorada seja boazinha e proteja seu namorado dos raios nocivos do sol.

— Você é muito cara de pau — ela brinca.

Eu retiro minha camiseta, a bermuda e fico apenas de sunga. Não digo a ela, mas também havia me preparado.

Delicio-me com o olhar que Grace me encara. Ela não está fazendo o menor esforço ao me secar.

— Gosta do que vê, princesa?

Ela não percebe que me aproximo, apenas quando sente minhas mãos em sua cintura é que pisca, atordoada.

— Grace... você me olhando dessa maneira... me deixa... louco — digo já com minha boca em seu pescoço. O cheiro dela junto com o protetor solar parece um afrodisíaco.

— Você é tão bonito, Jason.

Já ouvira outras meninas falarem isso para mim, mas escutar de Grace é diferente.

— Você é tão bonito por fora quanto é por dentro.

— Eu te amo — digo a ela.

Sinto vontade de externar meu amor por ela sempre que possível.

Passamos boas horas na praia. A água não está muito fria dessa vez e Grace aceita entrarmos um pouco. Não há ninguém à vista, e por isso, podemos aproveitar como se a praia fosse exclusivamente nossa.

Jogamos frescobol. Caminhamos de mãos dadas, conversamos, namoramos. Aproveitamos os momentos de felicidade que se estende à nossa frente.

— Vamos terminar a escola no mesmo ano e então podemos ir para a mesma universidade — digo enquanto caminhamos apreciando a água que cobre nossos pés.

Grace me abraça apertado.

— Será que vai ser sempre assim... essa felicidade? — indaga.

Eu acaricio seu rosto e a faço me olhar.

— Acho que nem sempre, princesa, mas se nos amamos vamos conseguir passar por tudo juntos.

Ela assente.

— Você decidiu o que vai estudar? — pergunta.

— Não sei ainda... talvez algo ligado a mecânica. Não serei um piloto, mas posso ficar ligado ao ramo que curto.

— Você vai desistir de seu sonho por mim?

— Grace, não era um sonho. — Respiro fundo. — Como posso explicar? Parece que sou bom em pilotar, pelo menos era nas corridas clandestinas que participei, mas não era nada profissional. Nem sei se daria certo — explico e a olho e quero que veja que ela é mais importante que tudo. — Se eu fosse por este caminho, me tornar um piloto de motovelocidade teria que ficar longe de você... não é o que quero para nós. Quero você, somente você.

— Jason... as coisas que você diz...

— É a verdade, apenas a verdade.

— Eu sei que somos jovens demais — ela inicia —, mas não sei se o amor que sinto por você pode ser maior do que agora. Eu te amo demais — declara.

Sorriso.

— Eu também, princesa.

— Quero ser sua — ela diz.

— Você será... em breve...

— Não. Quero ser sua agora. Não quero mais esperar.

Engulo com dificuldade. Grace pega minha mão e me puxa. Eu a sigo como um sonâmbulo. Seguimos até a toalha em que ela se deitara pouco antes para se bronzear.

Ainda sem saber como agir deixo Grace tomar todas as iniciativas. Ela está tão decidida. Vejo isso no seu olhar.

Começo a reagir como um homem quando ela me abraça colando seu corpo ao meu e me beija. Me beija deliciosamente.

ACHERON - NACIONAIS

— Grace...

— Quero você, Jason, quero agora.

Estou por um fio de perder o controle. Não sei o que dizer, não sei como rejeitá-la, pois não quero rejeitar esse presente.

— Sei que você me quer — ela diz confiante.

— Eu não nego isso.

Ela sorri.

— Mas eu sei que você quer esperar, não quero te pressionar, Grace.

— Não estou me sentindo pressionada.

Ela diz e então faz algo que me faz perder o controle de vez. Ela lentamente desamarra a parte de cima do biquíni.

Os seios jovens e belos de Grace estão à mostra. Não consigo deixar de olhar. Sua beleza de menina-mulher é tão marcante.

Grace me olha encabulada, mas há também algo malicioso em seus olhos. Não resisto.

Minha mão segue até seu rosto, a acaricio, deslizo pelo seu pescoço, para a nuca e puxo-a para mim. Nossos lábios se colidem.

Mordo, chupo aprecio os lábios macios dela. Ao mesmo tempo ela coloca seus braços ao redor do meu pescoço. Estamos colados. Sinto o calor dela que certamente sente meu calor, o quanto me afeta.

A aperto mais contra mim. Como uma mulher que sabe o que quer, ela se esfrega contra minha visível ereção. Nem tenho como esconder devido ao desejo que sinto por ela. E também pela escassez de roupas.

Grace deita sob a toalha e eu a acompanho. Fico apoiado nos antebraços enquanto continuo beijando-a.

Em seguida deslizo minha boca para o pescoço dela. O cheiro dela, a maresia do mar, ao sol que aquece sua pele me deixa alucinado. Preciso dela.

Preciso prová-la totalmente.

E, porra, eu o faço!

Começo com seus seios. Passo a língua pelos pontos que sei que a agrada. Já fizemos isso outras vezes. Decorei como minha namorada gosta de ser acariciada.

Mas hoje serei mais ousado. Desço com os lábios por sua barriga descendo mais. Olho nos olhos de Grace que estão abertos, em expectativa.

Desamarro os laços que seguram a parte de baixo de seu biquíni. Ela está nua.

Pela primeira vez a vejo naquela parte. E, como esperava, ela é linda.

— Você é linda — verbalizo meus pensamentos.

— Faça amor comigo, Jason.

É o que mais quero, mas lembro-me de que estamos em uma praia praticamente deserta, mas não totalmente deserta. É dia claro, não podemos arriscar sermos surpreendidos. Além disso, não tenho nenhum preservativo comigo.

— Eu quero muito, minha linda, mas hoje não é possível.

Ela tenta protestar, mas eu a interrompo.

— Estamos em uma praia, em dia claro, além disso, eu não tenho como nos proteger...

Ela franze a testa sem entender. Tão doce minha linda Grace.

— Camisinha, princesa, eu não tenho camisinha.

— Ah... — Ela suspira e fica vermelha.

— Mas isso não quer dizer que não podemos aproveitar outras formas de nos amar.

Novamente o olhar ansioso toma conta da expressão dela. Volto a beijar seus lábios. Ela fica agitada, excitada. Sem fazê-la esperar mais desço por seu

ACHERON - NACIONAIS

corpo e a toco primeiro com os dedos, depois com minha boca.

Nunca fui adepto da pratica de sexo oral nas garotas com quem fiquei. Era mais egoísta, mas essa menina à minha frente é Grace. Eu sou louco por ela. E por ela faço tudo.

Fico totalmente apaixonado pelo gosto dela assim que a provo. Sei que é a primeira vez dela, mas fuço tudo para agradá-la ao máximo. Uso a língua para acariciar, massagear, chupar, tudo na pressão certa. Ela geme, enterra seus dedos em meus cabelos e sei que está quase lá.

Quando ela vem, a observo, não posso perder o espetáculo que é. Ela arqueia o corpo em êxtase. Não consigo evitar e sorrio ainda com a boca sobre ela.

— Nossa! — Ela suspira.

Levanto meu corpo ficando cara a cara com ela. Seus olhos estão brilhantes. Saciada.

A beijo partilhando com ela o gosto do seu prazer que está vivo em minha língua.

Ousada, Grace me toca. Aperto os olhos com força. Sentir suas mãos em mim é o paraíso. Quando ela insinua baixar minha sunga, eu a impeço.

— Princesa... se você me tocar, não vou conseguir me segurar e vou foder você.

Grace me encara.

— Fazer amor, Jason. Você irá fazer amor comigo.

Eu sorrio. Ela é muito romântica.

— Sim, isso também. Eu iria comer você, te foder e fazer amor tudo ao mesmo tempo.

— Seu boca suja! — ela me repreende, mas sorri.

Naquele momento escuto meu telefone celular tocar. Eu o tinha há pouco tempo, quase ninguém tinha meu número. Então, era quase certo de que era
ACHERON - NACIONAIS

meu pai.

— Onde você está Jason? — Assim que atendo, percebo que a voz dele está irritada. — Nem você e muito menos Grace estavam em casa quando chegamos.

— Pergunte se Grace está com ele, Nestor? — Ouço a voz preocupada de Luiza ao fundo.

— Não me diga que saiu com ela em sua motocicleta que deveria, mas não está na garagem?

Merda! Eles deveriam chegar apenas no início da noite.

— Eu e Grace viemos à praia.

— À praia? — meu pai indaga.

— Sim. Estava um dia quente — tento explicar.

— Não acredito que levou sua... Grace nesta motocicleta? Sabe que está proibido de sair com ela.

— Relaxe, pai. Viemos devagar.

— Vamos conversar quando chegar em casa. Traga Grace em segurança! — exige.

— Não esquentar — falo para tranquilizá-lo.

Ao encerrar a ligação olho para Grace, que já se vestiu e me fita preocupada.

— Eles voltaram mais cedo? — pergunta.

— Sim. Estão surtando porque saímos de moto.

— É melhor a gente voltar logo então.

— Sim. Vamos nessa.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS



Take Me Home – Jess Glyne

GRACE

Ao entrarmos em casa, eu e Jason percebemos minha mãe e Nestor com expressões faciais sérias. Estava nítido que não gostaram de saber sobre nosso passeio.

— Graças a Deus! — minha mãe diz e vem me abraçar.

Tenho vontade de dizer que ela está exagerando, mas tenho medo de magoá-la.

— Não precisa exagerar, Luiza, foi apenas um passeio — Jason explicita meus pensamentos.

— Venha ao meu escritório, Jason. Vamos conversar sobre você ter desobedecido as ordens de não sair com a motocicleta até completar dezoito anos.

Fico preocupada com meu namorado, ao seguir o pai ele me olha e dá uma piscada maliciosa. Não está nem um pouco preocupado. Seguro a vontade de rir.

Quando os dois desaparecem olho para mamãe, que continua me fitando.

ACHERON - NACIONAIS

— Vou para o quarto. Estou suja de areia e quero um bom banho.

Na verdade, quero reviver em meus pensamentos todos os momentos que passei com Jason aquela tarde. Quero relembrar o modo como me tocou...

Sinto um calor em meu rosto e tenho certeza de que estou corando. Preciso disfarçar para que minha mãe não possa ler meu rosto. Ela sempre foi perita nisso.

Quando já subo as escadas em direção ao meu quarto minha mãe diz que me acompanhará, pois precisa resolver alguns assuntos sobre meu aniversário.

Após o banho converso com ela sobre as dúvidas em relação ao meu aniversário.

— Não posso imaginar o que a senhora quer decidir sobre meu aniversário. Já não tínhamos decidido que vou passar a noite no resort com Mônica? — pergunto enquanto seco meu cabelo, sentada em minha cama.

Minha mãe olha para as telas que eu pintara há alguns dias. Todas elas estão escoradas na parede perto da janela.

— Sim, nós havíamos conversado sobre isso, mas eu queria algumas mudanças.

Tento parecer calma, pois não quero que ela desconfie o quanto aquela noite é importante para mim. É a noite em que serei uma verdadeira mulher. Onde o amor que eu e Jason sentimos será consumado.

— Que alterações?

Minha mãe sorri e senta-se ao meu lado.

— Nada de mais, querida. — Ela acaricia meu rosto. — Pensei que no dia anterior ao seu aniversário pudéssemos fazer um jantar em família... algo assim.

— É claro que podemos fazer, mãe. — Sorrio também.

— Minha menina está virando uma mulher — ela diz. Parece emocionada. — Está uma linda mulher, Grace.

Não sei o que dizer ou por que ela está falando estas coisas, então apenas sorrio.

— Como foi o passeio?

Então toda aquela conversa era por isso? Estava explicado.

— Foi legal. Estava quente, a água do mar calma. — Dou de ombros.

— Fiquei preocupada por ter saído com Jason na motocicleta. Deveria ter me ligado e pedido.

— Não precisava se preocupar, mamãe. Jason não deixaria nada de mal me acontecer. Mas peço desculpas se a preocupei.

Ela sorri, mas um sorriso que não chega aos olhos. Olha para o lado e volta a me fitar.

— Você e Jason estão muito próximos, não estão?

“Será que ela desconfia de algo?”, me pergunto.

— Sim — respondo.

— Fico feliz. Quero que vocês se gostem... como irmãos.

— A senhora já falou isso — digo desviando o olhar.

Não gosto do jeito que ela fala. Sinto que talvez ela vá ficar contra quando souber que Jason e eu estamos apaixonados.

Sinto os dedos dela em meu rosto persuadindo-me a voltar a olhar para ela.

— Não disse nada a ele, não é? — pergunta.

— Não, eu não disse nada. Mas não entendo por que ele não pode saber. Não é nada de mais ele saber...

— Acho melhor ele não saber, pode acabar confundindo. Só faça o que pedi. Não diga nada a ele. Tudo bem?

Eu balanço a cabeça concordando, mesmo que no fundo não concorde.

— E sobre aquele outro assunto... — ela sonda.

Sobre este assunto, sou eu que não quero que ele saiba.

— Não. Não quero que ninguém saiba — respondo.

Minha mãe entende e não diz nada.

Muito mais tarde, com os adultos dormindo, eu saio devagar do meu quarto. Quero ter certeza de que não serei pega.

Devagar, atravesso o corredor e chego à porta do quarto de Jason, que está apenas encostada.

Ele está deitado em sua cama, concentrado assistindo algum filme na TV. Eu não me canso de apreciar a beleza que lhe foi concedida. Ele era realmente bonito.

Na posição em que se encontrava, deitado, pensativo, lindo, faria qualquer mulher salivar, então quem dirá apenas uma menina como eu.

Deve ter sentido que eu o observava da porta, então vira o rosto e me encara.

— Oi — diz e um sorriso lindo aparece em seu rosto. — Vem aqui.

Faço que não com a cabeça. Ele franze as sobrancelhas, sem entender.

— Quero que venha ao meu quarto — falo baixo para não ser ouvida do quarto de minha mãe e Nestor que é próximo.

— O que está aprontando, princesa? — pergunta, desconfiado.

Eu sorrio porque estou mesmo escondendo algo. Mas é algo que tenho certeza de que ele vai gostar.

Quando entramos em meu quarto, eu digo a ele o que quero fazer.

— Você quer pintar um quadro meu? Agora?

— Sim. Estou sem sono...

— Tudo bem — ele concorda.

— Ótimo. — Sorrio animada.

— O que eu tenho que fazer?

— Quero você deitado na minha cama, sem camisa.

— Pensei que não pintasse nus? — ele diz sugestivo.

— Não pinto, não é nu, é apenas seminu — eu brinco.

O sorriso malicioso de Jason é apaixonante.

— Tudo bem, grande artista, vamos ver o que pretende.

Ele puxa a camiseta pelas costas e eu, embasbacada como sempre fico ao ver seus músculos, pisco para entrar em foco. Agora é a hora em que eu me transformo. Viro uma pessoa diferente quando estou com um pincel nas mãos. Sou focada, não me sinto uma simples menina. Sou sim uma artista.

Oriento Jason a se posicionar do jeito que quero em minha cama. Vou para frente da tela pego o primeiro pincel e começo o esboço.

Alguns minutos depois Jason diz que está ficando sonolento. Não há problema algum se ele quiser dormir, é até melhor assim posso registrar sua expressão relaxada. E ele faz. Dorme. Eu aproveito.

Desenho o rosto forte e anguloso que tem. Detenho-me nos detalhes: sua boca. A boca, aquela boca esteve em mim... e meu corpo se arrepia pela lembrança. Balanço a cabeça clareando os pensamentos.

Continuo a pintar e paro apenas quando também me sinto cansada. Serão necessárias outras sessões para que eu termine a pintura, mas com certeza isso não será problema. Temos tempo.

Deito-me ao lado de Jason e o abraço. Ele me sente e também me enlaça com seus braços. Seu corpo está quente. Adormecemos juntos. Felizes e apaixonados.

Acho que nunca me senti mais feliz na vida. Tenho até medo de que algo possa estragar essa felicidade. Recuso esse pensamento que julgo ser apenas insegurança por minha imaturidade.

Na noite seguinte, procuro por minha mãe para saber se ela reservou o resort para o meu aniversário. A data está cada vez mais próxima. Estou muito ansiosa.

Sigo até a biblioteca que sei ser o lugar em que ela e Nestor ficam geralmente após o jantar. Chego à porta que está entreaberta, Nestor parece estar em uma ligação. Não quero atrapalhar, mas a fala dele me paralisa.

— Não quero que isso se espalhe, Franco. Lídia definiu o destino dela quando resolveu sair de casa — Nestor fala firme.

Lídia? Ele falava sobre a mãe de Jason?

— Não, meus filhos não precisam saber disso. Parece ser uma pista falsa assim como as outras — hesita. — Eles já não têm a mãe com eles, não precisam desse tipo de informação. Eu agradeço por todo seu empenho, caro amigo, mas acho que agora, depois de saber sobre isso, o que devemos fazer, eu e meus filhos, é esquecer que Lídia existiu.

Naquele momento, Nestor encerra a ligação e eu entro na biblioteca. Agradeço mentalmente que fui eu a ouvir a conversa atrás da porta, poderia ter sido Jason e só Deus sabe o que poderia acontecer.

Fico em choque ao ver minha mãe na sala, então ela sabe de tudo. Não por menos Luiza e Nestor me olham abalados por me verem.

— O senhor sabe onde está a mãe do Jason — afirmo olhando para Nestor.

— Minha querida, não é o que está pensando.

— Como não? Eu ouvi o senhor falando com um homem sobre ela, que ele tem informações. Informações que vai esconder de Jason e Nico. Tem ideia do quanto seus filhos sofrem pelo sumiço da mãe?

— Grace? Não fale assim, meu bem.

— E você, mamãe? Sabia de tudo?

A decepção está visível em meu rosto. E meu coração despedaçado de tristeza pelo sofrimento que meu namorado passava e que poderia ser atenuado

se as informações sobre Lídia fossem partilhadas.

— Sente-se aqui, Grace — Nestor pede me indicando o sofá.

Ele senta ao meu lado.

— Eu só quis proteger meus filhos, e principalmente, impedir que Jason vá embora.

— Como assim?

— Querida — minha mãe fala —, Nestor tem algumas vagas informações, nada de concreto.

— E se Jason souber ele irá partir atrás da mais remota possibilidade de encontrar a mãe — Nestor conclui.

Meu coração troveja. É verdade, Jason havia confessado seu desejo de partir para ir atrás da mãe.

— Sabia que ele desejava ir embora? — pergunto.

— Sim, eu sempre soube, e não quero perder meu filho — admite.

— Por isso não pode falar nada, filha — mamãe completa.

Engulo com dificuldade. Minha cabeça diz que eu devo dizer a verdade a Jason. Eu sei como não saber nada sobre a mãe o machucava e meu dever como namorada é dizer a ele tudo que eu descobrira. Contudo, meu coração teme perder Jason. Se ele souber duvido que algo o segure de ir atrás da mãe. Nem mesmo eu serei capaz.

— Eu não sei... isso não parece certo

— Sei que vocês são muito amigos, mas deve entender, Grace, que escondermos isso é o melhor para ele.

Não consigo concordar, mas o medo de perdê-lo faz com que eu me cale. Quando encontro Jason depois de minha descoberta, não digo nada a ele. A culpa me corrói, mas o medo de que ele vá embora é maior. Decido que vou contar, somente não agora.

Deitados em minha cama naquela tarde, eu me sinto sonolenta após assistirmos um filme. E também culpada. Não consigo parar de pensar no que descobri e que não contei a Jason. Estou enganando-o? Estou traindo-o?

Acredito que sim, que estou fazendo essas coisas. Sei que tenho que dizer a ele o que descobri, mas meu coração se aperta com a possibilidade de que ele crie esperança por algo que pode apenas ser uma pista falsa, e principalmente, que ele vá atrás de sua mãe, e talvez não volte mais.

Não quero mais pensar nisso. Quero curtir os momentos que tenho ao lado dele.

Olho para o rosto de Jason, que também me olha.

— Quando você descobriu que estava apaixonado por mim? — pergunto puxando conversa.

— Por que essa pergunta agora, princesa?

— Curiosidade. Fala.

Ele parece pensar um pouco.

— Foi quando fez o bolo de chocolate no meu aniversário.

— Está falando sério? — questiono.

— Não, estou brincando. — Ele ri. — Eu... não sei ao certo, foi aos poucos, mas foi naquela noite olhando as estrelas quando eu disse que a levaria ao baile. Foi ali que percebi que estava amarradão em você.

— Apaixonado por mim — eu o corrijo.

Ele ri.

— Isso, princesa. Apaixonado. Louco de amor, com os quatro pneus arriados...

Começo a gargalhar com as gírias que usa.

— Olha só! Temos visita — Jason diz e aponta para a porta.

Uma barata passeia lentamente pelo quarto como se estivesse

ACHERON - NACIONAIS

desfilando.

— E aí? Cadê os gritos? Vocês mulheres não tem um lance de fobia a baratas? — ele questiona.

Eu permaneço calma.

— Elas são inofensivas — respondo, tranquila.

Então resolvo contar um episódio de minha infância, quando resolvi usar uma barata para assustar minhas coleguinhas da escola.

— Todas as garotas não têm medo de barata? — ele pergunta e tenta fazer cócegas em minha barriga.

Eu empurro suas mãos, pois morro se ele conseguir. Sou muito sensível a cócegas.

— Nem todas. Está vendo uma que não tem medo — digo, orgulhosa.

Ele ataca meu pescoço com pequenas mordidas e me contorço.

— Para! Deixa eu contar — peço, o empurrando. — Então, como eu ia dizendo... minhas amigas da escola estavam na minha casa. Na verdade, elas não eram muito boas comigo na escola. Você sabe. — Eu toco meu nariz com a mão.

— Grace...

Jason tenta interromper, porém eu não permito.

— Eu as havia convidado para brincarmos aquela tarde com as minhas bonecas novas, eu tinha muitas bonecas. Entre as meninas na minha escola quem tivesse mais bonecas era a menina mais popular. Bolei um plano. Coloquei todas as minhas bonecas em um quarto que eu sabia que havia uma barata. Mamãe havia tentado se livrar dela, mas ainda não havia conseguido. Então, quando mamãe saiu para ir ao mercadinho da esquina comprar refrigerante para nosso lanche, eu levei todas as meninas para o quarto e nos tranquei lá. Não demorou muito para que minha amiga secreta aparecesse, foi uma gritaria.

Eu rio lembrando a cena. Jason me acompanha rindo com vontade.

— Não sabia que você era tão má, princesa — ele comenta.

— Elas mereceram por debochar do meu nariz. Por sorte seu pai chegou antes de a mamãe chegar e me fez abrir a porta e libertar as meninas. Ele também me defendeu de tomar uma surra. E nem preciso dizer que as meninas nunca mais implicaram comigo, pois depois daquilo, elas me temiam...

Novamente, rio com gosto, mas Jason não.

— O que foi? — pergunto observando seu rosto sério.

— Você disse que meu pai apareceu para libertar as meninas?

Na mesma hora me dou conta da mancada. Fico vermelha, gaguejo.

— Não... eu... eu quis... quis dizer, meu pai — tento ajeitar —, foi isso! Meu pai apareceu e libertou as meninas.

Eu minto muito mal. Tenho certeza disso ao ver no rosto de Jason que ele não acredita em nenhuma palavra que eu disse.

— Grace? Era o meu pai, não era? Era ele quem estava na sua casa?

Eu abaixo a cabeça, não tem mais como esconder dele. Minha mãe não quer que ele saiba, mas não posso mais mentir. Pelo menos quanto a isso.

— Droga! Não era para você ficar sabendo. Eu nem sei por que não querem dizer nada sobre isso, mas sim era o seu pai. Eu o conheço desde pequena, Jason. Ele nos visitava regularmente. E suas visitas aumentaram depois que meu pai morreu. Ele e minha mãe são amigos há muitos anos.

Eu sei que ele está confuso. Para ele, seu pai e minha mãe se conhecem há pouco tempo.

— Jason... isso não tem nada de mais — comento.

— Não... eu... eu sei... só fiquei surpreso — garante, mas não parece estar certo do que diz.

— Seu pai sempre foi muito bom comigo. Ele levava presentes para

mim. Quase sempre aparecia no meu aniversário e no Natal.

— Grace, preciso te perguntar...

— Grace?!

A voz de minha mãe surge e meu coração dá um pulo. Nossos pais haviam chegado do compromisso que haviam comparecido muito mais cedo que imaginávamos.

— Droga! Mamãe chegou. — Salto da cama. — Você precisa ir para seu quarto — digo ao meu namorado.

Estou alarmada com a possibilidade dela o pegar em meu quarto.

Jason não parece se abalar com meu desespero. Continua na minha cama, sem se mexer.

— Não fique assim, meu amor, só falta apenas alguns dias para meu aniversário, e então poderemos dizer a todos que estamos juntos — digo interpretando o silêncio dele como chateação por termos que esconder nosso relacionamento.

Ele levanta e, de repente, sou puxada para um par de braços fortes, abraçada de uma forma quase esmagadora e olhada com intensidade.

— Jason... pare, você precisa... — tento argumentar.

— Eu te amo, Grace — Jason diz.

Meu coração se emociona. Sempre. Cada vez que ele diz isso para mim.

— Eu também te amo, te amo muito — digo —, mas agora você precisa sair. Minha mãe deve estar subindo.

Ele concorda, me dá um beijo rápido e sai do meu quarto. Não sei explicar, mas assim que ele se vai sinto algo estranho, como se algo fosse mudar.

Mal tenho tempo de pensar, pois minha mãe entra em meu quarto, carregada de sacolas e com um grande sorriso no rosto.



Minhas suspeitas começam a se confirmar nos dias seguintes.

Há algo errado.

Aliás, há mais de uma coisa errada.

Além de eu não conseguir esquecer que estava escondendo algo importante de Jason, desde que ele ficara sabendo que a relação de minha família com o pai dele era muito mais antiga que suspeitava, ele ficara diferente.

Distante.

Essa era a palavra. E eu não faço ideia do por quê.

Penso em diversas razões, mas nada me vem à cabeça. Cogito em perguntar a minha mãe, mas como a covarde que sou, fico com medo da reação dela.

Mesmo distante, Jason ainda é carinhoso comigo. É ainda o meu lindo namorado. O problema é que ele mal fica comigo. Parece me evitar.

Por vezes, o pego pensativo, com o olhar perdido, como se tentasse resolver algo difícil em sua cabeça.

Isso me apavora.

Estaria ele se enjoando de mim? De nossa relação?

Porém, eu não consigo acreditar nisso, não quando ele me beija como se sua vida dependesse daquele beijo. Ele me ama, eu sinto isso. Não posso estar tão errada.

Talvez, fosse nervosismo, afinal faltava apenas cinco dias para meu aniversário.

Eu mesma estou nervosa. Porém, mais que nervosa, estou ansiosa. Finalmente ficaremos juntos. Completamente sozinhos sem a possibilidade de alguém nos atrapalhar.

Quando meus pensamentos se focam nesse evento vindouro, eu não consigo esconder minha ansiedade e felicidade.

Comento com Mônica sobre o jeito estranho de Jason, e ela concorda comigo:

— Garotos! — ela bufa. — São os seres mais estranhos que existe.

Eu rio. Minha amiga de cabelo azul é única em dar significado a todas as pessoas.

— Deve ser nervosismo — ela afirma. — No dia vai ver só, ele vai tinir.

Mais uma vez abro um sorriso.

— E você, enfim, vai dar!

— Mônica! — a xingo, e olho para os lados para ver se ninguém no refeitório da escola ouviu.

— O que eu disse de errado? É a verdade, oras.

Em casa, mais tarde, naquele mesmo dia, percebo que Jason continua estranho e aproveitando que minha mãe está distraída, resolvendo algumas coisas ao telefone, sigo para o quarto dele.

Ele esta lá, deitado na cama, olhando para o teto como se a parede branca tivesse respostas aos questionamentos que estavam em sua mente.

Eu daria tudo para saber no que pensa.

— Oi — digo da porta do quarto, quando os olhos dele me observam rapidamente.

Em seguida, ele volta a olhar o teto. Não diz nada. Perco a paciência de vez.

— Jason! — Ele me olha. — O que está acontecendo com você?

— Como assim? Não está acontecendo nada — diz, mas sem ênfase alguma que esteja dizendo a verdade.

— É claro que está. Você... está todo estranho — digo não escondendo o quanto estou insegura com sua postura.

Em qualquer outra ocasião ele viria até mim, me abraçaria e diria que não há nada com o que eu me preocupar. Ele não faz isso hoje.

— Estou pensando...

Sua resposta é vaga.

— Pensando em quê? — pergunto.

— Na minha mãe.

A resposta, que eu não esperava, aumenta a culpa que sinto por não ter dito nada a ele sobre o que descobri.

— Se houvesse apenas uma pista... — ele diz.

Engulo com dificuldade. É isso! Toda essa estranheza dele é porque está sofrendo! E eu escondendo informações dele!

Sinto-me a pior pessoa do mundo. Eu não o mereço!

Então, tomo a decisão que julgo ser a correta. Contar minha descoberta.

Meu coração está em pânico, com medo de que após me escutar Jason fique ainda mais distante. Caso isso aconteça, eu saberei que o motivo foi minha própria ação.

Contudo, eu não aguento mais guardar este segredo dele. Não é justo. Assim, mesmo com medo de que ele parta após escutar o que eu tenho para falar, assim mesmo estou resolvida a contar a verdade.

— Preciso te contar algo — falo antes que perca a coragem.

— Me contar o quê? — Jason continua sem olhar para mim, disperso.

Respiro fundo.

— Eu escutei seu pai ao telefone com um homem... acho que o nome era Franco ou algo assim e... eles falavam sobre sua mãe.

Na mesma hora, os intensos olhos castanhos de Jason se voltam para mim.

— O que falavam? — A ansiedade é nítida na voz.

— Eu não entendi direito, mas... acho que era alguma pista sobre onde ela poderia estar.

Ele olha para o lado fitando a parede, pensativo. Eu estou com vergonha por não ter dito nada sobre o que havia escutado. Ele merece a verdade. Ele merece saber sobre qualquer coisa que diz respeito a mãe. Eu não tenho o direito de omitir qualquer informação. Mesmo que tenha medo que ele vá embora. Não posso ser egoísta a esse ponto.

— Me desculpe não dizer nada antes. Eu fiquei...

— Quanto tempo sabe sobre isso? — indaga.

— Alguns di... algumas semanas... — assumo.

— Semanas?! Por que escondeu isso?

Ele tenta aparentar calma, mas eu posso notar que está com raiva.

— Me desculpe, Jason, eu... seu pai e mamãe me disseram para não falar...

Ele não diz nada apenas me olha, desapontado? Decepcionado?

Resolvo falar o real motivo.

— A verdade é que fiquei com medo. Medo de que assim que soubesse sobre essa pista fosse embora como tinha planejado...

Abro meu coração e espero que ele entenda.

— Me desculpe — peço novamente.

— Por quê? Por que ele não quer me dizer nada? — pergunta levantando-se furioso, referindo-se ao pai. — Se não me disse nada sobre isso sabe mais do que escondeu.

Não me é indiferente, que ele não nega que irá atrás daquela pista sobre a mãe, e nem sequer reconhece minha insegurança.

— Preciso falar com ele, ver por que está me escondendo essa informação.

Quando ele se dirige para a porta, eu me agito:

— Jason? — o chamo.

Ele para.

— Você me perdoa? — pergunto, querendo, precisando que a resposta seja positiva.

Mais silêncio.

— Sei que errei ao esconder isso de você — continuo —, mas entenda que fiz porque... — hesito — eu te amo — digo simplesmente. Porque é a verdade e porque talvez justifique meu ato.

O vejo respirar fundo, depois me olha com aquele olhar de amor, que eu acostumei a ver quando ele olha para mim, mas então uma sombra passa por seus olhos.

— Preciso ir falar com meu pai — desconversa. — Eu já volto.

Ele sai e meu coração se afunda. Ele não diz que me perdoa e nem que me ama de volta, e, principalmente, não diz que não partirá.



We Both Know – Colbie Caillat (feat. Gavin DeGraw)

JASON

Depois que ligo para meu pai e digo que precisamos conversar o espero em seu escritório. Pacientemente? Não. Não estava paciente. Estou agitado com o que Grace havia me falado.

Uma pista sobre minha mãe!

Eu mal posso acreditar.

Contudo, ficar meia hora naquele escritório sem nada com que me ocupar só me faz ficar pensando ainda em mais merda.

Estou ansioso pelo que Grace contara, mas também porque preciso tirar aquela história a limpo. Aquela maldita dúvida que martela em minha cabeça desde que Grace me disse que já conhecia meu pai desde pequena.

Sei que não vou conseguir ficar em paz se não fizer a pergunta que não para de girar em minha mente. Uma pergunta sobre uma pequena suspeita que se infiltra dentro de mim dia após dia. Algo terrível. Algo que mudará tudo.

Por que meu pai mentiria sobre conhecer Luiza e Grace? A não ser que tivesse um grande motivo para isso? O motivo, que eu suspeito, me faz

estremecer só de pensar.

Será essa a explicação da partida da minha mãe?

Não! Não será isso. Não pode ser! Eu tenho esperança de que tudo não passe de apenas neura da minha cabeça.

Nos dias que se passaram comecei a observá-los: Luiza e Nestor. Os dois tinham uma cumplicidade de um casal formado há anos. Seria isso então? Eram amantes todos esses anos? Era por isso que minha mãe o abandonara?

Todas aquelas perguntas ficam rondando minha cabeça. Mas a pior delas... a pergunta que eu não sei se quero a resposta é a que fica martelando insistentemente em minha mente.

Será possível que o destino fez isso comigo? Meu pai seria capaz de ter escondido isso por todos esses anos?

Levanto, caminho a esmo, depois vou até a janela. Nada me acalma. Olho para a mesa dele, que nunca me atrevo a mexer. Contudo, agora é uma situação diferente.

Dou a volta e sento em sua cadeira. Abro algumas gavetas. Encontro somente papéis relacionados ao seu trabalho. Mais algumas gavetas e continuo encontrando os mesmos tipos de documentos. No entanto, ao fundo da terceira gaveta há uma agenda antiga. Parece ser de telefones. Eu nunca a havia visto antes.

Procuro na letra F e encontro um nome, um número.

Franco Gonzales.

É o nome que Grace havia mencionado. Há também um papel dobrado naquela página. Ao abrir encontro dois endereços:

Calle, 81 Bogotá — Colômbia.

Calle 116 — 17— 08 Bogotá — Colômbia.

Tenho certeza do que encontro: é a pista sobre minha mãe.

Meu pai não tem nenhum conhecido na Colômbia ao contrário de minha

ACHERON - NACIONAIS

mãe que a família veio de lá, e, provavelmente, ainda tenha parentes naquele país.

Por que ele sonega informações sobre minha mãe de mim? De Nico? Será que meu irmão sabe sobre isso? Qual é o propósito dele?

Enquanto penso sobre tudo isso segurando aquele papel, não percebo Luiza entrando no escritório.

— Jason?! O que está fazendo aqui? — pergunta desconfiada ao me ver na mesa do meu pai e, principalmente, segurando aquele pedaço de papel.

Ela sabe, concluo.

— Estou esperando meu pai, marquei com ele aqui, mas ele está atrasado.

— Sim, ele... ele ligou e pediu para avisar que estava atrasado.

Enquanto fala, ela não desgruda o olhar do papel que eu seguro.

Levanto calmamente. Talvez fosse bom ter Luiza aqui, com certeza ela poderá me dizer muito do que eu quero saber.

— Vou esperar, pois realmente preciso falar com ele.

— Claro, mas não quer esperar no seu quarto? — ela sugere.

— Não, aqui está bem — respondo colocando o papel no bolso. Em seguida arranco a página com o número do tal Franco. Também o guardo no bolso do meu jeans.

— Você deveria mexer nos papéis do seu pai assim? — ela pergunta, nervosa.

— Talvez não — respondo —, mas como essas informações me dizem respeito e me foram sonegadas tenho todo o direito de pegar sem permissão.

— Jason... — Ela dá um passo, mas hesita quando a encaro de forma rude.

— Gostaria de saber se você também está nisso, Luiza?

— Nisso o quê?

— Esconder as coisas de mim. Pelo que vi há pistas sobre minha mãe que meu pai escondeu.

— Não é como pensa... seu pai jamais faria nada que fosse prejudicar você ou seu irmão. Ele ama vocês. Se não falou nada, seja lá do que você desconfie, é porque não era nada a se levar em conta.

— Eu discordo. O que encontrei é algo sim a se levar em conta. Tenho certeza de que é uma pista sobre minha mãe.

— Jason...

— Mas até entendo que você deve estar preocupada.

— Eu? Preocupada? Por quê?

Ela está confusa. Aproveito-me disso.

— Porque se encontrarmos minha mãe e ela voltar, talvez você perca seu marido.

Luiza me encara, séria.

— É claro que está torcendo que tudo continue como está — continuo.
— Você aqui como a esposa do meu pai e eu e meu irmão sem nossa mãe.

— Não, você está enganado. Eu não quero que você e seu irmão fiquem sem a mãe de vocês.

— Não acredito nisso — digo.

— Mas pode acreditar, Jason, eu gosto de você e do Nico também. Sei que ficar sem a mãe de vocês os machuca. Não desejo o mal de vocês.

Fico em silêncio, pois Luiza parece dizer a verdade. Mesmo assim, ainda furioso pelo que descobri no escritório, continuo:

— Deve ter muita certeza do amor do meu pai por você — comento, com escárnio.

— É claro que tenho. Eu e seu pai nos amamos — ela declara e não
ACHERON - NACIONAIS

percebe onde estou querendo chegar.

— Deu pra notar. E parece que esse amor vem de muito tempo, não é? Quando Grace ainda era criança?

— O... O quê? — Luiza gagueja.

— Descobri o segredinho de vocês. Grace deixou escapar que conhece meu pai desde que era bem pequena.

— Não é nada do que está pensando...

Luiza aparenta cada vez mais nervosismo.

— Está bem claro para mim. Vocês dois eram amantes — afirmo.

— Não era assim...

— Por isso minha mãe foi embora, por conta desse caso de vocês! — acuso.

— Não! Não é verdade, não teve nada a ver com isso. Ela não foi embora por causa disso.

Sem perceber, Luiza assume o que eu já tenho certeza. E, além disso, parece saber por que minha mãe foi embora.

— Você sabe por que ela foi embora? — pergunto.

— Não... não sei.

Não acredito nela. A dúvida no qual me encontro se agrava. Fico cada vez mais perto da verdade, que acabará comigo.

— Jason... por favor, não fique com raiva... — ela pede.

— Talvez eu não fique, Luiza, se você me disser a verdade... Eu preciso saber de uma coisa, e preciso que seja sincera. Por favor, não minta para mim. É muito, muito importante...

Ela me olha em expectativa. Respiro fundo para criar coragem e faço a pergunta que me atormenta há dias:

— Grace é filha do meu pai?

Luiza fica calada por um tempo, mas seus olhos enchem-se de lágrimas, e eu sei a resposta antes mesmo de ouvir.

Ela balança a cabeça positivamente.

— Sim. Ela é filha de Nestor.

Eu fecho os olhos, coloco as mãos em minha cabeça, passo-as pelos cabelos como se pudesse expulsar a confirmação.

— Deus! — sussurro.

Não há ar o suficiente naquela sala, eu preciso de ar. Preciso respirar. Sinto meu coração rasgando.

— Somos irmãos — falo sem notar que digo em voz alta.

— Sim, querido, vocês são.

Novamente, Luiza confirma enterrando a faca que havia sido posta em meu coração.

— Por favor, não conte nada a ela — pede chorando.

Olho para ela, magoado.

— Por quê? Porque esconder isso? — preciso saber, preciso entender.

— Jason? Luiza? O que está acontecendo aqui?

Meu pai surge no ambiente naquele momento, segura seu casaco e sua pasta. Nas feições tem o rosto branco, assustado pela cena que presencia.

— Tive que contar a verdade a ele, Nestor... sobre Grace.

Mal escuto o que Luiza diz. Olho com tanto ódio para meu pai. Não sabia que podia sentir tamanha raiva e mágoa.

Ele havia traído minha mãe todos esses anos.

A decepção também me domina, eu jurava que ele era um homem diferente.

Além disso, escondeu a existência de Grace... Minha irmã.

Irmã.

Eu não posso acreditar nisso. Ainda não consigo crer nisso.

Eu estou apaixonado pela minha irmã. Beije, toquei em minha própria irmã. Quase transei com minha irmã.

Quero sentir repulsa ao pensar nisso, mas não sinto, pois amo Grace. Amo-a de verdade. Um amor puro e verdadeiro. Proibido, sei agora, mas ainda assim um amor verdadeiro.

E com esse pensamento minha raiva aumenta, toda minha ira está destinada a ele: meu pai.

Eu e Grace poderíamos ter ido além do que já fomos. E então ter dado realidade a palavra incesto que passa por minha mente. Repudio novamente. Não somos culpados. Não sabíamos. Éramos inocentes em relação a nosso parentesco.

— Filho?

Nestor tenta falar, levanto a mão impedindo-o.

— Você é o culpado! Porra! Você é o culpado de tudo! É o culpado por minha mãe ter ido embora! — grito. — Eu... eu sempre desconfiei, mas no fundo não quis acreditar.

Somente posso acusá-lo disso no momento, pois aquilo que verdadeiramente quero acusá-lo, mal consigo dizer em voz alta.

— Não é assim, Jason, você não sabe de nada — ele diz com a voz firme.

— E por que será que eu não sei, hein, pai? — É retórica, é claro. — Porque você sempre escondeu tudo de nós, apenas disse que ela tinha partido... Escondeu... Grace de nós.

— As coisas são complicadas, Jason.

— Estou pouco me fodendo para como as coisas são! — explodo,
ACHERON - NACIONAIS

furioso.

— Escute, filho, tudo que eu fiz foi para seu bem e do seu irmão.

— Não acredito mais em você.

A mágoa domina meu peito. Meu coração está destruído.

Grace...

Grace.

É só nela que eu penso. Como poderei olhar para ela como irmã?

Olho para Luiza que tem nos olhos vestígios de lágrimas não derramadas.

— Não diga nada a Grace — pede novamente. — Por favor, ela... ela não pode saber... não ainda.

— Diga a verdade a Grace — digo duro. — Ela merece saber. Só não conto nada porque ela ama e confia em você cegamente. Mas ela não merece ficar no escuro quanto a toda essa mentira.

Digo a Luiza para contar porque eu não terei coragem. Não tenho coragem sequer de olhar para a minha menina.

Como tudo pode desmoronar dessa forma? Até ontem fazíamos planos para daqui três dias, quando será seu aniversário de dezesseis anos. Quando iríamos finalmente ficar juntos. E agora...

Tudo estava acabado.

— Onde está minha mãe? — pergunto a meu pai.

— Eu não sei, juro que não sei.

Eu não acredito mais no que ele diz.

— Recebi apenas algumas pistas, coisa vaga.

Enfie a mão no bolso e retirei os papéis que havia guardado.

— Estas pistas?

— Jason...

— Eu vou atrás delas.

— Não, filho...

— Você não vai e não pode me impedir. Sei que sou menor, mas daqui a poucos meses eu faço dezoito, então nada nem ninguém vai atrapalhar o meu caminho.

— É este o caminho que deseja para você, Jason? Seguir atrás de pistas falsas sobre sua mãe?

Não era este o caminho. Antes era ficar com Grace. Contudo, isso foi antes de saber a verdade sobre ela.

Sem responder, viro-me para sair daquela sala. Estou sufocando.

— Meu filho...

Nestor Travelli me chama, eu olho para trás, mas não consigo mais ver o homem que foi sempre o exemplo a ser seguido. Vejo apenas um homem fraco, sombra de algo que eu não quero ser.



Conduzo minha motocicleta com fúria. Nem sei como não me envolvo em algum acidente com a raiva que sinto. Geralmente é assim, quando eu estou com raiva eu a abrando fazendo o que fazia de melhor: pilotando uma moto em alta velocidade.

Deslizo pelas curvas da autoestrada seguindo o destino que me levaria ao mar. Mais precisamente à praia, que se tornara meu refúgio. Meu e de Grace.

Só de pensar nela era como se um buraco perfurasse esse músculo alojado no meu peito.

Como não vê-la mais como a garota que eu era louco de paixão?

Não consigo nem imaginar o quanto ela irá sofrer quando souber a verdade. Isso me arrasa.

Estaciono a moto perto da areia. Caminho por um tempo, em seguida me sento na areia. Está começando a escurecer, um pôr do sol lindo e penso em como Grace gostaria de estar aqui, em como eu queria que fosse possível que ela estivesse aqui comigo.

Como desejo que tudo não seja verdade e sim apenas um engano.

Sinto uma opressão no peito, que sobe para a minha garganta e faço algo que jurei não mais ser possível desde que minha mãe havia partido: eu choro.

Neste momento, a dor é diferente.

Algo que eu não sei se um dia me recuperarei.

Deito na areia desejando adormecer ali mesmo e quem sabe o dia seguinte não me traga algo melhor. No entanto, não posso. Sei que tenho que enfrentar o que me aguarda.

O rosto de Grace está comigo o tempo todo. É um alento lembrar o rosto dela corado quando está feliz. Apego-me nisso para ter forças para fazer o que sei que devo fazer. Sei que ela vai ficar triste e por isso quero guardar comigo a imagem do rosto feliz de Grace. Quero que essa lembrança me acompanhe para sempre.



Chego em casa perto do horário do jantar. Evito passar pela sala principal onde sei que estão meu pai e Luiza, é onde costumam ficar após as refeições. Então, subo direto para o segundo andar.

Antes que eu alcance a porta do meu quarto, Grace surge à minha frente.

Não estava preparado para vê-la, ainda não estou, mas no momento que a vejo, o amor que sinto por ela toma conta de mim.

— Jason? O que aconteceu? Você saiu... sem falar nada...

Não a deixo terminar de falar e a abraço apertado. Quero passar todo o sentimento que tenho dentro do coração para ela.

— Jason? Está tudo bem? — Ela também me abraça, mas a voz revela preocupação.

Afasto-me, pego seu rosto entre minhas mãos e a beijo de leve. Decido que hoje ainda seremos namorados. Decido que hoje não valerá aquilo que tomei conhecimento.

Hoje será apenas eu e Grace e nosso amor. Uma despedida. É o mínimo que merecemos. Porque quando o amanhã chegar, eu terei que magoá-la terminando nosso relacionamento.

— Está tudo bem, princesa. Só fui dar uma volta.

—Mas... e a conversa com seu pai? — pergunta, preocupada. — A pista sobre sua mãe...

— Esquece isso, Grace! Não era nada de mais. Apenas pistas falsas.

— É mesmo? E você me perdoou? Por não ter contado nada?

— Não há o que perdoar, minha linda — digo e a abraço mais uma vez. — Vou tomar banho e espero você no meu quarto. Quero ir para nosso local, sob as estrelas.

Ela sorri de leve.

— Faz tempo que não vamos lá.

— Iremos hoje, princesa.

A beijo novamente, e coloco o pensamento que deseja se infiltrar, o de sermos irmãos, de lado.

Apenas por hoje... Uma última vez. Nós merecemos.

Depois do banho a espero em meu quarto. A casa está silenciosa. Ouço apenas as batidas do meu próprio coração.

A porta se abre e Grace entra devagar trazendo um prato nas mãos.

— Percebi que não comeu, então eu trouxe um sanduíche.

Sorrio para o cuidado que teve comigo. É mais um puxão doloroso no meu peito.

— Obrigado, princesa, mas estou sem fome.

— Bem, vou deixar aqui para mais tarde. Com certeza vai ter fome

Ela senta ao meu lado. Seu rosto ainda está aflito.

— Estou preocupada — ela diz. — Foi ter aquela conversa com seu pai e depois saiu sem falar comigo.

— Não quero que pense nessas coisas. Está tudo bem.

— Tem certeza? Não parece que está bem.

Ela é perceptiva.

— Sim, tem algumas coisas que preciso resolver, mas não é nada com que precise se preocupar.

— Eu amo você, Jason, é claro que me preocupo.

Minha doce menina-mulher. Não quero que ela veja o quanto estou emocionado com sua declaração. Levanto e pego sua mão, saímos pela janela, como fizemos tantas outras vezes.

Nosso local está do jeito de sempre. Eu deito me acomodando sobre as almofadas e a puxo para mim fazendo com que ela deite sobre mim, com seu rosto apoiado sobre meu peito. Ficamos assim por algum tempo. Estou aproveitando o tempo restante que tenho ao lado dela.

— Seu coração está acelerado — ela comenta.

— Sempre fica assim quando estou com você — respondo.

É verdade. Meu coração fica sempre assim, alucinado, perto dela.

Como será depois que nos separarmos?

Percebo o quanto Grace gosta de ouvir como me sinto sobre ela e desde que essa é nossa última noite juntos quero dizer tudo o que está dentro de mim. Não terei outra oportunidade.

— Estou tão feliz — ela diz.

Aqui, agora com você eu também estou, não digo isso alto, apenas em pensamento.

— Também estou feliz — eu falo.

— Meu aniversário é daqui a dois dias. Estou ansiosa. — Ela ergue o rosto e me olha. — Vamos poder ficar juntos.

Meu rosto parece congelado, mas preciso sorrir e conservar a inocência dela.

— Vamos sim, baby. Estou louco pra isso!

— Eu sei — ela brinca, serelepe.

Não me canso de olhar. Quero gravar essas imagens em minhas lembranças. Dela feliz. Comigo. Sei que depois irá me odiar.

— Tenho algo para você — digo e pego o embrulho escondido embaixo das almofadas.

— Um presente? — pergunta surpresa.

Eu dou de ombros.

— Por que não esperou para me dar no dia?

— Eu queria te entregar hoje — minto.

— Ok. — Ela pega o embrulho e parece animada. — O que será?

Eu sorrio.

— Terá que abrir.

O papel vira um amassado e Grace solta uma exclamação de admiração. Ela parece ter gostado do estojo de pincéis.

— Como sabia...

— Que você precisava de um novo estojo de pincéis? Ouvi sua mãe falando outro dia.

Ela se joga em cima de mim e enche meu rosto de beijos.

— Obrigada! — Beijos. — Obrigada — Mais beijos.

Eu sorrio. Ela coloca o presente de lado e se inclina colocando sua boca na minha. Fecho os olhos e não me permito pensar em nada que possa atrapalhar esse momento.

— Vamos ser tão felizes — ela diz com a boca ainda sobre a minha. — Vamos para a faculdade juntos. Depois vamos nos casar. — Ri. — Tenho tudo planejado.

Eu continuo de olhos fechados, apreciando suas palavras mesmo que tudo aquilo não seja possível. Permaneço com os olhos cerrados, pois tenho medo que ela veja o tormento pelo qual passo, tenho certeza de que se os abrir, as lágrimas irão tomar conta do meu rosto.

— Jason? O que foi?

Eu a viro com destreza e me coloco por cima dela, acaricio seu rosto.

— Eu amo você.

Ela sorri.

— Eu também te amo.

— Não se esqueça disso, Grace. Não importa o que acontecer — digo intenso. — Quando tiver dúvidas, olhe para este céu. — Eu olho para o lindo infinito azul pintado de pontos brilhantes acima de nós. — Essas estrelas foram testemunhas do nosso amor, elas sabem o quanto eu te amo e sempre vou te amar.



Estou num campo onde a neblina toma conta de tudo. Mal posso enxergar. Mas posso ouvir. Ouço choro. O choro de Grace. O choro de outra mulher que não sei quem é.

Por que chora, minha doce Grace?

Não chore! Não chore!

Ela chora porque o ama.

Essa voz... é dela... minha mãe.



Sento na cama todo suado. Sonho, apenas um sonho. Respiro fundo. A realidade toma conta de mim. Hoje tenho que encarar a verdade. E fazer o correto.

Levanto e vou tomar um banho. Tenho aula daqui a pouco. Irei encontrar Grace e, dessa vez, não poderei ser o namorado apaixonado.

Estou terminando de me vestir quando penso em me preparar para enfrentar o que o dia irá me trazer.

De repente, a porta do meu quarto se abre e Grace entra correndo me abraçando inesperadamente. Fico sem reação.

— Eles estão tomando café, corri aqui para dar um beijo de bom dia no meu lindo namorado — ela explica, e me beija.

Não consigo não corresponder ao seu beijo, já com saudade dela, com

saudade do que temos, do que poderíamos ter.

Acaricio sua língua lentamente com a minha. Aproveito para sentir seu gosto, para gravar em minha memória.

Depois do beijo de tirar o fôlego firmo meus olhos nos dela. É hora de encarnar o cafajeste que costumava ser.

— Você não devia estar aqui — digo frio, como se há pouco não tivesse me derramado em paixão por ela. — Eles poderiam nos pegar.

— Eles estão lá em baixo... — ela diz, desconcertada.

— Não quero que entre no meu quarto sem bater — digo, pegando minha mochila, sem olhar para ela.

— Jason? O que está acontecendo? — pergunta.

— Bem, não tem um jeito fácil de dizer isso — Inspiro profundamente. — Não podemos ficar juntos.

— O quê?!

— Eu sinto muito — falo, e então olho para ela, que está completamente perdida.

— Jason, o que está acontecendo? — ela questiona novamente.

— Nada de mais, só o que falei — respondo.

— Meu amor, eu te amo. Meu aniversário será daqui a dois dias e então poderemos ficar juntos de verdade...

— Não *podemos*, Grace! — ênfase.

— Por que está dizendo isso? Por que está agindo assim? Eu não estou entendendo...

— Estou terminando nosso namoro.

Grace fica paralisada.

— Você está brincando comigo — ela diz tentando sorrir, mas posso ver

o medo atravessar seu olhar.

— Não estou — sou firme, duro, frio.

Ela se senta em minha cama, olhando para mim como se não conseguisse me ver.

— Eu sei que isso é inesperado, mas sabe que sou assim... Imprevisível — explico. — E no fim não daria certo mesmo. É melhor terminar antes que fôssemos longe demais.

— Para! — ela diz.

— Você é uma menina legal, mas eu quero seguir outro caminho — continuo. — Quero viver intensamente e não quero a vidinha que você programou para nós.

Estou sendo cruel, eu sei.

— Você quer ir pra faculdade e casar. — Eu rio. — Casar?! Imagina se vou me casar algum dia? Eu sigo meu caminho e você faz essas coisas que quer...

— Para com isso, Jason! — ela fala alto. — O que eu quero é ficar com você.

Não sei o que falar mais para deixar claro que acabou. Não quero magoá-la em demasia.

— Por que está fazendo isso? É uma espécie de brincadeira? — pergunta e agora está à beira das lágrimas.

Dói, mas é necessário fazê-la sofrer.

— Você me conhece sabe que sou assim.

— Não! Não é. Você é meu Jason, doce, carinhoso, amoroso. Jamais faria nada para me magoar.

Eu sorrio debochado.

— Acho que não me conhece muito bem, Grace. Não lembra quando

chegou aqui? O quanto eu era um babaca, grosso, mulherengo. Aquele é meu verdadeiro eu.

— Não, não acredito nisso — ela fala. — É por causa da sua mãe? Descobriu algo? E quer ir atrás dela? Eu te espero...

A olho com raiva, meu olhar é de raiva, não dela, nunca dela.

— Não tem nada a ver com minha mãe — explodo. — Será que não pode apenas entender que acabou? — Respiro fundo — Vá para o seu quarto, Grace.

Desvio o olhar do seu, não me permitindo olhar para ela. Continuo mexendo no meu material escolar como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

Sinto ela se aproximar de mim. Tenho que ser forte, pois não sei mais o que fazer para convencê-la.

— Não sei o que está acontecendo com você, Jason, mas sei que esse não é você.

Solto um riso debochado, ainda sem olhar para ela.

— Cuidado para não se decepcionar. Não sou nada do príncipe que espera, Grace. — Respiro fundo. — É melhor você sair.

— Não acredito que possa ter mudado de um dia para o outro. Você acabou de me beijar como um homem apaixonado.

Viro-me para ela, fitando-a nos olhos.

— Você não tem muita experiência com os homens, não sabe como um homem apaixonado se comporta — debocho. — E sobre o beijo... eu só peguei aquilo que me foi oferecido. Provavelmente, a beijaria agora de novo e isso não significaria nada para mim. Apenas mais um beijo em uma garota.

Grace recua, magoada por minhas palavras cruéis. Eu vejo isso em seus olhos. Ela sai do quarto em disparada, e antes de ir posso ouvir o soluço que deixa escapar.

Chego a dar dois passos para correr atrás dela, mas desisto. Não posso. Não é certo. Fiz o que tinha que fazer. Agora tenho que aguentar o suplicio que será vê-la e não poder ficar com ela.

Mal consigo engolir o café. Meu pai me observa e eu o ignoro. Quero sair logo dali, mas sempre espero Grace para irmos à escola e não posso agir diferente hoje.

Às vezes penso em dizer a meu pai e a Luiza o que está acontecendo entre mim e Grace apenas pelo prazer de vê-los sofrer. Mas não consigo. Não quero Grace sofrendo ainda mais.

Luiza chega à mesa com o olhar preocupado.

— Grace não vai à escola. Disse que não está se sentindo bem.

— Algo sério? — meu pai pergunta. Eu mesmo quero perguntar, mas me seguro.

— Não, ela diz que é apenas uma indisposição, mas vou ficar de olho.
— Luiza então olha para mim. — Terá que ir para a escola, sozinho.

Não respondo. Não estou falando com eles. Ainda não consigo superar tudo que esconderam e nem sei se um dia poderei superar.

— Jason? — meu pai me chama. — Será que podemos conversar, filho?

— Não. Você teve tempo demais para conversar — digo frio. — Agora quem não quer sou eu. Estou atrasado para aula.

Saio sem me despedir. Olho para a janela do quarto de Grace na esperança de vê-la, de ter certeza que está bem. Isso não acontece.

Na escola, passo pelas aulas sem prestar atenção em nada. Por sorte, nenhum professor nota minha total falta de interesse.

No intervalo, da segunda aula estou caminhando pelo corredor quando Mônica surge à minha frente e sem que eu espere me dá uma bofetada.

Todos que estão passando param chocados pelo acaba de acontecer. Sinto meu rosto arder.

— Cretino! Como é que você termina o namoro a dois dias do aniversário dela? — indaga, ainda segurando o celular. Provavelmente Grace e ela se falaram há poucos minutos.

— Como ela está? — não resisto em perguntar.

— Com você acha, gênio? Ela está arrasada! Sabe o quanto ela sonhou com esse aniversário? O quanto ela planejou para que tudo fosse perfeito para vocês dois? E aí, você faz isso?

Mônica nunca gostou muito de mim, mas me aceitou por causa de Grace. Assim mesmo tenho que agradecer por ela estar falando baixo ou então todos da escola ficarão sabendo sobre o que falamos.

— Eu sou assim mesmo. Imprevisível. Enjoei dela — debocho.

A raiva de Mônica pode alimentar a de Grace, e prefiro vê-la com raiva a sofrendo.

— Babaca! Você não a merece! — Mônica bufá com raiva. — Não fica no meu caminho, Jason, ou te parto em dois.

Eu não duvido de que ela seja capaz.

Depois do episódio com Mônica continuo assistindo as aulas. Volto para casa e sou informado que Mônica está no quarto com Grace.

Quando passo pelo quarto dela, não resisto em chegar perto da porta para tentar escutar algo.

— Ele não presta, Grace, não deve chorar por este idiota.

— Eu não consigo entender. Ele não era assim.

— Errado — Mônica a corrige. — Ele sempre foi assim, você que quis ver alguém que não existia. A paixão cega as pessoas.

— Não... ele não estava fingindo, eu sinto, eu sei. Jason me ama, Mônica.

Fecho os olhos, encosto minha cabeça contra a porta. Grace tem razão, eu a amo, amo demais. Infelizmente não do jeito que deveria ser, como um

ACHERON - NACIONAIS

irmão deve amar sua irmã.

Sinto novamente aquele formigamento no estômago, estou prestes a explodir. Preciso sair. Preciso extravasar. Sei o lugar certo para fazer isso.

Em poucos minutos, eu chego ao local onde acontecem as corridas clandestinas. Sei que cheguei cedo, mas alguns rapazes já estão aqui, preparados com suas motos.

Logo avisto Júlio, que vem ao meu encontro.

— Cara! Quanto tempo? Sumiu!

O cumprimento.

— E aí, Júlio? Pois é... não deu mais pra vir.

— Veio pra correr?

— É o que eu mais quero.

— Beleza! Vou colocar seu nome na lista.

— Tem lista agora?

— Até as corridas clandestinas se modernizam, cara!

Olho para o lado vendo todo tipo de máquina. Uma mais potente que a outra. É quando um tipo conhecido me chama a atenção. Juan Lorenzo. O dono na oficina em que trabalho. Peço licença a Júlio e vou até onde meu chefe está.

Ele parece entretido olhando a moto de um rapaz com cabelo comprido.

— Juan?

Ao escutar seu nome, ele levanta o rosto.

— Jason? O que faz aqui? — pergunta.

— A minha pergunta seria a mesma para você.

Ele sorri e começa caminhar ao meu lado.

— Não é bom para os meus negócios que os clientes saibam que eu

curto corridas clandestinas.

Entendo a dica dele.

— Não é minha intenção contar a ninguém — respondo.

Ele me avalia por um tempo até dizer:

— Certo.

— Você corre? — pergunto, curioso.

— Corria. Tanto clandestino como profissional.

— Profissional?! Sério?

Juan sorri do meu entusiasmo.

— Sim, infelizmente me machuquei e agora só posso assistir ou consertar as motos.

— Sinto muito.

— Tudo bem, isso já faz tempo.

Em todo o tempo que estou trabalhando para Juan essa foi a nossa conversa mais longa. Ele era na dele, e eu ficava na minha.

— Não sabia que você era o famoso Jason que falam por aqui — ele comenta.

— Famoso? — Rio.

— Sim, que você pilota muito bem, como um profissional.

Eu fico quieto. Em outra hora esse elogio teria sido ótimo para o meu orgulho. Hoje não estou no clima.

— Já pensou em tentar ser profissional?

— Já. Era o que eu queria, mas...

— Mas?

— Não faz mais sentido. Tenho outras coisas para fazer.

Novamente, Juan me analisa.

— Você ainda é jovem. Vou ver como você corre hoje, se eu gostar te darei um cartão. É de um amigo meu que vive no exterior. Ele tem uma equipe que participa da categoria profissional. Se você quiser, está aí a sua chance.

Na hora em que as motos estão alinhadas sinto meu corpo em ebulição. Não tinha noção de como senti falta disso.

Parto em disparada driblando as outras motos e deixando quase todas para trás. Me arrisco mais do que costumava fazer. Quero esquecer tudo o que corroe meu coração nos últimos dias.

Tenho sede de adrenalina, de raiva e isso é uma mistura explosiva. Em minha ânsia sou imprudente e minha moto derrapa, quase caio e provoco um acidente. Contudo, mais adrenalina é injetada em minhas veias. Ela é o antídoto para a dor que me persegue.

A minha motocicleta não é a melhor, e por isso, não chego em primeiro lugar, mas sou amplamente festejado quando retornamos ao ponto de partida.

Pilotar é meu dom, se será meu destino só o tempo dirá.



A casa está escura quando chego. Todos devem estar dormindo. Agradeço por isso, preciso evitar as pessoas dessa casa o máximo possível, para ser exato pelos próximos meses até completar dezoito anos, quando irei embora.

Sinto meu corpo mais calmo depois de todo jorro de adrenalina. Sei que coloquei minha vida em risco, mas e daí? Não consigo me importar menos. Não depois do que tem acontecido na minha vida nos últimos dias.

Entro devagar, preciso de um banho, estou pura poeira e suor. Quando
ACHERON - NACIONAIS

acendo a luz do quarto fico em total choque.

Deitada em minha cama, parecendo uma ninfa da mitologia grega, está Grace, linda, maravilhosa, esplêndida e completamente nua.

Ela tem os olhos brilhantes. Estou vendo uma mulher, uma mulher que se preparou para seduzir seu escolhido.

— Sei que fiz você esperar demais, e por isso quase o perdi, mas agora estou aqui para ser sua, Jason. Faça o que quiser comigo.

Sua inocência me comove, sua sensualidade me fascina.

Tento pensar coerentemente, tento desviar meus olhos, mas apenas consigo arrastar meu olhar por todas as suaves curvas da menina que amo.

Contudo, o juízo rapidamente volta e me viro ficando de costas.

Então em minha cabeça que é errado, que ela é proibida para mim, assim quem sabe posso acalmar meu corpo e meu coração.

— Se vista, Grace — digo rouco, com a voz mais dura do que pretendia.

— Jason...

— Agora, porra! — falo alto.

Ouçó o farfalhar de tecidos e quando noto que ela está vestida me volto para ela. Grace tem lágrimas nos olhos.

— Não faça mais isso, Grace.

— Jason, por favor, eu não sei o que fiz de errado ou por que você mudou tanto, mas... eu te amo.

Engulo em seco. Preciso machucá-la, mesmo que doa muito mais em mim.

— Uma pena pra você, porque eu não te amo.

Ela soluça.

— Você disse... disse que me amava...

— Me confundi, porra! Eu sou um adolescente! Tenho o direito de mudar de ideia.

Ao analisar o rosto dela, vejo que consegui. Grace acredita no que estou dizendo.

Não quero fazê-la sofrer, mas se ela me odiasse logo aquilo passaria, logo iria seguir sua vida e me esquecer.

Agora vê-la sofrer por saber que está apaixonada pelo próprio irmão... Isso eu não suportaria. Eu sei que Grace não suportaria. Ela tem o direito de saber, mas eu espero que Luiza só conte a verdade depois, quando ela estiver mais madura, bem depois que eu partir.

Ela passa por mim e olha dentro dos meus olhos. Sempre desconfiei que ela conseguia olhar dentro de mim e por isso uso minha máscara de babaca insensível.

— Você conseguiu, Jason, fez com que eu consiga novamente te odiar — ela diz e se afasta indo até a porta. — Infelizmente, ainda não deixei de te amar, mas vou conseguir.

Ela então sai e leva meu coração junto.



O aniversário dela chegou. Por ironia do destino acho que era um dos dias mais bonitos que já vi. Um céu de um azul perfeito, nenhuma nuvem. Clima quente. Tudo para que esse fosse um ótimo dia. Contudo, não era. Não para mim.

Escondi-me em meu quarto para não ter que enfrentá-la. Tenho que seguir com o papel de canalha e ignorar que é seu aniversário. Todavia, não posso ficar preso o dia todo neste quarto, e à noite, quando resolvo sair e pegar algo para comer, a vejo.

Ela e Mônica estão juntas, na varanda, prontas para irem ao resort. Era eu quem deveria estar com ela. Porém, isso foi antes de saber a verdade... a maldita verdade.

— Vocês vão se divertir muito — Luiza diz. — É um ótimo resort.

— Vamos aproveitar muito, dona Luiza, pode deixar — Mônica fala animada.

— Grace? Querida? Não está animada para sua noite?

Os olhos de Grace que miravam algo inexistente se voltam para sua mãe, porém ela me vê. O olhar dela é triste, muito triste. É doloroso de ver.

— Estou animada sim, mamãe, não se preocupe — responde por educação, sei que ela não se sente assim, mas Grace jamais faria alguém se sentir mal.

— O táxi chegou! — Luiza anuncia. — Divirtam-se meninas.

Grace olha novamente como se esperasse que eu mudasse de ideia. Desvio o olhar e volto para o meu quarto, com o apetite completamente perdido.

Deitado em minha cama, a única coisa que peço é que estes meses que faltam para que eu possa partir passem voando.



I Don't Want To – Toni Braxton

GRACE

Eu o observo. Observo seus traços. Um dia, ele será um homem muito atraente. Na verdade, já é. Hoje, ele é um garoto lindo. E também é o garoto que quebrou meu coração.

Não é Jason que eu observo pessoalmente, mas, sim, o retrato inacabado que eu fiz dele.

Estou deitada em minha cama observando o quadro que comecei a pintar dele. A pintura está entre as outras que eu fizera, mas esta se destaca por ser o rosto dele. Mesmo inacabada, ela fascina. E ainda que eu esteja magoada com ele, não consigo deixar de apreciar a imagem.

Esses últimos meses têm sido de puro sofrimento para mim. Nunca imaginei que eu e Jason não estaríamos mais juntos. Mas é essa a minha realidade. Por mais que eu não consiga aceitar.

Desde aquele dia em que ele destruiu meus sonhos românticos mal nos falamos. Isso já faz quase três meses.

Todas as noites espero um sinal de que ele mude de ideia, que diga que tudo foi um engano, que diga que ainda me ama, mas nada acontece. Todas as

ACHERON - NACIONAIS

noites choro de saudades, pois estamos perto, mas completamente afastados um do outro.

Penso em todas as possibilidades que possa ter feito com que ele tenha mudado tanto. Será que descobriu algo sobre a mãe e irá partir, por isso terminou comigo? Mesmo que ele tenha negado esse ser o motivo, é a explicação que mais acredito.

Ou talvez ele tenha realmente apenas enjoado de mim, como dissera a Mônica. É a pior das hipóteses para meu pobre coração e por isso pode ser a mais verdadeira.

Tudo o que me disse, todo o desdém que demonstrou por mim não condiz com o modo como ele se comportou nesses últimos meses.

Nesse tempo longe pouco nos vemos, mas quando o vejo, ele nunca está feliz. E o que eu mais temo também não acontece: nunca o vejo com outra garota.

Jason está recluso.

O tempo todo fica em seu quarto e quando sai é com sua moto e então desaparece por horas. Eu sei que ele fica muito na oficina em que trabalha por algumas horas, mas com certeza não é lá que passa todo seu tempo livre.

Será que estará com alguma garota? Pensar nisso me aflige.

Mesmo magoada, eu prefiro tê-lo por perto nem que fosse desta forma do que não o ver mais. O que me apavora é que o aniversário dele é amanhã e sei que então não terá mais motivos para ficar.

Logo, toda a dor que consegui segurar quando ele terminou comigo, irá desabar se ele realmente partir.

Uma lágrima solitária desliza por meu rosto, algo normal. Normal nestes últimos dias. Estou tão cansada de chorar, de sofrer. Quero ser mais forte e não deixar que a rejeição de um garoto me abale dessa forma, mas não consigo. Talvez isso aconteça porque acredito que Jason realmente é meu grande amor.

Mônica diz que vai passar, que irei esquecer e quando me apaixonar de verdade por um homem que me dê valor não irei mais lembrar esses momentos de sofrimento.

Fico me perguntando se isso é mesmo verdade? E quando irá acontecer? Quero muito gostar de outra pessoa. Quero ser feliz.

Ouçõ o barulho de passos e escondo rapidamente o quadro de Jason. Minha mãe entra no meu quarto em seguida.

— Grace? O que está fazendo?

— Nada. Apenas descansando um pouco — digo e volto a me deitar.

— Está sentindo algo? — pergunta, alerta.

— Não, mamãe, estou ótima.

— Não sei... tem estado tão abatida nesses últimos meses, meu amor, tenho quase certeza de que chorou mais vezes do que deixa transparecer.

— Mãe, eu sou uma adolescente. Adolescentes são assim... Instáveis. Você deveria saber.

Sorrio amarga ao ver que repito as palavras que Jason me dissera.

— Eu sei. — Ela sorri. — Eu só estou preocupada.

Uma onda de carinho sobrepõe à amargura e abraço minha mãe.

— Estou bem de verdade, mamãe. Fiz os exames há poucos meses, e a doutora Marta disse que está tudo bem. Não precisa se preocupar tanto — digo com calma. Pego a mão de minha mãe e a coloco em meu coração. — Ele ainda está aqui, ainda um pouco doente, mas funcionando bem.

— Meu doce coração — mamãe diz emocionada.

— Sim — digo.

— Amo você demais, filha, e desde que descobrimos essa doença, penso o tempo todo em como posso fazê-la feliz, em como posso poupá-la das dores da vida, por isso pedi que não namorasse até completar dezesseis anos.

Era uma forma de tentar evitar o sofrimento, um coração partido talvez.

Quero dizer a ela que é tarde demais para isso.

— Tenho um medo terrível de perdê-la. — Ela chora.

Minha mãe nunca havia sido tão franca sobre o que sentia como naquele momento.

— Está tudo bem — eu a consolo. — Nada de mal vai acontecer.

— Desculpe — ela diz fungando. — Eu não deveria agir assim, tenho que ser forte, é você que precisa de apoio e não eu.

— Mãe, vai dar tudo certo. Por todos esses anos nada de mais grave aconteceu. Estou bem, os exames mostram que estou bem. Relaxe.

Após lágrimas, nós rimos juntas.

— É bom ver você sorrir. Está cada vez mais madura, querida. Acho que já está pronta para quem sabe... arranjar um namorado.

Desvio o olhar olhando para baixo não querendo que minha mãe perceba o que certamente está escrito em meus olhos.

— O que é isso? — mamãe pergunta confusa. — Ouviu esse barulho?

— Parecem gritos.

Saímos juntas do quarto. Os gritos ficam mais audíveis: é a voz de Jason. Na sala nos deparamos com Jason exaltado gritando insultos para o Nestor.

— Você não presta! Mentiroso!

— Meu filho, me deixe falar com você, me dê uma chance de explicar.

— Não quero saber!

Jason está visivelmente alterado. Quando vê que olhamos fica ainda mais agitado.

— Vocês dois — apontou para o pai e minha mãe — são dois

mentirosos. Mentirosos do caralho!

Fico confusa. Por que acusava minha mãe?

— Jason... — o chamo. Não suporto vê-lo daquela forma, tão agressivo.

— Não acredite neles, Grace — Ele caminha trôpego em minha direção. —, eles são mentirosos. Eles mentem para você.

— Jason! Pare com isso — Nestor diz com o tom de voz alto.

Para meu espanto Jason tropeça e cai por cima da mesa da sala, quebrando-a. Só então percebo que está embriagado.

— Ah, meu Deus! — mamãe grita ao ver o corte no supercílio dele, logo seu belo rosto está tomado por sangue. — Vou pegar o kit de primeiros socorros.

Nestor ajuda Jason a se sentar, mas ele empurra as mãos do pai que estão sobre ele.

— Não toque em mim!

Me abaixo ficando em frente a ele.

— Jason... — digo com calma. — precisa se acalmar. — Olho o corte acima da sobrancelha dele. Não parece ser grande, mas precisa de cuidados. — Você cortou o rosto e precisa de cuidados.

— Não quero — ele diz.

Consigo sentir o cheiro de álcool em sua respiração.

— Mas precisa.

— Você... você cuida de mim? — pergunta. Parece inseguro.

Não quero sentir meu coração se encher de esperança pelo que ele falou, mas não consigo deixar que uma brecha faça com que sinta uma pontinha desse sentimento; não depois dele passar quase três meses praticamente me ignorando. Eu deveria mandá-lo para o inferno, mas não consigo.

— Claro. Eu cuido de você.

ACHERON - NACIONAIS

Acompanhado por mim e minha mãe, Jason segue para seu quarto. Consigo perceber a animosidade dele em relação a minha mãe e não entendo. Com certeza há segredos que eu não sei, mas irei atrás depois que cuidar do machucado dele.

— Pode deixar que eu cuido do machucado — falo para a minha mãe.

Ela assente.

— Limpe a ferida e desinfete, depois aplique esse cicatrizante e coloque o curativo. Estive olhando a ferida e não é grande, não precisa de pontos.

Eu concordo e ela sai deixando Jason e eu a sós. Ele se senta na cama enquanto eu fico à sua frente. Começo a limpar seu machucado e seu rosto que está todo ensanguentado.

Ele faz uma careta quando aplico antisséptico, em seguida fica quietinho até que eu termine de cuidar de seu machucado.

— Pronto — digo quando termino de colocar o curativo. Olho para ele, que devolve o olhar.

De repente sinto Jason abraçar minha cintura com os dois braços, seu rosto vem para o meu peito. É um abraço forte. Mal consigo respirar. Não consigo ter reação, apenas me deixo ser abraçada.

— Jason?

Ele me aperta mais e, então, começa a soluçar. Ele está chorando. Fico sem saber o que fazer.

— Me abraça, Grace — ele diz com a voz embargada.

Quero recusar. Ele me magoou tanto, mas não consigo e acabo fazendo o que ele pede: o abraço.

Meu coração dispara alucinado. Sinto tanta falta dele. Por alguns minutos me permito imaginar que é como foi há meses, quando estávamos namorando. Que nada mudou.

Sinto quando ele se acalma, pois levanta o rosto, ainda tem os olhos

vermelhos.

Aquela conexão de quando estávamos juntos acontece de novo. Vejo ele se aproximar, sinto seus olhos em minha boca. Quero que ele me beije. Quero muito. Quero beijá-lo. A antecipação toma conta de mim, espero por ele, não quero confundir as coisas. Contudo, Jason se retrai. Afasta-se.

Eu me solto de seus braços. Estou irada.

— Por que faz isso, Jason? Me ignora por meses e agora pede que eu o abrace.

— Me desculpe... eu bebi demais — diz fechando os olhos e caindo de costas na cama.

Respiro fundo para me controlar e fazer todas as perguntas que estão em minha cabeça.

— O que houve lá na sala? Por que estava brigando com seu pai? Chamando ele e minha mãe de mentirosos? O que eles estão escondendo?

— Quantas perguntas — Jason diz, certamente para me distrair.

— Fala, Jason! O que todos estão escondendo? Até você sabe. Pelo jeito sou a única que não sabe nada do que está acontecendo.

— Você só precisa saber que os dois são dois mentirosos do caralho! Isso é o que importa.

— Explique!

— Não vou falar mais nada.

Minha vontade era de sacudi-lo e obrigá-lo a falar.

— Responda porque bebeu tanto, então?

Ele levanta a cabeça e me olha.

— Eu bebi... pra esquecer a porra que é a minha vida — ele diz e volta a deitar a cabeça na cama. — Amanhã é meu aniversário de dezoito anos. Minha mãe disse que quando eu fizesse dezoito iríamos viajar pelo mundo.

Novamente meu coração mole me faz querer abrandar sua dor.

— Ela não estará aqui, mas seu pai estará...

— Não me fale naquele filho da puta!

— Não fale assim. Você não sabe o que é não ter um pai por perto.

Jason se senta me encarando.

— Mas sei o que é não ter a mãe ao seu lado.

— Eu sei, mas como eu ia dizendo seu pai que o ama está, Nico certamente virá celebrar seu aniversário e eu...

— Você também estará aqui, Grace? Irá celebrar meu aniversário? Me dará os parabéns?

Não consigo ficar calada ao lembrar em como ele me ignorou quando eu fiz aniversário.

— Assim como você me deu os parabéns quando eu fiz aniversário? Ou quando me deu um belo presente ao terminar nosso namoro dois dias antes?

Ele baixa os olhos. Eu continuo:

— Mas a pergunta correta é se você vai estar aqui para comemorar?

Ele entende ao que eu me refiro. Novamente olha para mim.

— Vou embora amanhã, Grace.

Eu já esperava por isso, porém nem assim doeu menos.

— Acha que é o melhor para você? — questiono.

— É sim, é o melhor.

— Então é... é adeus. Espero que seja feliz.

Digo as palavras e me viro para sair do quarto dele, não quero que me veja desabar em lágrimas. Quero sofrer em paz.

— Grace? — Sinto sua mão em meu braço, me impedindo de sair.

— O quê? — respondo de costas para ele, as lágrimas já deslizam por meu rosto.

— Não fique com raiva de mim. Sei que fui um babaca, mas... quero seu bem. Sempre.

— Tudo bem, Jason.

Ele me solta e eu saio do seu quarto indo em direção ao meu. Tranco a porta assim que passo por ela. Quero poder chorar em paz sem que seja atrapalhada por quem quer que seja.

Deito em minha cama e me encolho com a certeza de que, provavelmente, aquele tenha sido meu último momento com Jason.



No dia seguinte, antes de todos levantarem, saio do meu quarto. Vejo a porta do quarto de Jason aberta e sei o que vou encontrar ali.

O quarto está vazio. O armário com suas roupas também quase vazias. Sobre a cama há três cartas. Uma para Nestor, outra para Nico e a última para mim.

Olho para as cartas. Quero pegar a que está destinada a mim, mas temo pelo conteúdo dela. Tenho medo de me magoar mais uma vez.

Em meu quarto, com coragem, abro o envelope devagar e leio as últimas palavras que Jason dirá para mim:

Grace,

Princesa, desculpe-me, por deixar apenas esta carta e não me despedir de você pessoalmente, mas pensei que seria mais fácil para nós dois dessa forma.

Eu relutei muito em escrever, porém você merecia ao menos isso, na verdade você merece muito mais, você merece tudo. Sinto muito se te magoei, eu juro que não era o que desejava. Sempre desejei sua felicidade. Nesse momento você deve estar me odiando, mas acredito que em breve entenderá porque tive que partir.

Grace, você me salvou. Depois da partida de minha mãe eu me tornei alguém de que não me orgulho. Estava a caminho de me tornar verdadeiramente um canalha e se não fosse por você certamente eu me tornaria o pior tipo de homem. Mas então eu a conheci e você com seu jeito doce me conquistou. Fui muito feliz nos momentos que passamos juntos e guardarei em meu coração para sempre essas doces memórias, lembranças de uma garota com o coração mais lindo que existe, uma garota com um doce coração, contudo nem sempre as coisas saem como prevemos.

Nunca conseguirei viver em paz se não seguir com o que havia planejado: descobrir o que houve com minha mãe.

Peço perdão por qualquer mal que lhe causei e quero que saiba que me arrependo muito.

Desejo apenas que seja muito feliz, Grace. Seja feliz! Faça o que tem vontade e não a vontade de ninguém. Nem a da sua mãe. Sei que a ama, mas, por favor, pense no que você deseja em primeiro lugar. Não tenha medo de decepcionar outra pessoa, pois tentar agradar aos outros e não seguir seus sonhos será o mesmo que decepcionar a si mesma. Não se esqueça disso.

Enfim, queria lhe dizer que a amo, amo muito, infelizmente não a amo do jeito que deveria amá-la.

Perdão.

Jason

Acredito que não tenho mais lágrimas porque não choro, apenas repito as palavras de Jason em minha cabeça.

“Enfim, queria lhe dizer que a amo, amo muito, infelizmente não a

amo do jeito que deveria amá-la.”

Ali estava claro. Ele não me amava. Ele dizia claramente que me amava, sei lá como uma amiga ou uma irmã, mas não como uma mulher.



Desço as escadas e encontro Nestor e minha mãe tomando café da manhã. Sem nada dizer, entrego as cartas de Jason a Nestor. A minha, é claro, mantenho em segredo.

Nestor lê a carta dirigida a ele. Depois de alguns segundos vejo o pai de Jason não segurar a emoção.

— Meu filho foi embora— fala triste.

— Ah, querido, sinto muito — mamãe consola o marido.

— Por que o deixou ir? Ele foi embora por sua culpa! — não resisto em acusar.

— Grace! Não diga uma coisa dessas — mamãe me interrompe.

— Na verdade, foi algo que ele descobriu, algo que vocês mentiram e que ele descobriu que o fez partir. Por isso, a culpa é de vocês.

Toda a dor que eu sinto está me sufocando. E também quero saber por que Jason os acusava de serem mentirosos.

— O que ele descobriu? — indago.

— Grace...

— Eu quero saber... eu e Jason éramos... amigos. Ele estava bem, de repente ficou estranho e resolve partir. Algo grave aconteceu. É algo sobre a mãe dele?

Vejo os dois se olharem. Parecem decidir se me contam a verdade ou

ACHERON - NACIONAIS

não.

— Já devíamos ter contado a você — mamãe começa a dizer. Posso sentir que está nervosa. — Mas então eu não quis perturbá-la, por conta de sua doença.

Olho descrente para minha mãe. Ela nunca havia falado sobre minha doença na frente de outras pessoas. Era um segredo apenas nosso.

— Nestor sabe, querida — ela responde a pergunta que não preciso fazer.

Minha mãe vem até mim pegando minhas mãos juntas e olhando-me fixamente.

— Eu menti para você por muitos anos, meu amor.

— Mentiu sobre o quê? — indago confusa.

— Sobre... sobre quem é seu verdadeiro pai — ela hesita antes de soltar a frase que jamais pensei escutar na vida. — Nestor é seu pai, querida.

Devagar, eu olho para o homem que me encara naquele momento. Nestor sempre foi muito bom comigo, mas não pode ser meu pai.

— Por que está falando isso, mãe? — pergunto em choque. — Por que essa brincadeira?

— Não é brincadeira, meu anjo. Nestor é seu pai.

Eu balanço a cabeça negativamente. Não pode ser.

— Eu já tenho um pai. Ele se chamava Carlos e morreu em um acidente aéreo.

— Filha, Carlos também foi seu pai, mas não era seu pai biológico.

— Não! Não pode ser. — Afasto as mãos de minha mãe de mim. — Por que essa mentira por todos esses anos?

— Filha, escute, eu e Nestor nos conhecemos na adolescência, nos apaixonamos, namoramos, terminamos por bobeira. Anos depois nos

encontramos e acabamos ficando uma noite juntos, eu já estava com seu pai... com Carlos. Bem, só nos reencontramos muito tempo depois quando descobri sua doença. Eu precisava saber se na família dele havia casos como o seu. Foi quando ele começou a visitá-la.

— Meu Deus! Então, isso é mesmo verdade? — Me desespero.

— É sim.

Olho para Nestor.

— Eu sou sua filha?

— Sim, querida, você é. Me sinto muito feliz em ser seu pai.

Fecho os olhos e deixo as lágrimas rolares por meu rosto.

Eu e Jason somos irmãos! É um pesadelo.

— Era por isso que Jason falou aquelas coisas, que vocês eram mentirosos — afirmo.

— Sim, ele estava revoltado.

Eu também estou, mas não digo nada a eles. Levanto da cadeira e começo a sair da sala.

— Grace? Querida? Você não vai dizer nada?

— Não sei o que falar no momento. Prefiro ficar sozinha.

Sigo para meu quarto, estando lá pego a carta que Jason me deixou. Agora estava tão claro o comportamento dele nos últimos meses quando descobriu o que éramos um do outro.

Todo aquele desprezo, tudo o que ele disse... nada era verdade. Ele estava tentando me proteger. Me proteger da grande e nojenta verdade.

Agora estava tão claro aquelas palavras em sua carta: *“amo muito, infelizmente não a amo do jeito que deveria amá-la”*.

Ele queria dizer que me amava como mulher em vez de como irmã, como deveria ser, e por isso estava indo embora.

ACHERON - NACIONAIS

Um soluço me escapa. A desilusão toma todo meu corpo. Estou desiludida pelo destino que nos uniu sem a possibilidade de ficarmos juntos. Choro por este amor proibido e agora sei que não há retorno.

Somos proibidos um para o outro e jamais poderemos ficar juntos.

Estou apaixonada pelo meu irmão, que também me ama.

Isso é errado.

Só me resta aceitar.

E nunca mais pensar sobre esse amor proibido...

CONTINUA...



DOCE CORAÇÃO

Verdadeiro Amor

Livro II

Após descobrir que ama seu próprio irmão, Grace decide esquecer aquele amor proibido e tentar viver sua juventude. No entanto, parece que seu doce coração não deseja continuar vivendo. Gravemente doente, Grace descobre que o verdadeiro amor pode estar muito mais próximo do que ela imagina.

ACHERON - NACIONAIS

Ter sentimentos por seu grande amigo não é o que a jovem espera. Contudo, o amor que descobre sentir por Nico faz com que lutar por sua vida tenha um novo significado.

Entretanto, o retorno de Jason, depois de cinco anos, agora um piloto famoso de motovelocidade, abala Grace e pode colocar dúvidas no coração da jovem mulher.

Revelações inesperadas mexem ainda mais com esse triângulo amoroso e as consequências podem ser muito maiores do que apenas um coração partido.



NOTA DA AUTORA

Olá, queridos leitores.

Será que desejam o figado desta autora que termina o livro bem desse jeito?

Quero então me explicar e deixar um convite. Nesta primeira parte temos esse lindo amor proibido entre Grace e Jason. Será mesmo proibido? As respostas virão em breve na continuação deste livro.

Verdadeiro Amor, o segundo livro da série, irá se passar dois anos depois dos acontecimentos de *Amor Proibido* e nos contará outra história, que irá emocionar por conta dos acontecimentos que ficaram sem respostas no primeiro livro, como, por exemplo, a doença de Grace e um novo e verdadeiro amor florescendo.

Por isso, meus queridos, lhes deixo este convite para que acompanhem a continuação deste lindo romance que mostrará a vida dos três jovens através dos anos. História que se entrelaça sempre com muita emoção, amor e amizade.

AGRADECIMENTOS



Desejo agradecer todas as minhas amigas e leitoras que ainda, com paciência e carinho, me acompanham neste tempo em que resolvi compartilhar minhas criações literárias. Vocês são tudo que um autor pode querer como leitor, obrigada!

A minha família, meus pais, meus irmãos, meu sobrinho, meus tios, meus primos, obrigada pelo apoio.

À Paulo, meu marido, este livro é para você, meu eterno *bad boy*.

Dê uma espiada em:





Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida. Depois de tudo que passei, os últimos anos têm sido uma bênção para mim. Só existe felicidade.

Tive que quase morrer para então encontrar o amor. Amo com todo meu coração e sou amada de igual maneira. E hoje se tornará oficial aquilo que já sinto dentro de mim há bastante tempo. Hoje ficarei noiva do homem que amo. Não há dúvidas de que o amo. Ele foi meu porto seguro nos momentos de maiores dificuldades da minha vida. É com ele que desejo passar todos os dias da minha vida.

Agora que estamos descendo as escadas juntos, de mãos dadas, para receber os cumprimentos dos nossos amigos, familiares, pelo nosso noivado, só posso sorrir.

Mas então meu sorriso paralisa e sinto minha mão tremer.

Isso acontece por dois motivos.

Primeiro pelas palavras que Nico sussurra ao meu ouvido:

— Esqueci-me de dizer, consegui falar com Jason, ele está aqui.

E depois porque o vejo pessoalmente depois de tanto tempo.

Não tem como não o notar. Ele chama a atenção. Acredito não somente a minha, mas de todos os presentes.

O homem parado, quase na porta de entrada, com seu jeans surrado e jaqueta escura, parece não pertencer a este lugar.

Eu o havia visto na televisão algumas vezes, mas é diferente quando é de verdade. Quando ele está a poucos passos de mim.

E por mais que meu amor por Nico seja a coisa mais forte e sólida que posso imaginar, ver Jason me abala um pouco. Ele foi no passado o garoto pelo qual tive os mais lindos sentimentos. Meu primeiro amor. Contudo, ninguém mais sabe disso, a não ser eu e ele porque aquilo foi um erro.

Jurei nunca mais pensar nisso, e muitas vezes consegui. Consegui esquecer que fui apaixonada por ele, por meu irmão.

Eu guardo esse segredo no fundo da minha mente e do meu coração.

Ele ainda é meu irmão.

Agora, acredito que possa oferecer o amor certo a ele, o amor de uma irmã.

Encontro o olhar de Jason e sinto um arrepio. Ele não é mais o mesmo. Não é mais um garoto. Agora é um homem. Um homem que não conheço. Mas seu olhar... seu olhar é o mesmo de anos atrás. O olhar que me faz lembrar todos os momentos daquele amor proibido.

BIOGRAFIA



JFB BAUER

JFB Bauer, pseudônimo da estudante gaúcha de Letras, sempre gostou dos livros, no entanto começou a escrever somente há dois anos.

Quando um homem ama uma mulher foi seu romance de estreia na ACHERON - NACIONAIS

literatura em 2014, na Amazon. Com este livro obteve um grande número de leitores, o que a levou a assinar com uma editora para a publicação do formato impresso. No mesmo ano, publicou *PiLantRas*. E em 2015, os romances *Imperfeito Amor* e *O Primeiro Forasteiro*, todos na Amazon.

Suas maiores inspirações são as autoras americanas Tammara Webber e Jane Harvey-Berrick. JFB Bauer também é muito fã de Nicholas Sparks o que levou algumas de suas leitoras a chamarem de: *Sparks de saias*. Mas a autora tem amor pelo coração de suas leitoras e não pretende matar os personagens como Sparks costuma fazer.

Ju, como gosta de ser chamada, mora em Porto Alegre com o marido.







[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Seria possível mensurar o amor de um homem por uma mulher? E quando este amor é tão grande que afronta inclusive a rejeição da mulher amada...

O senador Richard Walker terá um árduo desafio pela frente, maior até do que ganhar as próximas eleições. Terá que convencer a mulher a quem ama, de que não é corrupto nem desonesto como a maioria dos políticos da face da terra. Richard teria que derrubar as barreiras que a jornalista Emma Morris construiu em torno de si mesma para bloquear o amor...

Filha de um ex-senador da República, preso por corrupção, Emma não acreditava no mundo político e muito menos na corja de parlamentares, já que o próprio pai, a pessoa que mais amava no mundo, foi capaz de decepcioná-la. Em consequência daquele fato, ela também havia se fechado para o amor. Contudo, Emma aprende que nem sempre podemos julgar a todos, nos baseando no ato falho de alguns. Após rejeitar o maravilhoso senador Walker, aprenderá com a dor, que o amor tudo perdoa, tudo suporta, tudo crê...



[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Duas irmãs se amavam e eram unidas acima de tudo, porque não havia nada que uma não fizesse pela felicidade ou pela segurança da outra. Órfãs desde pequenas, sempre cuidaram do bem-estar em comum. A vida não havia sido gentil com as jovens, mesmo sendo detentoras de grande beleza, nada parecia ser fácil para elas. A beleza exacerbada de ambas acabou muitas vezes se tornando um problema colossal...

Assim começou a vida de pilantragem das duas moças. Pequenos golpes aqui, leves furtos ali e uma grande enxurrada de trambiques, faziam parte do currículo das meninas. Contudo, uma vida levada assim, sempre cobraria um preço alto.

De repente, Luciana e Rachel percebem a grande chance de acabar de vez, com a vida de PILANTRAS que levam. Porém, um arriscado golpe seria necessário: roubar um famoso diamante que pertencia a um renomado magnata. Decididas a não fracassar, elas bolam um perigoso jogo de sedução... Uma seduziria o pai e a outra o filho, o dono e o herdeiro da espetacular pedra preciosa. No entanto, quando se brinca com fogo, geralmente, alguém acaba se queimando...

ACHERON - NACIONAIS

Indicado para maiores de 14 anos.



Impresso e digital:

[>> Editora Planeta Literário <<](#)

[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Vivemos em busca do amor perfeito. E o que fazer com as dificuldades da vida quando se almeja algo tão irreal?

Maia nunca imaginou que o destino tornaria seu amor platônico uma realidade.

Acreditar que o Dr. Rodrigo Ferraz, o homem mais cobiçado da cidade, teria seu relacionamento perfeito com Olívia acabado, era praticamente impossível!

Contudo, a perfeição que uniu o casal mais afamado do município, não

foi o bastante para o famoso felizes para sempre.

Partindo misteriosamente, Olívia abandona o marido e o filho pequeno deixando uma ferida aberta no coração do nobre médico.

Quem sabe, o amor verdadeiro não nasce das imperfeições?

Com essa nova perspectiva, Maia tem a chance de viver seu grande amor... que, infelizmente, não dura eternamente!

Alguns anos depois, em uma noite chuvosa, os dois se veem frente a frente. Ao se olharem, percebem que os sentimentos que os uniu no passado, ainda estão vivos em seus corações...

A partir daí, Maia faz uma retrospectiva do romance e dos motivos aos quais os levaram a desistir tão precocemente de um Imperfeito Amor.

IMPERFEITO AMOR trata da busca pela perfeição, do medo quando as coisas não saem como planejamos, da baixa autoestima que faz nos contentarmos com pouco. É um romance que ensina a amar a todos com seus defeitos e imperfeições.

Romance indicado para maiores 14 anos.



[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Alex Stevens foi o nome que o famoso ator de cinema Oliver Hunter assumiu há seis anos, após um grave incidente mudar sua perspectiva sobre a vida.

Escondido de todos, inclusive dos pais, a culpa é sua única companheira. Dentre as pessoas que ele prejudicou no passado está seu irmão Ryan. Então, Oliver/Alex acredita também não ter direito à felicidade.

Andando de cidade em cidade, ele vive um dia de cada vez, partindo assim que acha que pode ser reconhecido, até chegar a uma pequena cidade na Carolina do Sul e ver o destino colocar à sua frente uma linda garota.

Ele tenta resistir à paixão que sente por Amanda e quando, finalmente, se entrega ao amor, o passado retorna para assombrá-lo em coincidências jamais pensadas e totalmente indesejadas.



[>> Compre com 1-Clique! <<](#)

Após estar preso por seis anos, acusado de ter atropelado e matado o jovem Henry Waylon, Ryan Hunter decide recomeçar sua vida longe de todos que o conhecem.

Seguindo a vida de forasteiro, uma de suas paradas é na Geórgia, mais precisamente na cidade onde está enterrado o corpo de Henry.

Desejando colocar um ponto-final naquela história e seguir sua vida, o forasteiro é surpreendido ao reencontrar a noiva da vítima: Emily.

No primeiro encontro, ela deixa claro que o odeia, mas surge entre os dois uma atração incompreensível e inegável.

Apaixonado, Ryan terá que fazer uma difícil escolha: deixar que Emily pense que ele foi o culpado pela morte de seu noivo e perdê-la; ou contar a verdade, colocando em risco a sua liberdade e a do irmão, a quem quis proteger ao assumir um crime que não cometeu.